

150 a
A MAÇONARIA E OS JESUITAS

INSTRUÇÃO PASTORAL

do

Bispo de Olinda

Verbum Dei non est alligatum
(2 Tim. c. 2 v. 9)

Edição comemorativa

do

Primeiro Centenário

do Nascimento do

GRANDE BISPO BRASILEIRO

em

— 27 de Novembro de 1944 —

Rio de Janeiro

Tip. da Fundação Romão de Matos Duarte

— 1944 —

As Sociedades, que se
da constituição (no
de fronteiras, (na
Olinda
operação (na
"Litteris" de fundação
do "Litteris" de fundação
Setembro, 23
1951

Livraria 2 Silverio

Livros Compramos e Vendemos

Av. Passos 22 - Loja A - Centro

Rio de Janeiro - RJ - CEP 20051-040

TEL.: 2221-9308 / 3852-4225

E-mail: livraria2silverio@bol.com.br

Concordat cum originali
Ex commissione Curiae Metropolitanae

Flumine Januario, 27 novembris 1944

P. J. Coelho de Souza, S. J.

Comissão de Inquérito
do Conselho de Estado

Luís de Sousa
27 de Novembro de 1944

Apresentamos
esta Edição como
HOMENAGEM COMEMORATIVA DO:
1.º CENTENÁRIO DO NASCIMENTO DO
GRANDE BISPO BRASILEIRO
— em 27 de Novembro de 1944 —

—::—
SECRETARIADO NACIONAL DE
DEFESA DA FÉ

—::—
CONFEDERAÇÃO DAS CONGREGAÇÕES MARIANAS
DO BRASIL

—::—
A C R U Z — SEMANÁRIO CATÓLICO
DO RIO DE JANEIRO

J. Alves

NO CENTENÁRIO DE DOM VITAL

Cultores da memória de Frei Vital Maria Gonçalves de Oliveira, admiradores das intemeratas atitudes e dos nobres gestos desse nosso grande bispo, resolveram comemorar, convenientemente, a passagem do primeiro centenário do seu nascimento.

Foi essa uma idéia feliz, um preito de justo reconhecimento áquele que tanto trabalhou na vinha do Senhor, que tanto fez pela Igreja no Brasil e que deixou exemplo de virtudes públicas e privadas, tornando-se o seu nome uma verdadeira bandeira sob a qual se acolhem os combatentes do bom combate. Eis a razão pela qual o transcurso dessa memorável data tanto entusiasmo tem despertado entre os nossos católicos.

Entre as homenagens prestadas ao grande e ínclito D. Frei Vital, pela passagem do centenário do seu nascimento, uma das mais expressivas e adequadas é, certamente, a reedição de sua carta pastoral sôbre a Maçonaria, que é inimigo tradicional e irreconciliável da Igreja, numa pugna incessante e que, há séculos, se vem prolongando.

A pastoral de D. Frei Vital sôbre a seita maçônica como que resume a razão de ser da existência do ilustre prelado, cuja vida por sua vez parece reproduzir, num lapso de poucos anos, vários séculos da história eclesiástica, que é a história da luta entre o bem e o mal, entre a verdade e o erro, entre Cristo e Satanaz.

Convidado a escrever algumas palavras do prefácio ao trabalho de D. Vital, ora reeditado, de começo hesitamos ante a honra e a importância da tarefa, mas cedemos, finalmente, em face do desejo de algo fazer para que se torne mais conhecido o nome do grande pastor do rebanho de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Resolvemos, pois, traçar alguns períodos sôbre D. Vital e a Maçonaria.

O PODER DAS TREVAS

É incontestável a existência de uma potência oculta chamada o poder das trevas, isto é, a força do demônio, as potestades infernais, esse poder do mal age por intermediários, por elementos vários colocados a seu serviço, que se tornam simples autômatos, executores de

ordens emanadas de antros, onde se conspira contra a ordem social, política e religiosa.

Entre os agentes do poder das trevas a maçonaria ocupa lugar de máxima importância e é, por assim dizer, o centro coordenador de todos os elementos que combatem contra a religião cristã, em geral, e contra o catolicismo, de modo particular. As origens dessa sociedade são incertos e a data de sua fundação perde-se nos séculos da história. Os próprios maçons disso fazem alarde e blasonam da antiguidade a que pretendem remontar, embora não seja esta tão grande quanto se diz.

A lenda atribue a paternidade da maçonaria a Hiram, arquiteto do templo de Salomão, que dividira seus artifices em três categorias: aprendizes, companheiros e mestres. Querem outros que essa associação esteja ligada às corporações de operários estabelecidas, em Roma, por Numa Pompílio, em 715. Não poucos autores filiam a maçonaria ao paganismo, por meio de misteriosas iniciações; dizem alguns que provem da Ordem do Templo ou das corporações de mistérios organizados na Idade Média, ao tempo das construções das grandes catedrais. De qualquer modo sua ação se faz notar mais audaz e mais eficiente nos tempos modernos.

A maçonaria diz-se nacional e o é de algum modo pela sua origem, pelos seus centros e lugar de funcionamento; é internacional pelos seus estatutos pelos gãos que distinguem seus membros, e pelo auxílio que universalmente se prestam os componentes dessa organização.

Léon de Poncins, estudando as forças secretas da revolução, faz judiciosas observações acerca da influência decisiva que o judaísmo internacional exerce sobre os Orientes e as Lojas, no mundo inteiro.

Os autores clássicos maçônicos, quando se referem à seita, salientam, em primeiro lugar, o caráter universal da mesma.

Stevens, em 1858, por intermédio do Grande Oriente da Bélgica, declarou que a "Maçonaria não reconhece maçons belgas, franceses, alemães, católicos, protestantes; é uma associação cosmopolita de todos os países e de todos os cultos; seus princípios e estatutos são universais".

Outros veneráveis e graduados das Lojas, em escritos e discursos, em ocasiões solenes, inúmeras vezes, sem contestação alguma, não cessam de sustentar o caráter internacional e cosmopolita da viuva de Hiram.

Afirmam certos autores que a maçonaria é pura e simplesmente uma criação do judaísmo; sustentam outros que essa associação, em seus começos, era uma instituição útil e digna, a qual, posteriormente, se afastou de seus destinos humanitários e nobres, caindo às mãos do judaísmo, que a converteu em instrumento e arma de combate contra

Cristo e a Igreja. É absolutamente fóra de qualquer contestação que, em nossos dias, os judeus e maçons, de mãos dadas, no mundo inteiro, trabalham em prol da vitória da revolução universal, sôbre as ruínas da civilização cristã.

O espírito judaico, essencialmente anti-cristão, prevalece, em nossos tempos, em tôdas as Lojas, algumas das quais, como a dos Bnai-Brith, são compostas exclusivamente de judeus.

As teorias, os símbolos e os ritos maçônicos, segundo afirma Poncins, são de origem judaica. E melhor do que quaisquer considerações doutrinárias ou filosóficas, os fatos dos tempos pretéritos e hodiernos provam, manifestamente, a existência de perfeita e indissolúvel aliança entre o judaísmo internacional e a maçonaria cosmopolita, em perpétua união de vistas para a eliminação total dos elementos cristãos de nossa civilização.

E como a Igreja Católica é o mais poderoso baluarte do cristianismo, contra a mesma os Orientes e as Lojas assestam suas mais poderosas baterias, desferem os mais rudes golpes e dirigem os mais furiosos ataques.

A MAÇONARIA E A IGREJA

Conhecedora perfeita da ação deletéria e da penetração solerte do espírito maçônico no campo social, político e religioso, a Igreja Católica, desde que percebeu a influência perniciosa dêsse poder oculto e misterioso, fulminou com sua condenação as sociedades secretas.

Citaremos alguns dos Sumos Pontífices que condenaram a maçonaria. Clemente XII, em 28 de Abril de 1738 pela encíclica *In Eminentí*, anatematizou a seita maçônica, Bento XIV, em 18 de Maio de 1751, pela constituição *Providas*; Pio VII, em 1821, pela constituição *Ecclesiam a Jesus Cristo*; Leão XII, em 13 de Março de 1826, na bula *Quo graviora*; Pio VII, em 24 de Maio de 1839, na encíclica *Tradit*; Gregório XVI, em 15 de Agosto de 1832, na encíclica *Mirari*; Pio IX, por diversas vezes, condenou a seita nefanda: na encíclica *Qui Pluribus*, de 9 de Novembro de 1846; na alocução *Quibus quantisque*: de 20 de Abril de 1849, na encíclica *Noscitis et nobiscum* de 8 de Dezembro de 1849; na alocução *Singulare quadam*, de 9 de Dezembro de 1854; na encíclica *Quanto conficiamur maerore*, de 10 de Agosto de 1863, e na constituição *Apostolicae Sedis*, de 12 de Outubro de 1869; Leão XIII, na constituição *Homanum Genus*, de Abril de 1884, renovou as condenações de seus predecessores e, finalmente, S. S. Bento XV, no novo código de direito canônico (c. 2.335) declarou incorrerem em "ex-comunhão

reservada à Santa Sé, todos aqueles que dão seu nome a uma seita maçônica, qualquer que ela seja", ainda que não assistam a suas reuniões e nem tomem parte ativa nos trabalhos.

Em face de semelhantes documentos emanados, oficialmente, da autoridade suprema da Igreja, ninguém, de boa fé, poderá sustentar que não exista antagonismo entre a maçonaria e o catolicismo. O católico não pode ser maçã, nem o maçã ser católico.

A MAÇONARIA E O EPISCOPADO

Estado maior da Igreja é detentor da autoridade eclesiástica, o episcopado é o elemento constitutivo da hierarquia sagrada.

Os bispos são verdadeiros sucessores dos Apóstolos e, consequentemente, é no próprio colégio apostólico que se encontra o germe do episcopado, segundo os ensinamentos da teologia dogmática. Direitos, deveres e privilégios especiais marcam o lugar dos bispos na Igreja e os distinguem dos fieis e dos simples sacerdotes.

São pois, guardas do rebanho do Senhor e pastores dos pastores das ovelhas do Bom Pastor.

Nesse caráter e no desempenho de sua missão sublime e grandiosa, devem gritar ao lobo voraz, quando este se aproxima do rebanho, que dorme tranquilo na calada da noite...

Eis o motivo pelo qual tantos e tantos bispos no mundo cristão, pereceram às mãos do poder das trevas, caíram sob o punhal, ou veneno, ou a bala, de sicários da pior espécie. Em dolorosa via crucis, não poucos foram arrastados aos cárceres de envolta com criminosos comuns, conduzidos à barra dos tribunais e julgados como traidores ou rebeldes... Outros sofreram calúnias infandas; insultos soezes lhes foram atirados e sorveram em silêncio, até as fezes, o cálice de amarguras tremendas, só de Deus conhecidas.

Pelo mundo inteiro, onde a hierarquia católica se encontra organizada e em plena obra de apostolado e apascentamento do rebanho de Nosso Senhor Jesus Cristo, não terá faltado aos bispos sofrimentos provenientes dessa potência maléfica, que está ao serviço do inferno. Não é de admirar, pois, que ao episcopado brasileiro não haja faltado o martírio e, vez por outra, num ou outro ponto do território nacional, se tenham registrado choques mais ou menos declarados, mais ou menos violentos, entre católicos e maçãs.

Certamente a nenhum dos nossos bispos terá faltado sua via dolorosa e um cálice de amarguras — tudo preparado pelo poder das trevas e servido pela maçonaria.

A MAÇONARIA NO BRASIL

Transplantada do Velho Mundo para as plagas americanas, a Maçonaria aqui se instalou, atuando de acôrdo com as circunstâncias, no fito de realizar o seu programa de descristianização da Terra de Santa Cruz, tendo o cuidado de velar, o mais possível, os nefandos instintos de que estava animada.

A maçonaria brasileira herdou a velha tradição portuguesa da preeminência do poder civil sôbre a autoridade eclesiástica.

Apesar das condenações formais e nominais das sociedades secretas, que a igreja considera como inimigas declaradas, há alguns que afirmam, gratuitamente, que a maçonaria brasileira não hostiliza o catolicismo e, que, portanto, não caem sôbre a mesma as condenações pontificias e os anátemas dos Santos Padres. E assim muitos, incáutos ou ignorantes, dão seu nome à seita e se inscrevem nas hostes dos inimigos da sua religião.

Entre os defensores de tão insustentável tése, há certos simplórios e ingênuos, que, desconhecendo os tenebrosos segredos e a atuação satânica das Lojas, entendem haver uma separação abismal entre a maçonaria brasileira e a dos outros países. Na maioria, porém, os paladinos da inocente maçonaria brasileira falam, com pleno conhecimento de causa, buscam ilaquear a boa fé e o pouco escrúpulo de católicos que se deixam arrastar pelas aparências exteriores de uma falsa beneficência, que, à fôrça de ser trombeteada aos quatro ventos, adquire fóros de verdade histórica.

O poderio dessa negregada sociedade reside em seus ardis e em seus segredos. Conscia da própria fraqueza, trata de angariar, entre tôdas as camadas sociais, o maior número possível de conscritos, os quais, no entanto, ficam à porta do simbólico templo salomônico, ignorantes por completo do programa político, moral e religioso da sociedade a que pertencem e a que estão ligados por tremendo juramento. Depois, a maçonaria prevalece-se do número de seus aderentes e alardeia influência e poder.

Apesar de sigilo guardado pelos tripingados, vez por outra aparecem documentos insofismáveis, que desvendam as ligações existentes entre a maçonaria brasileira e os grandes Orientes de países estrangeiros.

O artigo segundo do primeiro título da constituição maçônica do Brasil determina expressamente que a mesma proteja "todos os mações" espalhados sôbre a face da terra" e permite ainda que trabalhem sob seus auspícios Lojas de qualquer rito.

É sabido e ninguém contestará a troca oficial de pranchas entre o Grande Oriente do Brasil e os da Europa.

O célebre maçônico "Ponto Negro", na exposição dos princípios da seita diz: — "A maçonaria brasileira é representante das mesmas máximas que acima indicamos e que são as de tôdas as suas co-irmãs do universo. Os princípios expressos em sua constituição tinham-se áqueles.

O desenrolar da questão religiosa, que marcou o declínio e o ocaso do império, fornece mais que sobejas provas da aliança existente entre a maçonaria brasileira e a dos outros países estrangeiros.

A vida e as lutas de Dom Frei Vital nos tirarão qualquer dúvida a esse respeito.

Dirá alguém, talvez tenha sido assim nos tempos do império, no período da Igreja unida ao Estado; mas, hoje, a maçonaria nada tem que ver com a política e não combate mais o catolicismo.

A essa afirmação ingênua, quando não forjada pela má fé, responderemos com documentos e palavras da própria seita maçônica.

O congresso maçônico rio-grandense, de 22 a 26 de Junho de 1902, entre outras cousas, determinou: "A maçonaria tratará de combater o clericalismo nos estados, negando aos padres recursos de qualquer espécie. A maçonaria tratará de demonstrar que a Igreja Católica Apostólica Romana, não é a executora dos princípios do cristianismo".

O congresso maçônico brasileiro do Lavradio, em 1910, votou a seguinte resolução:

"A maçonaria se empenhará para que seja supressa a legação junto à Santa Sé; que se torne obrigatória a precedência do casamento civil; que se decrete o divórcio a vínculo; que se negue a competência especial aos representantes das religiões para a catequese e civilização dos selvagens; que seja condenada como contrária à moral, retrógrada e anti-social, a existência de corporações religiosas, que segregam seres humanos da sociedade e da família."

Poderíamos ajuntar outros documentos não menos valiosos, tais como as teses do congresso maçônico brasileiro, publicadas em 1912, em o "Jornal do Comércio".

Pertence aos nossos dias a campanha cerrada que, por todos os meios, a maçonaria moveu contra as emendas religiosas e as reivindicações católicas, ao tempo das reformas constitucionais.

E depois de tudo isso, em face de tantas provas e de tantos documentos, venham alguns declarar que a maçonaria brasileira não combate a religião nem interfere nas questões políticas.

Em nossos dias, vemos que a maçonaria está em franca e aberta atividade, na metrópole do país, nos nossos grandes centros urbanos e até nas pequenas cidades do interior, as Lojas se abrem, promovem solenidades e iniciam, ostensivamente, novos irmãos.

Diante de tudo isso, só resta aos católicos verdadeiros e sinceros o dever de solidariedade incondicional à Igreja de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Depois destes sucintos períodos sobre a história das atividades maçônicas, passemos a considerar o vulto e a projeção do grande bispo cujo centenário o Brasil comemora.

O ATANASIO BRASILEIRO

Na história dos primeiros séculos do cristianismo avulta a figura do célebre patriarca de Alexandria, que foi elevado às honras dos altares, Santo Atanásio, duplamente memorável pela nobreza de sua independência e pela sua coragem indomável.

D. Vital o bispo-mártir, o nosso grande herói da fé, recebeu o cognome de Atanásio Brasileiro e bem o merece, pela intrepidez de suas atitudes e pela energia com que defendeu os sacrossantos direitos da nossa religião. É um nome que merece ser lembrado, é uma vida que deve ser contada, pois o grande bispo de Olinda não foi um homem como os outros, porquanto se destacou não apenas no cenário político e histórico do II império, mas se projetou pela Igreja universal, deixando exemplos de virtudes, que devem ser imitados, para glória do Senhor, honra da Igreja e exaltação do Brasil.

Aos 27 de Novembro de 1884, no sítio Jaqueira, em terras do Engenho "Aurora", pertencente ao município de Pedras de Fogo, antiga província, ora Estado da Paraíba do Norte, nasceu aquele que, mais tarde, passaria à história com o nome glorioso de D. Frei Vital Maria Gonçalves de Oliveira, que ilustrou a tradicional séde episcopal de Olinda. Foram seus pais legítimos o Capitão Antônio Gonçalves de Oliveira e D. Antônio Albina de Albuquerque, pertencente esta a notável e antiga família pernambucana; foi levada à pia batismal a 2 de Janeiro de 1846, servindo-lhe de padrinhos Antônio José Cesar de Albuquerque e D. Rosa Maria de Melo.

Educado nos princípios religiosos e cercado de um ambiente cristão, desde cedo começou a revelar o que seria mais tarde. Iniciou seus estudos na escola pública de Itambé e pouco depois matriculou-se no Colégio de Bemfica, em Recife. Inflamado de amor a Deus e zelo pela salvação do próximo, abraçou e carreira eclesiástica e aos 16 de Dezem-

bro de 1860, foi-lhe conferido a prima tonsura pela então bispo de Olinda, D. João da Purificação Marques Perdigão, na capela do Palácio da Soledade, vetusta residência episcopal.

Sedento de maior perfeição, resolveu abraçar a vida religiosa e ingressar na Ordem dos Capuchinhos. Não tendo a Ordem noviciado no Brasil, naquela época, foi o clérigo Antônio mandado à Europa, a primeiro de Outubro de 1862, afim de completar seus estudos no grande Seminário de S. Sulpício. Aos 15 de Agosto de 1863 tomou o hábito dos Capuchinhos, entre os quais recebeu o nome de Frei Vital. Terminando o noviciado, foi continuar os estudos em Tolosa, onde recebeu sucessivamente, as sagradas ordens. A 2 de Agosto de 1872, o Exmo. Snr. Arcebispo de Tolosa conferiu o prebisterato a Frei Vital.

Feito sacerdote, regressou à pátria, onde foi lecionar filosofia no Seminário de S. Paulo, cuja direção estava confiada aos Capuchinhos.

Nesse posto o veio encontrar a indicação para bispo de Olinda. Muito hesitou ante as grandezas e a sublimidade do episcopado, mas aceitou, finalmente, a nomeação para tão alto e espinhoso cargo.

FREI VITAL, BISPO

Depois de se preparar convenientemente, por um fervoroso retiro, Frei Vital recebeu a plenitude do sacerdócio, sendo sagrado, na antiga catedral de S. Paulo aos 17 de Março de 1872, por D. Pedro Maria de Lacerda, bispo do Rio de Janeiro, pois a diocese de S. Paulo estava vaga.

Aos 20 de Maio desse mesmo ano D. Frei Vidal desembarcava em Recife e aos 24 do mesmo mês tomou solene posse do govêrno da diocese, cujo nome iria ilustrar, com as suas virtudes e com as qualidades de homem de govêrno, que haveria de revelar no decurso de sua curta, porém agitada e gloriosa carreira no episcopado.

Em circunstâncias particularmente difíceis D. Vital assumia o govêrno daquela vasta e tradicional diocese nordestina. Inflamado de zêlo pela glória de Deus e desejoso de conservar a fé cristã do seu rebanho, estava, porém, disposto a sustentar os sagrados direitos da Igreja, mesmo que fosse à custa da liberdade e até da própria vida, como o demonstrou mais tarde.

Bem cedo começou a receber os golpes desfechados pela Maçonaria, que o chamava "Ultramontano".

A QUESTAO RELIGIOSA

Nos estreitos limites de um prefácio é impossivel fazer um relato da série de acontecimentos verificados no Segundo Reinado e que passaram à história pátria sob a designação da "Questão Religiosa".

Daremos, aqui, breve noção ou resumo, seguindo a exposição, sucinta porém completa, do exmo. Snr. D. Jaime de Barros Câmara, na sua "História Eclesiástica".

A causa última de todos os males da Igreja do Brasil era o liberalismo galicano, cuja influência muito se fazia sentir, particularmente em certas irmandades ricas e poderosas, que estavam controladas por elementos maçônicos.

Depois de reiteradas provocações por parte da seita, D. Vital teve que, no exercício de suas funções episcopais, lançar mão das penas canônicas e fulminar o interdito, sobre algumas irmandades, que se obstinavam em cumprir as leis da Igreja. Os recalcitrantes apelaram para o poder civil e êste, inutilmente, tentou obrigar o bispo a levantar o interdito. Por êsse motivo foi prêso D. Vital, arrastado à barra do tribunal e, depois de lances verdadeiramente heróicos e dignos dos grandes confessores da fé, condenaram-no a quatro anos de trabalhos forçados. Pela primeira vez em sua história, viu o Brasil um bispo católico ser lançado à masmorra.

Havendo diminuído o poder da seita, o novo gabinete, presidida pelo Duque de Caxias, aos 17 de Setembro de 1875, anistiou D. Frei Vital e D. Antônio de Macedo Costa, bispo do Pará, que também se achava em prisão, pelos mesmos motivos.

Assim terminou essa fase difícil e perturbado da nossa vida política e religiosa.

D. FREI VITAL — ANISTIADO

Depois de anistiado e posto em liberdade, aos 4 de Outubro de 1875, D. Frei Vital partiu para a Europa, onde foi acolhido, carinhosamente, pelo S. Padre Pio IX, então gloriosamente reinante no trono de Pedro.

Aos 6 de Outubro do ano seguinte, 1876, o bispo de Olinda regressou à sua cidade episcopal, que o recebeu entre as mais vivas e extraordinárias manifestações de afeto e de respeito. Mêses depois D. Vital empreendeu sua última viagem ao Velho Mundo, incorporando-se aos peregrinos que se dirigiam à Cidade Eterna. Antes de partir, colocou em ordem todos os negócios do bispado, podendo, pois, retirar-se tranquilo, sem que alguém pudesse acusá-lo de abandonar seu posto ou de recusar trabalhar no campo que Deus lhe confiava.

ÚLTIMOS DIAS

Aos treze de Março chegou D. Frei Vital a Paris, onde se recolheu a um convento de sua ordem e do qual não mais havia de sair.

Confortado com os santos sacramentos e edificando a todos pela sua paciência e resignação em meio de terríveis sofrimentos, o grande bispo entregou a Deus a sua alma aos quatro de Julho de 1878.

Consoante opiniões abalisadas o bispo capuchinho "Faleceu envenenado pelos seus inimigos, que para isto empregaram um tóxico de acção muito lenta, para não despertarem alarmas".

A SIGNIFICAÇÃO DE UM CENTENÁRIO

Neste primeiro centenário do nascimento da grande Atanásio Brasileiro, podemos aquilatar com justiça as vantagens e benefícios provenientes da luta de que o bispo de Olinda foi o principal protagonista nos lances supremos.

A questão Religiosa, em primeiro lugar, serviu para pôr a descoberto a guerra sem tréguas que as sociedades secretas movem à Igreja de Deus; isso veio desiludir os incáutos e os ignorantes, que lhe desconhecem os tenebrosos manejos. Em segundo lugar, foi uma espécie de ceifa que separou o jôio do trigo, isto é, os elementos bons e fieis à causa da religião e aqueles que só aspiravam o predomínio do poder civil sôbre a autoridade eclesiástica. Finalmente, veio robustecer a fé e os sentimentos religiosos, abrindo, após a queda da monarquia, novos horizontes para a religião da imensa maioria do povo brasileiro.

Com a mudança de regime de govêrno, modificou-se notavelmente a situação religiosa do país. O catolicismo deixou de ser a religião oficial, perdendo, consequentemente, as vantagens e privilégios decorrentes dessa situação. Introduziram-es o casamento civil, a laicização do ensino e a secularização dos cemitérios; desapareceram os subsídios e as cômguas, que aliás não eram grandes, nem pingues.

Em compensação, porém, o regime republicano trouxe incontestáveis vantagens à nossa vida de povo católico.

A Igreja conquistou plena e completa liberdade, extinguindo-se o regime padroado, bispas, vigários, ordens e congregações religiosas ficaram livres da intromissão do poder civil em negócios eclesiásticos.

Sob a república a religião católica tem tido uma posição honrosa e digna perante o govêrno, reinando um mútuo entendimento entre os dois poderes.

O catolicismo, em meio século de república, adquiriu grande vigor e ostenta agora dobradas energias. Criação de novas arquidioceses, dioceses e prelazias; abertura de seminários e noviciados, congressos católicos nacionais e regionais; aumento do clero secular e regular; fundação de inúmeras instituições católicas de toda a espécie — tudo isso são provas evidentes de que o sacrifício do grande bispo não foi inútil, antes redundou em grande bem para o Brasil. Assim o afirmamos porque D. Frei Vital, com sua energia e com o seu modo de agir, definiu atitudes e tomou posição franca e decidida, de modo a não permitir que continuassem desrespeitados e violados os direitos de Deus e da sua Igreja.

Na celebração dessa data, que é tão cara a todos os católicos brasileiros, devemos renovar o propósito firme e verdadeiro de envia-los todos os esforços e empenhar todas as energias afim de que se preservem os destinos cristãos da Terra da Santa Cruz.

Rio de Janeiro, 7 de Outubro de 1944

Festa do Santíssimo Rosário

PADRE J. CABRAL

INSTRUÇÃO PASTORAL

DO

BISPO DE OLINDA AOS SEUS DIOCESANOS SÔBRE A MAÇONARIA E OS JESUITAS

D. Frei Vital Maria Gonçalves de Oliveira, por mercê
de Deus e da Santa Sé Apostólica, Bispo de
Olinda.

A todo o Cléro e Fiéis das provincias de Pernambuco,
Alagôas, Paraíba e Rio Grande do Norte, saúde, paz e
benção em Jesus Cristo, nosso adorável Salvador.

A Igreja de Jesus Cristo, Irmãos e Filhos, diletíssimos, tem sido sempre mais ou menos perseguida pela impiedade, nunca cessou de lutar com inimigos sanhudos que haviam jurado a sua ruina total.

Ainda estava no berço e já tentavam afogá-la no próprio sangue. Mas um Anjo baixa do Céu, furta-a ao furor do desconfiado Idumeo, sedento do sangue da recém-nascida, e salva-a, transportando-a, no silêncio da noite, da Judéa para o Egito. (1)

Deixa as fochas da infância, começa a crescer; eis que acorrentam-na, açoitam-na e procuram abafá-la no fundo de sombrias masmorras; porém, aí mesmo, ela se desenvolve, vigora, como se livre respirasse o ar puro das praças públicas. (2)

(1) Mat. cap. 2.

(2) Aet. cap. 4.

Relaxam-lhe as cadeias, ela corre pela Ásia, vai à Grécia, invade todo o Império Romano, penetra até o coração do mundo civilizado, Roma, a cidade dos Césares. Aí sanguinolenta perseguição arrebeta contra ela. O paganismo assanha-se contra a divina estrangeira, lança-a às feras do anfiteatro, rasga-lhe as carnes com unhas de ferro, desconjunta-lhe os membros sobre os equeleos, atira-a às chamas da fogueira, estende-a sobre grelhas encandecidas, mergulha-a em caldeiras de azeite fervendo, tortura-a com o maior requinte de barbarias horripilantes!

Mas ainda assim ela não sucumbe; é mais forte que o duro gládio do fero algoz; toda dilacerada vence as unhas lacerantes, cança o braço do cruel verdugo: **Steterunt torti torquentibus fortiores, et pulsantes ac lanintes ungulas pulsata ac laniata membra vicerunt.** (3)

Ainda lhe sangram as feridas, lágrimas ainda lhe humedecem as faces, e eis que surgem filhos ingratos e desventurados a rasgarem-lhe as entranhas com as heresias. Pelágio nega a graça. Macedônia combatê a divindade do Espírito Santo, Nestório ataca a unidade de pessoa em Jesus Cristo, Eutiques confunde-lhe as duas naturezas. Ário impugna a consubstancialidade do Verbo.

Ela, porém, consola-se de tantos infortúnios e de tão acerbas dores, dando à luz a filhos da têmpera dos Atanásios, Hilários Cinlan, Ambrósios, Jerônimos, Agostinhos e outros muitos grandes luzeiros da fé que com tamanho brilho esmaltam o firmamento da Igreja. Ao despontarem nos seus límpidos horisontes êsses astros rutilantes, dissipam-se os densos nevoeiros da heresia, e o gênio do êrro, fulminado, precipita-se no **poço do abismo**.

Se suplanta o espírito da heresia que no pó vai ocultar a fronte orgulhosa, é para chorar amargamente a perda dolorosa de grandes povos e cristandades florescentes, que do amoroso seio materno lhe são arrancados por inúmeros chismas.

Além da mágua pungente com que lhe partiram o terno coração os chismas parciais de Novaciano em Roma, de Melécio em Alexandria, dos Donatistas em Cartago, de Lucifer, da Ístria, dos Gregos, etc., ela teve que deplorar as imensas calamidades ocasionadas pelo grande chisma do Ocidente, que tão dolorosamente lhe dilaceraram a unidade.

Muitos, caindo então da Barca de Pedro, desapareceram sob as ondas, afundaram-se no pélagos do êrro; ao passo que ela, ora agitada

(3) S. Cyprian. L. 1. Epist. 6.

e açoitada pelo vendaval das paixões políticas e mundanas, ora calma e serena, continuou seguindo a sua gloriosa derrota para as ribas da eternidade. **Turbari potest, mergi non potest.** (4)

E que não sofreu ela das frequentes invasões dos povos bárbaros, que tantas aflições lhe causaram, e das inopinadas irrupções dessas hordas de Agarenos, que tantas vezes ameaçaram a Europa católica? Que não tem sofrido constantemente da perniciosa reforma do frade apóstata, que forceja por levar-lhe a morte ao coração, solapando as bases do princípio de autoridade?

Mas, ela fala pelo órgão de S. Leão, e Átila, **o flagelo de Deus**, recua, espavorido; empunha a cruz do missionário, e os Bárbaros civilisam-se, convertem-se os filhos de Ismael, ou são repellidos pelo braço potente de Fernando católico e pela espada flamejante de Carlos Magno; em quanto que a obra de Lutero se está esfacelando por toda a parte, caindo aos pedaços, principalmente na Alemanha.

E hoje, Irmãos e Filhos muito amados, a santa Igreja de Deus se acha a braços com um inimigo terrível, peor que todos os passados; mais terrível que Herodes com a sua tirania; mais terrível que os Imperadores Romanos com as suas hecatombes humanas; mais temível que as heresias e chismas com as suas impiedades e rompimentos; mais temível que os Bárbaros e Sarracenos com as suas constantes ameaças, e que os Protestantes com as suas inovações.

Este inimigo formidável, já vosso coração o adivinhou, é a Maçonaria, a Maçonaria, peor que todos aqueles antigos adversários; porquanto, reunindo-os em si a todos êles, fundindo-os juntos, constitue um todo poderoso, a personificação ou unificação de todos êles, que faz hoje a um só tempo tudo o que êles fizêram, cada um de per si, em épocas remotas umas das outras.

Sim; a Maçonaria, o supremo esforço do poder das trevas contra a luz da verdade, é incontestavelmente o mais temeroso inimigo que a Igreja tem tido que debelar. Quando lhe convém, a seita perversa emprega com habilidade suma, superior até à daqueles tempos idos, ora a requintada atrocidade de Herodes; ora as estudadas crueldades de Nero e Diocleciano; ora a refinada malícia das heresias e chismas; ora a perfidia, a ironia, o ridículo de Julano; ora o cárcere, a proscricção e confiscação de Valente; ora os sofismas de Celso e Porfirio; ora o facho e a machadinha de Alarico, o ferro e o fogo do Profeta árabe; ora, finalmente, a sedução e as argúcias de Lutero e Calvino.

(4) Santo Agostinho.

Provas irrefragáveis de tudo isto temo-las de sobejo nos assombrosos acontecimentos e bárbaras cenas da grande Revolução francesa; no que se deu no período dos trinta anos que a precederam; e no que atualmente estamos com dôr imensa presenciando por tôda a parte.

Sob as odiosas denominações de **fanatismo, ultramontanismo, romanismo, jesuitismo**, etc., não cessa a Maçonaria de mover guerra sem trégoas ao Catolicismo, combatendo-o a todo o transe, por todos os meios, por todos os lados.

Nesta luta renhida, travada há séculos, tem de ordinário a máxima parte nas tribulações a ilustre Sociedade de Jesus, que, estando sempre a pé firme na estacada, sempre impávida na vanguarda dos exércitos do Senhor, é a que primeiro arrasta com o ódio, furor e impetuosos acometimentos das hostes diversas.

Por isso é que esta inclíta Companhia tão estimada e louvada por S. Carlos Borromeu, S. Felipe Neri, S. Francisco de Sales, S. Vicente de Paula, Santo Afonso de Liguoria, Santa Tereza de Jesus (5) e outros santos; tão apreciada e encomiada por quasi todos os Papas que se têm sentado na Cadeira Apostólica desde S. Pio V até o imortal Pio IX, gloriosamente reinando (6); tão encarecida e favorecida pelo sacrosanto Concílio de Trento que deferio-lhe o honroso apelido de — **Pio Instituto** — (7); por isso é, dizemos, que esta preclara Sociedade atualmente se acha sob os amiudados golpes de atroz perseguição, igual à de que já fôra vítima no século passado.

No momento em que vemos, Irmãos e Filhos caríssimos, a seita maçônica prosseguir dissimulada e afanosa, mais que nunca, na sua obra de demolição contra a Igreja Católica, de um lado tentando ilaquear a boa fé dos homens simples, probos e honestos, e do outro suscitando contra os venerandos Padres Jesuitas uma dessas tempestades que as Páginas Sagradas nos representam debaixo da pavorosa figura

(5) Vide a vida e obras destes santos.

(6) Vide os Breves de Pio V ao Eleitor de Colônia, 1563, e a S. Francisco de Borja; a Bulla de Gregório XIII, *Immensa Dei*; a de Clemente VIII, *In sacra celestis clavigeri sede*, 1591; a de 1602, sobre as Congregações e seu Breve a Henrique. IV. O Breve de Gregório XV ao Doge de Veneza, 1622; o de Urbano VIII aos cantões católicos da Suíça o de Clemente XI aos magistrados de Dôle; a Bula de Beatificação de S. Francisco Regis, 1716; quatro Bulas de Bento XIII, nos anos de 1724 e 1725; a de Clemente XII para a canonisação de S. Francisco Regis; os Breves de Bento XIV, de 1747 e 1748; o Breve de Pio IX ao Cardeal Patrizi, de 2 de Março de 1871.

(7) Sess. 25. C. 16.

de **turbilhão impetuoso e de chama devoradora** (8), cumpre-nos, a exemplo do grande Apóstolo das nações, honrar o nosso ministério; **Ministerium meum honirabo**, (9) cumpre-nos levantar a voz afim: 1.º de premunir as nossas queridas ovelhas contra as pérfidas ciladas da astuta serpente; 2.º de advogar a causa da inocência caluniada e oprimida.

Tal é o que, em desempenho dos árduos deveres de nosso augusto cargo Pastoral, vamos fazer com tôda a franqueza e liberdade apostólica, porque assim urge ante Deus e ante os homens: **Nihil in sacerdote tam periculosum apud Deum, tam turpe apud homines, quam quód sentiat non libere denuntiare** (10).

Soltamos o grito de alarma, brademos — alerta! Cumprimos o dever de atalaia de Israel. Ai, çorém, daquele que fôr surdo!

Atentos, pois, de ânimo calmo e repousado, ouvi, ó Filhos de minhc alma! ouvi **a voz de Deus que pela nossa bôca vos exorto e vos põe de sobreaviso: Tanquam Deo exhortante per nos.** (11).

(8) Você magna turbinis et tempestatis, et flammae ignis devorantis (Is. 29, 6).

(9) Rom. 11, 13.

(10) Santo Ambros. Epist. 29 ad Theodos. Imper.

(11) 2.º Cor. 5, 20.

PRIMEIRA PARTE

I

Assentemos, Irmãos e Filhos muito amados, a pedra ângular do edifício de nossa argumentação.

Como base fundamental, sólida, inconcussa da primeira parte desta Instrução que ora vos dirige o Nosso zêlo Pastoral, vamos transcrever fielmente um documento de irrefragável autoridade, fornecido pela própria Maçonaria.

Este documento precioso é a **Instrução secreta e permanente da Venda Suprema**, que, tendo sido endereçada a tôdas as Vendas, em 1819, para servir de norma e guia aos **iniciados mais adiantados nos fundos arcanos da Ordem**, saio a lume há cerca de catorze para quinze anos. O título dêste documento basta para vô-lo recomendar e merecer de vossa parte leitura atenta e refletida.

Êi-lo na sua íntegra:

"Desde que nos constituimos em corpo de ação e que a nossa Ordem reina tanto no fundo da Venda mais distante, como da que mais se avizinha do centro, um pensamento há que sempre preocupou os homens que aspiraram à regeneração universal: é o **livramento da Itália**, donde deve resultar em dia determinado a alforria do mundo inteiro, a **república fraternal e a harmonia da humanidade**. Êste pensamento não foi ainda compreendido pelos nossos irmãos dalém dos Alpes. Êles crêm que a Itália revolucionária só pôde conspirar na sombra, distribuir algumas punhaladas a esbirros e traidores, e sofrer tranquilamente o jugo dos sucessos que se verificam além dos montes pela Itália, mas sem a Itália. Êste êrro já muitas vezes nos foi fatal: não devemos combatê-lo com frases; seria o mesmo que propagá-lo: é mister acabar com êle por meio de fatos. Por isso, entre os cuidados que têm o privilégio de agitar os espíritos mais poderosos das nossas Vendas, um há que não devemos esquecer.

"O Papado exerceu sempre ação decisiva nos negócios da Itália. Pelo braço, voz, pena e coração dos seus numerosos Bispos, padres, frades, religiosos e fieis de todos os paizes, o Papado tem sempre pessoas dedicadas para o martírio e para o entusiasmo. Em tôda a parte

onde os chama, encontra amigos que morrem por êle ou de tudo se privam por sua causa. É uma imensa alavanca, cuja fôrça só alguns papas avaliaram, empregando-a todavia com muita parcimônia. Não se trata hoje para isso de restabelecer êsse poder, cujo prestígio momentaneamente se acha debilitado: o nosso **fim principal** é o de Voltaire e da Revolução franceza: O ANIQUILAMENTO PERPÉTUO DO CATOLICISMO E ATÉ DA IDÉA CRISTÃ, **que, no caso de permanecer de pé sôbre as ruínas de Roma, viria a perpetuar-se mais adiante.** Para atingir porém com mais certeza êste fim e não prepararmos com satisfação revezes, que adiam indefinidamente e comprometem no futuro o êxito de uma bôa causa, não devemos escutar êsses francezes vaidosos, nem os nebulosos alemães, nem os melancólicos inglezes, que julgam uns e outros matar o Catolicismo, ora com uma canção obscena, ora com uma dedução ilógica, ora com um sarcasmo insolente, que passa como contrabando, como os algodões d'Inglaterra. O Catolicismo tem vida mais tenaz do que isto. Vio inimigos mais implacáveis e terríveis e diverte-se em lançar água benta no túmulo dos mais furiosos. Deixemos pois nossos irmãos daqueles paizes entregar-se às intemperanças estêreis de seu zêlo anti-católico: **consintamos-lhes até que zombem das nossas imagens de Nossa Senhora e da nossa APARENTE DEVOÇÃO.** Com êste passaporte podemos conspirar à vontade, e pouco a pouco chegar ao termo proposto.

"O Papado há dezesseis séculos que é inherente à história da Itália. Não pôde ela respirar nem mover-se sem licença do pastor supremo: com êle tem os cem braços de Briáreo: sem êle está condenada à lamentável impotência. Só tem divisões para fomentar, ódios para patêntear, hostilidades para levantar desde a primeira cordilheira dos Alpes até ao último monte dos Apeninos. Nós não podemos querer semelhante estado de cousas; importa pois procurar remédio a esta situação. Achado está o remédio. O Papa, seja êle quem fôr, não virá para as sociedades secretas: **à estas é que cumpre dar os primeiros passos para a Igreja, afim de vencê-los a ambos** (o Papa e a Igreja).

"O trabalho que vamos empreender não é obra nem de um dia, nem de um mês ou ano: pôde durar muitos anos, um século talvez; mas, em nossas fileiras, morre o soldado e o combate continua.

"Não está em nossa mente angariar os Papas para a nossa causa, fazer dêles neófitos para os nossos principios, propagadores de nossas idéias. Seria sonho ridículo e por qualquer modo que os sucessos volteiem, que os cardeais ou prelados, por exemplo, hajam entrado por vontade ou surpresa em uma parte dos nossos segredos, não é isto uma razão para desejarmos a sua elevação à cadeira de Pedro. Esta eleva-

ção perder-nos-ia: bastava a ambição para os impelir à apostasia, a necessidade do poder havia de forçá-los a imolar-nos. O que devemos pedir, procurar e encontrar, como os Judeus esperam o Messias, é um Papa adaptado às nossas necessidades. Alexandre VI, com todos os seus crimes particulares, não nos conviria, porque nunca errou em matéria de fé. Um Clemente XIV, pelo contrário, seria o que nos convinha em tôda a extensão. Borgia era um libertino, verdadeiro sensualista do século XVIII, extraviado no XV. Apesar dos seus vícios foi anatematizado por todos os vícios da filosofia e incredulidade, e incorreu neste anátema pelo vigor com que defendeu a Igreja. Ganganeli entregou-se, de pés e punhos ligados, aos ministros dos Bourbons, que lhe incutiam medo, aos incrédulos, que apregoavam a sua tolerância, e Ganganeli tornou-se um grande papa. Pouco mais ou menos outro assim é que nos convinha agora, sendo possível. Assim marcharemos com mais firmeza ao assalto da Igreja, do que por meio dos escritos de nossos irmãos da França, e até do ouro da Inglaterra. Quereis saber a razão? E' porque, dêste modo, para destruímos o rochedo sôbre o qual fundou Deus a sua Igreja, **não precisamos de vinagre corrosivo, pólvora,** ou mesmo de nossos braços: teremos o dedinho do sucessor de Pedro envolvido na conspiração, e êste dedinho vale, em tal cruzada, todos os Urbanos II e S. Bernardos da Cristandade.

"Não duvidamos chegar a êste termo supremo de nossos esforços; mas quando e como? Ainda se não acha desembaraçada a incógnita. Sem embargo, **como nada nos deve desviar do plano traçado e, pelo contrário, tudo deve concorrer para êle,** como se o êxito feliz devesse coroar desde o dia de amanhã a obra apenas planejada, queremos nesta instrução **QUE FICARÁ SECRETA PARA OS SIMPLES INICIADOS,** dar aos propostos da Venda Suprema conselhos que êles deverão transmitir à universidade dos irmãos, sob a fórmula de doutrina ou **memorandum.** Importa principalmente, usando de certa discrição cujos motivos são palpáveis, **nunca deixar presentir que êstes conselhos dimanam das ordens desta Venda.** Manobra-se aí em demasia com o clero para que possamos a esta hora brincar com êle como com um desses pequenos soberanos ou príncipes que um sopro faz desaparecer.

"Pouco há que fazer com velhos Cardeais ou Prelados cujo caráter é bastante decidido: é mister deixar os incorrigíveis à escola de Gonsalvi, ou procurar nos nossos arsenais de popularidade as armas que lhes tornarão ridículo ou inútil o poder quando o tiverem nas mãos. Uma **palavra que se inventa com habilidade** e se tem a arte de derramar no seio de certas famílias honradas e escolhidas para que daí desça aos botequins e dêstes às ruas: **uma palavra pôde algumas vezes**

matar um homem. Se um padre chegar de Roma para exercer alguma função pública nos confins da província, indagai logo qual é o seu caráter, antecedentes, qualidades e defeitos principalmente. É êle um inimigo declarado? Um Albani, um Palotta, um Bernetti, um Della Genga, um Rivarola? Envolvei-o com todos os laços que puderdes armar-lhe debaixo dos pés: **creai-lhe uma dessas reputações que atemorizam as crianças e as velhas; pintai-o cruel e sanguinário, contai alguns feitos de crueldade que possam fácilmente grayar-se na memória do povo.** Quando os jornais POR INTERVENÇÃO NOSSA se aproveitarem destas narrações, que êles aformosearão inevitavelmente, **pelo respeito à verdade,** mostrai, ou antes fazei mostrar por algum respeitável imbecil, essas folhas onde estão relatados os nomes dos individuos e **os excessos inventados.** Na Itália não faltarão, como não faltam **para as mentiras úteis à boa causa.** Com jornal, cuja língua êle não comprehende, mas onde encontrar o nome de seu juiz ou delegado, o povo não precisa de outras provas. Êle está na infância do liberalismo, crê nos liberais como depois crerá em **nós, não sabemos muito em que.**

“Esmagai o inimigo quem quer que êle seja, esmagai o poderoso à força de **maledicência** ou de **calúnias;** mas principalmente esmagai-o no ovo. À mocidade é que devemos dirigir-nos, a ela é que **devemos seduzir, SEM QUE DISSO DESCONFIE,** sob o estandarte das sociedades secretas. Para caminhar com passos contados, mas seguros, nesta via perigosa, duas cousas são indispensáveis. **Deveis simular a simplicidade das pombas e a prudência das serpentes.** Vossos pais, filhos e mulheres, até devem sempre ignorar os **segredos que guardais no peito;** e se vos aprouvesse, para melhor iludir as vistas inquisitoriais, **IR MUITAS VEZES À CONFISSÃO,** estais como de direito autorizados a guardar o silêncio mais absoluto sôbre estas cousas. Vós sabeis que a mínimo revelação, o mais leve indício que escape no tribunal da Penitência ou em outra qualquer parte, pode acarretar grandes calamidades, e que o revelador voluntário ou involuntário **ASSINA A SUA SENTENÇA DE MORTE.**

“Ora, pois, para assegurar um Papa como nós o queremos, deve-se-lhe adaptar uma geração digna do reinado que imaginamos. Deixai de lado a velhice e a idade madura: **ide à mocidade,** e, se possível fôr, até à infância. Nunca tenhais para ela uma palavra de impiedade ou impureza: **Maxima debetur puero reverentia,** nunca esqueçais estas palavras do poeta, porque elas vos servirão de salvaguarda contra as licenças de que importa essencialmente abster-se no **interesse da causa.** Para fazê-la frutificar no seio de cada família, para terdes direito de asilo no lar doméstico, deveis apresentar-vos com tôdas as aparências

de homem grave e moral. Estabelecida a vossa reputação nos colégios, liceus, universidades e **seminários**, tendo captado a confiança dos professores e estudantes, esforçai-vos principalmente para conseguir que os que se alistam **na milícia clerical procurem a nossa convivência**. Nutri-lhes o espírito com o antigo esplendor de **Roma papal**; existe sempre no fundo do coração do italiano um pezar pela **Roma republicana**. Confundi **estas duas recordações** com habilidade. Excitai, eletrisai essas naturezas tão susceptíveis de inflamar-se, tão cheias de patriótico orgulho. Oferecei-lhes primeiramente, **mas sempre em segrêdo**, livros inofensivos, poesias fulgentes com ênfase nacional, e pouco a pouco trareis os vossos **babosos ao grão requerido**. Quando em todos os pontos do Estado eclesiástico êste trabalho quotidiano tiver derramado nossas idéias como a luz, então podereis apreciar a prudência do consêlho de que tomamos a iniciativa.

"Os acontecimentos que, como pensamos, se precipitam com grande velocidade, vão chamar necessariamente daqui a alguns meses uma intervenção armada da Austria. Há loucos, que, com alegria, se comprazem em arremessar os outros nos perigos; e sem embargo são êles que em hora certa arrastam até os prudentes. A revolução que se faz meditar à Itália só terminará em desgraças e proscricões. Nada está maduro ainda, nem os homens, nem as cousas, e nada sê-lo-á ainda por muito tempo; mas estas desgraças poderão facilmente servir-vos para fazer vibrar nova corda no coração do clero novo, e será o **ódio ao estrangeiro**. Fazei com que o Alemão se torne ridículo e odioso antes mesmo da sua entrada prevista. À idéia de **Supremacia Pontificia** ajuntai sempre a lembrança **das guerras do sacerdócio com o império**. Resuscitai as paixões mal apagadas dos **Guelfos** e **Gibelinos** e assim com pouco trabalho alcançareis uma reputação de **bom católico e patriota puro**.

"Esta reputação dará entrada às nossas doutrinas **no seio do clero novo**, assim como **no fundo dos conventos**. Dentro de alguns anos êste clero terá, pela fôrça das cousas, invadido todas as funções: governará, administrará, formará o concelho do soberano; será chamado para a escolha do futuro Pontífice, e **êste Pontífice, como a maioria de seus contemporâneos, estará mais ou menos imbuído nos princípios italianos e humanitários** que vamos principiar a pôr em giro. E' um grãosinho de mostarda que confiamos à terra; mas o sol das justças fa-lo-á germinar até à sua mais elevada potência, e vereis um dia que rica seára há de produzir êste pequeno grão !

"No caminho que abrimos aos nossos irmãos, há grandes obstáculos que vencer, dificuldades de mais de uma espécie que superar;

pela experiência e pela perspicácia é que se há de triunfar; **mas o fim é tão justo** que para atingi-lo importa soltar tôdas as vélas. **Quereis revolucionar a Itália? Procurai o Papa, cujo retrato acabamos de esboçar.** Quereis estabelecer o reinado dos eleitos no trono da prostituta de Babilônia? Ande o clero debaixo das nossas bandeiras, **pensando que marcha sempre sob o estandarte apostólico.** Quereis fazer desaparecer o último vestígio dos tiranos e opressores? Lançar as vossas redes como Simão Bar-Jona? **Lançai-as no fundo das sacristias, dos seminários e conventos,** antes do que no fundo dos mares; e se nada precipitardes, nós vos prometemos pesca mais miraculosa do que a dêle. O pescador de peixes torna-se pescador de homens; chamareis amigos em tôrno da cadeira apostólica. Tereis pescado uma revolução com tiara e capa de asperges, marchando com a cruz e com a bandeira, revolução que só precisará de ser um pouco aguilhoadada para incendiar os quatro cantos do mundo.

"Deve cada um dos atos da nossa vida tender à descoberta desta pedra filosofal. Os alquimistas da idade média perderam o seu tempo e ouro em procura dêste sonho. O das **sociedades secretas** realizar-se-á por uma razão muito simples, — **porque funda-se nas paixões humanas.** Não desanimeis, pois, com uma derrota, revez ou contratempo; preparemos as nossas armas no silêncio das Vendas; assememos as nossas baterias; **lisongemos tôdas as paixões, tanto as mais perversas,** como as mais generosas, e tudo nos induz a crêr que êste plano será bem sucedido algum dia, mesmo além de nossos calculos menos prováveis". (12)

Eis aí, Irmãos e Filhos em Jesus Cristo, bem manifesto, patente, escancarado, o plano tenebroso das sociedades secretas!

Nesta peça arquetipa, feitura de malícia, para assim dizer, mais que humana, que acabeis de lêr, sem dúvida cheios de horror e de assombro, se acham formulados com tôda a clareza:

- 1.º **O fim** a que tende a Maçonaria;
- 2.º **O meio** mais eficaz, a seu ver, com que pôde atingir êsse fim;
- 3.º **O método** que deve seguir, para remover quaisquer óbices que por ventura lhe embarguem a realização do seu plano infernal;
- 4.º **A preparação** que deve ter e a marcha gradual que deve levar.

Testemunho mais poderoso, prova mais exuberante, documento mais peremptório não é preciso para revelar-vos tôda a malícia dos negros e temerários intentos da Maçonaria. Êste documento por si só é

(12) Crúteineau-Joly. *L'Eglise Romaine en face de la révolution*, t. II, pag. 82.

sobremaneira eloquente, esmagador, e basta para levar a convicção ao ânimo menos crédulo e mais refratário. Comentemo-lo, todavia, corroborando-o com outras provas irrecusáveis hauridas nas mais puras e genuínas fontes da Maçonaria.

Uma observação, antes de começarmos.

Não se diga que a Maçonaria brasileira nada tem de comum com a da Europa.

Escusado parece demorarmo-nos em responder a tão frívola objeção. Porquanto já o inclito Prisioneiro da Ilha das Cobras refutou-a cabalmente (13), já Nós mesmo a destruimos (14), já um maçom, representante da Nação, pulverizou-a no seio do nosso parlamento. (15)

"Maçonaria, diz um autor sagrado da seita, não é de país nenhum; não é franceza, escosseza ou americana. Não pôde ser sueca em Stocolmo, prussiana em Berlim, turca em Constantinopla, se lá existe. É UMA E UNIVERSAL: tem muitos centros de ação, mas só um centro de unidade. **Se ela perdesse êste caráter de unidade e universalidade, DEIXARIA DE EXISTIR**". (16)

E pouco importa que ela se subdivida em mil sociedades mais ou menos secretas, mais ou menos revolucionárias, mais ou menos ímpias, tomando diversos nomes, segundo as circunstâncias de tempo e lugar. Não é porque se denomine **Carbonária, Iluminismo, Joven Itália, Joven França, Joven Alemanha**, etc., que ela deixa de ser essencialmente a mesma. Ninguém há-aí que ignore que essas associações diversamente intituladas são uma e a mesma cousa, são vergôntees de um só tronco, ramos da grande arvore maçônica.

Uma só atenuante encontramos para os mações brasileiros: — é que, dentre êles, poucos são os que têm cabal conhecimento dos planos sinistros da Maçonaria. Fácilmente se compreende que assim seja, por isso que a **Instrução secreta** que acima reproduzimos não pôde ser comunicada senão aos filiados que, tendo atingido os últimos grãos maçônicos, já houverem sido iniciados nos altos segredos da seita.

Isto, porém, de modo algum absolve a Maçonaria brasileira, nem obsta a que, na essência, no fim e no plano, seja ela idênticamente a mesma que a da Europa.

Entremos agora em matéria.

(13) Instruc. Pastoral de 25 de Março de 1873, que mandamos publicar em nossa Diocese.

(14) Carta Pastoral de 2 de Fevereiro de 1873.

(15) Deputado Silveira Martins. Sess. de 29 de Maio de 1874.

(16) Irmão Ragon. (Curso phil.).

II

1.º — Qual o fim da Maçonaria ?

"O nosso **fim principal** é o de Voltaire e da Revolução franceza: — O ANIQUILAMENTO PERPÉTUO DO CATOLICISMO E ATÉ DA IDÉIA CRISTÃ, que, no caso de permanecer de pé sôbre as ruínas de Roma, viria a perpetuar-se mais adiante."

Eis o fim último.

«Desde que nos constituímos em corpo de ação e que a nossa Ordem **reina tanto no fundo da Venda mais distante, como da que mais se avizinha do centro**, um pensamento há que sempre preocupou os homens que aspiram à **regeneração universal**: é o **livramento da Itália, donde deve resultar em dia determinado a alforria do mundo inteiro, A REPUBLICA FRATERNAL.**»

Eis o fim secundário.

Com quanto afirmem alguns mações que a Maçonaria se não envolve em religião nem em política, por lhe ser isso vedado pelas suas constituições, nada todavia é menos verdade que semelhante asserto. Provam-no os próprios escritores mais abalisados e fidedignos da seita.

Ides ouvir, Irmãos e Filhos caríssimos, o que, em 1854, dizia o irmão Boulard no Grande Oriente da Bélgica, no meio de gerais aplausos do povo maçônico:

"Nós, mações, temos o direito e o dever de ocupar-nos com a questão religiosa dos conventos de **atacá-la** de frente; é mister que o país inteiro cure-se dessa lepra, ainda quando lhe seja preciso **empregar a fôrça**. As grandes questões de princípios políticos, tudo o que é relativo á organização, á existência, á vida de um Estado, oh! tudo isto pertence-nos em primeiro lugar, tudo é de nossa alçada, para dissecar e fazer passar pelo crisol da **razão** e da **inteligência.**» (17)...

Da mesma sorte pensam os irmãos Rebold, Crémieux, Ragon, L. Blanc, Verhaagen; pois sustentam que **sendo as constituições maçônicas meros regulamentos, acima delas estão os princípios da Maçonaria; e que, por conseguinte, pôde ela envolver-se, como já o tem feito, nas lutas religiosas e políticas. Negá-lo, acrescentam, seria caluniar a história.** (18)

(17) Cri d'alarme, p. 11, 12.

(18) Gautrelet. A Franc-Maçonaria t. 1. p. 109, 110.

Como estes, amados Filhos, facil, facilimo ser-nos-ia aduzir uma infinidade de outros documentos, demonstrando à tôda a luz da evidência que, em vez de conservar-se estranha, como inculca, a Maçonaria envolve-se por demais em eleições, govêrnos, negócios públicos, em tôdas as questões, em suma, politicas e religiosas que se ventillam no seio da sociedade. Mas, para não sermos demasiado prolixo, forçoso é restringirmo-nos aos dous pontos capitais.

1.º — **A abolição da religião católica**, a negação completa do Catholicismo é o fim supremo da Maçonaria. Provemo-lo com outros documentos: invoquemos o testemunho dos autores mações mais assinalados, cujos escritos são, na seita de grande autoridade e como que sagrados.

"A Maçonaria, diz o irmão Franz-Faider, **está acima das religiões** e das constituições, quaisquer que sejam as suas fórmulas. A MAÇONARIA É PARA NÓS A RELIGIÃO VERDADEIRA E SUBLIME, que nosso coração ambiciona." (19)

"Nada de dogmas, diz o irmão Potwin, nada de jugo nem de tiranos, **nada de Messias.**" (20)

"O culto da natureza, diz o irmão Ragon, **é o alvo da Maçonaria.**" (21)

"Os mações, diz o irmão Proudhon, **não têm altares, simulacrôs, sacrificios, profissão de fé,** nem culto." (22)

Não se pôde ser mais claro, mais explícito, nem mais positivo!

Quereis ainda autoridades?

Pois bem: falem agora os oráculos da seita, as Lojas. Eis o ímpio programa que, em 1866, adotaram as Lojas — **Perfeita Inteligência** e Estrêla, **do Grande Oriente de Liége, e mais a Loja dos Filadelfos** do Grande Oriente de Londres:

"Subtrair a humanidade **ao jugo dos padres;**

"**Substituir a fé pela ciência;**

"Criar as austeras satisfações da consciência, pelo bem que se haja feito, **em lugar das pomposas esperanças de recompensas celestes;**

"Desviar do espirito **a vã preocupação** de uma **vida futura** e o **fetichismo de uma providência pronta a socorrer tôdas as misérias;**

(19) Gautrelet. t. 1. p. 87.

(20) Ibidem.

(21) Curso phil.

(22) De la justice dans la Révolution et dans l'Eglise.

"Realisar a justiça em vez de prometê-la **num mundo incógnito**:
"Tais são as nossas e vossas tendências." (23)

Tudo isto é o mais claro possível !

Funda-se um templo maçônico ? O primeiro eco que lhe rebôa nas têtricas abobadas é o brado de guerra à Religião Católica !

Na abertura da loja Burlamachi, em Lucca, declarou o irmão Fortini que "aos mações fôra confiada a grande missão de desarraigar os antigos prejuizos, profligar o **obscurantismo (o Catolicismo) e ensinar** o povo crédulo, enganado pelas manhas pérfidas dos jesuitas". Depois dêle levantou-se o irmão Borganti, exortando os mações "a fabricar um templo à virtude e cavar uma masmorra ao vício, **reforcando os princípios maçônicos e aniquilando a obra dos princípios católicos.**" (24)

O que levamos dito, caros Irmãos e Filhos no Senhor, por si só prova de sobejo quais os iníquos intentos da Maçonaria contra o Catholicismo. Vamos porém além, penetremos até o âmago da questão; e veremos a seita anatematizada atacar todo o magestoso edifício da Religião Católica, combatendo-lhe a um tempo o ensino, os sacramentos, o sacerdócio.

Principiemos pelo ensino.

— A Fé católica ensina que há um Deus creador de tôdas as cousas.

Afirma a impiedade maçônica que **Deus é uma palavra ôca de sentido, que fôra da natureza se não deve procurar a divindade;** e que a **natureza é Deus.** (25)

— A Fé católica nos ensina que êste Deus revelou-se aos nossos primeiros pais.

Afirma a impiedade maçônica que **o Deus revelador não existe e nem é possível.** (26)

— A Fé católica nos ensina que êste Deus é senhor e juiz nosso, ante cujo tribunal havemos todos de comparecer um dia.

Afirma a impiedade maçônica que **só respondemos por nossos atos à nós mesmos; e que cada um de nós é para si um padre e um Deus.** (27)

—A Fé católica ensina que êste Deus remunera os bons com a bemaventurança sem fim e castiga os máos com penas eternas.

(23) Neut. t. 2. p. 206.

(24) A Maçonaria desmascarada, pag. 30.

(25) Irmão Lacroix, Loja de Liège, 1865. Neut. t. II, pag. 289.

(26) Irmão Lacombe, Neut. t. I. pag. 144.

(27) Irmão Lacroix. Discurso proferido nos funerais do ir. Verhaegem.

Afirma a impiedade maçônica que **não há bemoventurança sem termo, nem suplicio infindo.** (28)

— A Fé católica ensina que este Deus é um em essência e trino em pessoas: Padre, Filho e Espírito Santo.

Afirma a impiedade maçônica que a SS. Trindade É UM INVENTO SACERDOTAL, (29) e que **Deus não é nem Creador, nem Pai, nem Verbo, nem Paracleto, nem amor, nem Redentor.** (30)

— A Fé católica ensina que o Filho baixou do Ceu à terra, tomou carne humana nas puríssimas entranhas da Imaculada Virgem Maria, e nasceu sem que Ela deixasse de ser virgem antes do parto, no parto e depois do parto.

Afirma a impiedade maçônica que **o mistério da Incarnação é pura fábula; que na concepção de Jesús nada houve de extraordinário, senão as eminentes faculdades de que Ele foi dotado; e que, excetuando isto. Ele nasceu segundo o curso ordinário da natureza.** (31)

— A Fé católica ensina que o Filho é verdadeiro Deus e verdadeiro homem e que morreu pela nossa salvação.

Afirma a impiedade maçônica que **Jesus Cristo não foi mais que um sublime filósofo, um agitador por excelência (32), cuja morte ignominiosa fôra a justa punição de seus crimes.** (33)

Que horrores !!! que blasfêmias !!!

— A Fé católica ensina que Jesus Cristo fundou, como sua, a Igreja, **uma, santa, católica e apostólica**, com seus dogmas, mistérios e culto, e que esta é a Igreja Romana.

Afirma a impiedade maçônica que **Ele não fundou religião nenhuma, nem ensinou dogmas, nem estabeleceu culto (34), e que a Igreja Romana é a sinagoga dos novos fariseus (35), cadaver pútrido já decompõdo-se em deletérias exalações.** (36)

— A Fé católica ensina que se deve ouvir o magistério dessa Igreja Santa, acaçar as suas decisões, executar os seus mandamentos, sob pena de ser havido como publicano e pagão.

(28) Neut. t. II. p. 201.

(29) Biblioteca Maçônica. v. 1. p. 59.

(30) Proudhon. De la justice dans la Revolut. et dans l'Eglise.

(31) Irmão Damm. A Frane-Maçonaria do Pe. Gyr. p. 45. 55.

(32) Verdade n. 1.

(33) Irmão Ragon. Curso phil.

(34) Pelicano n. 69.

(35) *Jornal do Comércio* de 22 de Abril de 1872.

(36) *Verdade* de 15 de Janeiro de 1873.

Afirma a impiedade maçônica que **se deve sempre conspirar contra a Igreja de Roma servindo-se de todos os acidentes, aproveitando quaisquer eventualidades.** (37)

— A Fé católica ensina, em suma, que se deve crêr em tôdas as verdades pregadas pela santa Igreja de Deus.

Afirma a impiedade maçônica que **crêr é oposto de saber, e o homem crédulo muitas vezes não é senão um miserável, que depende de qualquer que não tem compaixão de um ente sem defeza.** (38)

Quantos dislates ! quantos horrores ! quantas blasfêmias !

E assim por diante. A rasoura maçônica não poupa nenhum dos outros dogmas e mistérios sacrosantos do Catholicismo !

Ouvi agora, Irmãos e Filhos diletíssimos, o que pensa a Maçonaria acerca dos sacramentos. Ouvi e pasmai !

"O Batismo cristão, diz ela, que deriva do antigo uso das abluções, é **um reconhecimento público** do menino, que lhe dá um caráter de legitimidade.

"A Confirmação foi estabelecida para confirmar o **estado batismal** dos meninos. **Segundo reconhecimento público.** Por esta cerimônia e pela do Batismo **chegava-se a conhecer, sem despezas públicas, o reconhecimento da população.**

"A Extrema Unção teve por fim conhecer **o número das pessoas que moorem** e certificar a identidade do falecido, com receio de que houvesse substituição para as heranças na ausência dos herdeiros legítimos e assegurar os seus direitos de sucessão." (39)

"A Eucaristia é **apenas um simbolo** que serve de recordar, não a morte de Jesus Cristo, senão a excelência de sua doutrina e seu grande preceito de amor do próximo." (40)

"O Matrimônio indissolúvel é oposto às leis de natureza e da razão: às primeiras, porque as conveniências sociais têm unido frequentes vezes entes que a natureza tinha separado por antipatias que só no matrimônio se manifestam; às segundas, porque a indissolubilidade faz do amor uma lei e procura avassalar o mais coprichoso e involutário dos sentimentos..." (41)

Assim pois, segundo a Maçonaria, os sacramentos, 1.º não são de instituição divina; 2.º não têm fim nem efeitos sobrenaturais !

(37) Carta de *Piccolo-Tiare* aos agentes superiores da Venda piemonteza.

(38) Irmão Ragon. *Curs. phil.*

(39) Irmão Ragon. *Curso phil.* p. 123.

(40) Irmão Danm. *A Franc-Maçon. do P. Gyr.* p. 55.

(41) *Saint Alban*, p. 211.

A seita maçônica não só sustenta esta doutrina acerca dos sacramentos como até lhes substitue sacrílegas mômices, que não descreveremos aqui por amor da brevidade. (42)

Basta dizer-vos que à Maçonaria, verdadeira sinagoga de Satanás, como admiravelmente caracterizou-a o incomparável Pio IX, aplica-se perfeitamente o que do demônio dizia Tertuliano: "Nas sombrias cavernas de seus templos, imita ela as cerimônias dos nossos Sacramentos divinos; batiza os que crêm em sua doutrina; promete-lhes a remissão dos pecados; confere-lhes funções sacerdotais; imprime-lhes na fronte o sinal da confirmação; celebra a oblação do pão; e como pontífice supremo administra-lhes o matrimônio. (43)

O sacramento da **Ordem** também não lhe merece mais consideração e respeito, e por isso o ataca com igual fúria.

Para convencer-vos desta triste verdade, não precisais senão ver a impiedade com que a seita sacrílega trata os sacerdotes de Jesus Cristo, os ministros da Religião Católica.

Ela diz que **REPELE OS PADRES, porque os julga escravos do Vaticano; e porque o clero católico, é clero escravo, clero máquina, para curvar os povos diante do despotismo.** (44)

Ela diz que **o maior obstáculo para a liberdade física, intelectual e moral do homem é, sem contradição, o padre tal como a Igreja, o fez, o artista, o propagador mais poderoso e formidável dos prejuizos, da ignorância e superstição.** (45)

Ela diz que "o padre, a hidra monacal, é **para a Maçonaria** uma odiosa personificação de superstição e fanatismo: foram os padres que inventaram o céu e o inferno, o temor das penas futuras e a esperança das recompensas eternas, e que imaginaram a confissão **para estabelecer o seu governo.**" (46)

Como acabais de ver, diletos Irmãos e Filhos em Jesus Cristo, nada fica intacto no magestoso edificio do Catholicismo. A mão sacrílega da seita ominosa, com insano labor, se esforça por destruí-lo até

(42) Vide História da Maçonaria, por Dubreuil. tom. II.

(43) Diabolus ipsas quoque res divinarum sacramentorum in idolorum mysteriis oculatur: tingit et ipse quosdam utique credentes. Expiationem delictorum repromittit et sic adhuc initiat... Signat illic in frontibus milites suos: celebrat panis oblationem... Quidquod et summum pontificem in unis nuptiis stant. — (De *proscript.* c. 40).

(44) *Jornal do Comércio*, 22 de Abril de 1872.

(45) *Cadeia da União de Londres*, 15 de Setembro de 1865.

(46) Irmão Franz Faider, já citado.

às suas bases. Aí, cada pedra, desde o ápice até os mais fundos alícerces, faisca aos repetidos golpes do infernal camartelo!

A autoridade da Igreja, a divindade do seu Adorável Fundador, sua doutrina, seus dogmas, mistérios, sacramentos, ministros, tudo, tudo guerreira a hidra das trevas, tudo nega a seita incrédula, de tudo blasfema a sua língua ímpia!

2.º Se bem propale a Maçonaria que não trata de política, como não trata de religião, e exteriormente inculque obediência, submissão, acatamento aos Soberanos; nada, todavia, é menos exato do que isto; porquanto o seu **fim secundário** é levantar sôbre as ruínas das monarquias a REPÚBLICA UNIVERSAL.

Senão, vejamos o que ela, a seita manhosa, pensa, diz e faz a tal respeito.

"A realza, diz a maçônica **Sociedade das Estações** aos seus filia-dos, é **execrável**. Tão funestos são os reis à espécie humana, como aos outros animais o são os tigres. **Os reis não se julgam matam-se**". (47)

"**A queda dos tronos**, diz o **Piccolo Tigre** sumidade da Maçonaria, **tenho-a como certa**, eu que acabo de estudar, em França, na Suíssa, na Alemanha e até na Rússia, O TRABALHO DE NOSSAS SOCIEDADES. O assalto que daqui a alguns anos, talvez mesmo daqui a alguns mezes, **daremos aos príncipes da terra**, sepultá-los-á debaixo dos destroços de seus exércitos impotentes e caducas monarquias." (48)

Na Maçonaria de adopção, dirige o Grão Mestre à **Perfeita Mestra** quando lhe confere êste grão, as seguintes palavras:

"A principal de vossas obrigações será **irritar o povo contra os reis e os padres**; no botequim, no teatro, nos bailes trabalhai com esta **ba-crosanta** intenção.

"Só um segredo me resta a revelar-vos, e falemos baixinho, porque ainda não chegou a ocasião de manifestá-lo ao mundo profano. **A autoridade monárquica**, com que parecemos preocupar-nos, **deve cair um dia SOB NOSSOS GOLPES**, e **êste dia está próximo**. No entretanto afagamo-la para chegarmos sem estôrvo ao complemento final da nossa missão **sagrada**, que é o ANIQUILAMENTO DE TÔDAS AS MONARQUIAS." (49)

Não é possível falar com maior clareza.

Ouçamos agora a **Aliança Republicana Universal**, sociedade organizada, em 1857, em Nova Iorque, pela Maçonaria e por ela dirigida;

(48) Carta a Nubins, de 5 de Janeiro de 1846.

(49) St. Albain. p. 382.

"O fim da associação é afirmar o direito de todos os paizes de **mu-darem** os seus governos **em república**, e, por conseguinte, o direito de todos os republicanos de se reunirem entre si para formar uma solidari-
riedade republicana.

"Para espalhar estas verdades propõe-se **formar uma só associação fraternal de todos os homens de princípios livres, que desejam promover o desenvolvimento do verdadeiro republicanismo** EM TODOS OS PAIZES E EM TODOS OS POVOS." (50)

Não se pôde ser mais positivo.

Quereis ainda mais provas, amados Filhos?

Penetremos em espírito no recinto de uma Loja maçônica, e assistamos à iniciação do gráo de cavaleiro Kadosch.

"Tendo o Grão-Mestre ajoelhado com o candidato que vai receber o gráo, diz-lhe: "Até aqui só viste na maçonaria **emblemás; é mister** que vejas agora as **realidades**. Estás **decidido** a meter debaixo dos pés os **prejuizos** a que te sujeitaste, e obedecer sem reserva a tudo o que te fôr prescrito para a felicidade do gênero humano?" Promete-o o candidato; levanta-se o Grão-Mestre e continua: "Se assim é, vou dar-te o meio de provares **a pureza de tuas intenções** e fazeres-nos conhecer a extensão de tuas luzes. Prostra-te por terra diante destes restos illus-
tres e repete o juramento que vou ditar-te."

O Grão-Mestre dita o juramento que o candidato repete: "Em presença de Deus, nosso pai, a desta augusta vítima, eu F., juro e prometo solenemente, sob a minha palavra de honra, nunca revelar os mistérios do cavaleiro Kadosch e obedecer a tudo quanto me fôr prescrito pelos regulamentos da Ordem. Juro, outrosim, **punir o crime e proteger a inocência.**"

Então diz-lhe o Grão-Mestre: "Levanta-te e imita-me."

Uma cabeça está ali **coroadá com uma tiara**: o Grão-Mestra apunhala-a, dizendo: "Ódio à impostura, morte ao crime." O mesmo faz o candidato, repetindo as mesmas palavras. Próximo está outra cabeça coroadá de louros; o Grão-Mestre e o candidato ajoelham ante ela, dizendo: o primeiro: "Glória eterna ao mártir da virtude! Sirva-nos de lição o seu suplicio! Unamo-nos para esmagar a tirania e a impostura."

Levantam-se outra vez e aproximam-se de outra cabeça que tem a **coroã real**. O Grão-Mestre apunhala-a dizendo: "Ódio à tirania, morte

(50) Neut. t. II. p. 208, 218.

ao crime. Outro tanto faz o candidato, repetindo as mesmas palavras." (51)

Eis aí patente, bem patente, o duplo fim da Maçonaria: **estragular o último dos padres com os intestinos do último dos reis!**

Tudo isto é por extremo significativo. Entretanto ninguém compreende!

Mas, objetar-nos-ão talvez, como pôde a Maçonaria maquinar contra o trono, ser hostil aos monarcas, se os acolhe com tamanha benevolência em suas oficinas, fa-los sentar ao oriente das Lojas, empunhar o malhete de Grão-Mestre, e presidir os trabalhos?

A razão é muito simples; e no-la dá a própria Maçonaria.

Atendei:

"A soberanos aprouve, diz um famigerado mação... tomar a trolha e cingir o avental. Porque não? **Sendo-lhes cuidadosamente ocultados os altos grãos, eles sabiam da Maçonaria sómente o que se lhes podia mostrar sem risco.** Não tinham de que desassocegar-se retidos como estavam nos grãos inferiores, onde só viam banquetes alegres, princípios deixados e retomados à entrada das Lojas, fórmulas sem aplicação à vida comum, enfim, **uma comédia de igualdade.** Mas em tais matérias a comédia toca ao drama; e os príncipes e nobres FORAM LEVADOS A APADRINHAR COM SEU NOME, E A SERVIR COM A SUA INFLUÊNCIA, EMPREZAS LATENTES, DIRIGIDAS CONTRA ÉLES PRÓPRIOS." (52)

Sendo assim, poderão replicar-nos ainda, que lucro auferê a Maçonaria da admissão dos soberanos em suas oficinas? que proveito daí lhe advem?

Acaba de nô-lo dizer de passagem o celeberrimo irmão Luiz Blanc. Ouvi agora o irmão Venturini:

"A entrada dos soberanos na Ordem é de muito bom agouro. **COMQUANTO NÃO POSSAM ÉLES CONCORRER PARA A CONSTRUÇÃO DO TEMPLO MAÇÔNICO,** e posto que tenhamos de sofrer o espetáculo de brilhantes condecorações na sua farda, são todavia sumamente preciosos para a Ordem, **já pelas riquezas, já pela imensa influência de que dispõem...** Onde **o príncipe desconfia,** haveria perigo em elevar-se demasiado; ao passo que pôde-se singrar a **velas cheias DESDE QUE BRISA FAVORÁVEL SOPRA DA CÔRTE.** (53)

(51) Ritual do Irmão Laffont de Landebat.

(52) Irmão Luiz Blanc. Hist. da Revolu. franc. t. II, ps. 82 e 83.

(53) Historia da Franc-Maçon. P. 149.

Quereis ainda melhor?

Ouvi o seguinte trecho de uma **carta secreta** da Venda piemonteza:

"O burguez é útil, mas o príncipe o é mais. A Venda Suprema quer que, sob qualquer pretexto, se admitam nas Lojas maçônicas **o maior número possível de príncipes e ricos**. Há muitos na Itália e fóra dela que **aspiram às honras assaz modestas do avental e da trolha simbólicas**. Lisongei estes ambiciosos de popularidade e **arrebanhai-os para as Lojas maçônicas**.

"A Venda Suprema verá depois o que pôde fazer dêles para a **causa do progresso**. Um príncipe que não tem reino a esperar é uma **boa aquisição para nós**, Há muitos neste caso. Fazei dêles franc-maçõs. **SERVIÃO DE VISCO aos imbecis, intrigantes, cidadãos e necessitados**. **Estes pobres príncipes serão INSTRUMENTO NOSSO, pensando que nós o somos dêles. E' UMA MAGNÍFICA TABOLETA (54)**

Documentos os há de sobra: temos apenas o embaraço da escolha. Dêstes últimos, que acabamos de transcrever, a lógica conclue:

1.º Que a Maçonaria tenta substituir as diversas monarquias por uma **República Universal**;

2.º Que, sentando os Soberanos nos Orientes da Ordem tem a cautela de ocultar-lhes sempre e cuidadosamente os seus planos e segredos;

3.º Que se os recebe no seio das Lojas é tão sómente por interesse, cálculo e sórdida especulação.

Provado fica, Irmãos e Filhos muito amados, e provado a tóda a luz da evidência, o duplo fim da Maçonaria. Eis aí descoberto esse segrêdo, cuja revelação o mundo, no século passado, não poderia suportar, atenta a sua fraqueza. (55)

Contra o altar e o trono é que a Maçonaria hastea o pendão da revolta. Deus e Cesar são os dous inimigos contra os quais ela brande uma só arma **utrinque feriens**.

E como não seria assim, se a sua divisa é: **Liberdade, fraternidade, igualdade?** (56) Se o seu grito de guerra é o do anjo rebelde: **Non serviam!** isto é, desobediência a tódas as leis divinas e humanas, resistência a tóda a autoridade espiritual e temporal, aniquilamento de todo o poder eclesiástico e civil !?

(54) Ibidem.

(55) Isto diz o irmão Ragon repetindo as palavras proferidas pela Grande Loja da Alemanha, em 1774.

(56) Irmão Massol. Neut. t. 1. pag. 196.

Porém, a Santa Igreja de Deus, sentinela sempre atenta, velando dia e noite pela guarda e segurança da sociedade humana, não tem cessado de soltar o grito de alarma, há constantemente denunciado o perigo comum a tôdos os Soberanos do universo. Estes, porém, estão surdos, não ouvem, ou encolhem os ombros em sinal de indiferença.

Alerta ! — brada ela às demais sentinelas da sociedade, — os soberanos,

Alerta ! — brada-lhes, das eminências do Vaticano, pela voz de seus Pontífices... Ninguém responde !

Alerta ! — brada-lhes, das atalaias de Israel, pela voz de seus Bispos e Pastores... Todos se calam !

Alerta ! — brada-lhes, do alto do púlpito, pela voz de seus pregadores... Nenhum se abala !

Alerta ! — brada-lhes, do pino da imprensa, pelo órgão de seus escritores... Silêncio profundo !

Todos dormem !!!

Entretanto o perigo é iminente ! A sociedade está em cima de um vulcão, os Estados assentam em chão maçônico. O terreno está minado; a terra estremece; os tronos vacilam; as corôas balançam sôbre a cabeça dos monarcas; êstes, porém, nada sentem, nada ouvem, nada vêem !

A Igreja clama, mas nenhum a atende, porque sua voz é tida por suspeita.

Ah ! quando, porém, de repente se abate o solo, quando se aluam as colunas dalgum trono, quando algum rei cambalea, resvala e rola no abismo de envolta com os destroços de sua monarquia; ah ! então sim, ao cair recorda-se êsse rei do grito de alerta da santa Igreja de Deus; reconhece-lhe razão, sinceridade, fidelidade.

Mas... já é tarde: está feita a obra da Maçonaria !

III

2.º — Qual o meio principal que emprega a Maçonaria para atingir o seu fim ?

"O papado exerceu sempre ação decisiva nos negócios da Itália e do mundo inteiro, pelo braço, voz, pena e coração de seus numerosos Bispos, padres, frades, religiosos e fieis de todos os paizes.

"O Papa, quem quer que seja, não virá para as sociedades secretas: a estas é que cumpre **dar os primeiros passos para a Igreja AFIM!** DE VENCÊ-LOS A AMBOS (o Papa e a Igreja).

"O que devemos procurar é um Papa adaptado às nossas necessidades, para que se entregue aos governos que lhe causam susto, e aos incrédulos que lhe festejam a sua tolerância."

Eis aí o meio.

Levando os Apóstolos, um dia, caminho à Cesaréa, em companhia do Divino Mestre, perguntou-lhes êste: "Quem dizem os homens que eu sou?"

— "Alguns, Senhor, responderam os Apóstolos, dizem que sois João Batista resuscitado; outros, Elias; outros, enfim, Jeremias ou algum dos antigos profetas redivivo."

— "Mas vós outros, torna-lhes Jesus, quem pensais que eu sou?"

Subitamente iluminado pelo Espírito-Santo, Simão Pedro, tomando a palavra, responde por todos, e, em nome da Igreja nascente e futura, exclama com transportes de fé e adoração: "Sois Cristo, Filho do Deus vivo! **Tu es Christus, Filius Dei vivi!**"

Olhando então com ternura para êle, diz-lhe o Divino Mestre solenemente: "Bemaventurado és tu, Simão Bar-jonas, porque nem a carne nem o sangue to revelou, mas sim meu Pai que está nos Céus. E eu te digo que tu és Pedro e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja; e contra ela não prevalecerão as portas do inferno. E a ti darei as chaves do reino dos Céus; e tudo quanto ligares na terra, ligado será nos Céus; e tudo quanto na terra desatares, será desatado nos Céus." (57)

Pedro é pois, Irmãos e Filhos diletíssimos, a pedra incoñcussa, o grande fundamento do edifício da Igreja de Deus: **Petra solidissima, magnum Ecclesie fundamentum**, — como lhe chama o Orígenes. (58)

Sobre esta base, única inabalável, é que Jesus Cristo firmou, segundo a frase do grande Santo Atanázio, as colunas da sua Igreja; isto é, os Bispos: **Tu es Petrus, et super fundamentum tuum Ecclesie columnæ, id est Episcopi sunt confirmati.** (59)

"Oh! venturoso fundamento da Igreja! bem podemos nós exclaimar com Santo Hilário, Bispo de Poitiers. Oh! bemaventurado Pedro, que feste honrado com um novo nome! Oh! Pedra digna de sustentar o edifício da Igreja!" (60)

Mas, Pedro ainda vive. Pedro o homem privado, o pescador da Galilea, o apóstolo, o santo, o mártir, êsse, sim, já não existe, morreu

(57) Math. 16. 13 e seguintes.

(58) Homil. 1. in Math.

(59) Epist. ad Pap. Felix.

(60) In Math. c. 16.

há 1809 anos, está na celestial Jerusalém; porém, Pedro, o homem público, o Papa, o Pastor da Igreja universal, o Vigário de Jesus Cristo, este não morre, está vivo e continuará a viver, até a consumação dos séculos, e sua residência é em Roma.

"Pedro, diz Bossuet, viverá sempre em seus sucessores; Pedro ensinará sempre de sua Cadeira: é o que dizem os Santos Padres e confirmam 630 Bispos no Concílio de Calcedônia!" (61)

Assim é, amados Filhos no Senhor, qualquer que seja o verdadeiro Papa que esteja sentado na Cadeira Apostólica, Lino ou Cleto, Clemente ou Inocencio, Gregório ou Pio, é sempre Pedro que nêle vive e nela preside: **Beatus Petrus qui in propria Sede vivit et praesidet.** (62) E' sempre êle que governa a Santa Igreja de Deus; porque, "o seu privilégio e ministério são de instituição permanente," nos ensina S. Leão Magno: **Manet Petri privilegium** (63) "e porque, ainda nos diz o mesmo Santo Padre, a solidez da fé que foi a glória do Príncipe dos Apóstolos, é perpétua; e bem como a fé de Pedro em Jesus Cristo é fato permanente, assim também perdurará para sempre o ministério que Jesus Cristo instituiu na pessoa de Pedro." (64)

Logo, com sobeja razão disseram os Padres do Concílio ecumênico de Calcedônia que o sucessor de S. Pedro é a pedra ângular, o baluarte da Igreja Católica, o fundamento da verdadeira fé: **Successor Petri Apostoli, Petra et crepido Ecclesiae Catholicae et rectae fidei fundamentum.**

A Sé do Sucessor do Príncipe dos Apóstolos, a Igreja Romana, é, como bem dizia Santo Ambrósio aos Imperadores Graciano, Valentiniano e Teodósio, a cabeça de todo orbe, porque dela manam para todos os fieis os sagrados direitos da veneranda comunhão católica. (65)

A benéfica influência do Papado se faz sentir no mundo inteiro porque **êle ata e desata em todos os pontos do universo;** (66) porque êle é o sol radiante em torno do qual giram os outros planetas, que dêle recebem luz e equilíbrio; porque, finalmente, o seu trono é base

(61) Serm. sobre a unidade da Igreja.

(62) S. Pedro Chrysol. Epist. a l'Euty.

(63) **Serm, IV.**

(64) Soliditas enim illius fidei, quae in Apostolorum Principe est laudata, perpetua est: et sicut permanet quod in Christo Petrus credidit, ita permanet quod in Petro Christus instituit. Serm. III.

(65) Totius orbis Romani caput Romanam Ecclesiam, atque illam sacrosanctam Apostolorum fidem, Epist. X. 1.

(66) Pio VI, Breve *Super soliditatem Petroe*, de 28 de Novembro de 1786.

de tôda a autoridade, é coluna a que se prende a cadeia dos demais tronos.

Logo, removido êsse centro de atração, solapado êsse fundamento, derrocada essa coluna, com tôda a certeza, infalivelmente desequilibra-se todo o mundo moral, desmoroda-se todo o edifício da Religião Católica, despedaça-se a cadeia dos tronos e somem-se os seus élos nos medonhos abismos da revolução.

Isto é óbvio, é intuitivo, é lógico.

Bem o sabe a Maçonaria. Eis aí pois a razão por que ela nunca deixou de mover ao Papado guerra, ora surda, ora patente, mas sempre guerra a todo o transe. Tôdas as suas baterias estão assestadas contra Roma; todos os seus esquadrões fazem pontaria sôbre o Vaticano; todos os seus projetos têm por alvo a Cadeira Apostólica.

Ouçamo-la:

"A conspiração contra a Sé Romana, diz ela pelo órgão de um de seus chefes, se não deve confundir com outros projetos... A revolução na Igreja é a revolução em permanência, é a **quêda infalível dos trônos e das dinastias**. **NÃO CONSPIREMOS SENÃO CONTRA ROMA**; sirvamo-nos para êsse fim de todos os incidentes, aproveitemo-nos de tôdas as eventualidades." (67)

Em carta de 5 de Janeiro de 1846, diiza o mesmo personagem a um certo Núbius, alto funcionário da Maçonaria, o seguinte:

"Para dar cabo com certeza do **mundo velho**, julgamos que é necessário **abafar o germen católico e cristão**, e vos oferecestes **para ferir, na testa o novo Golias pontifício**, com a funda de David. Muito bem! Quando porém o ferireis? Anhele ver as sociedades secretas às mãos com êsses cardeais do Espírito-Santo." (68)

Uma folha maçônica escreveu o seguinte em 15 de Outubro de 1866:

"Vivemos em uma época memorável, época de grandes lutas e grandes transformações, vivemos em um tempo em que lutam os espíritos para libertarem-se inteiramente **de tôdas as cadeias políticas e religiosas**. Até o presente o Papa conservou-se de pé, firme, qual rochedo em meio de tempestades; atualmente, porém, o seu poder avizinha-se do fim. **O poder temporal já lhe foi tirado, e o espiritual está muitíssimo abalado**, mesmo no pequeno número de nações européas, onde até agora o tinham aceitado sem restrição. E assim como a séde do príncipe eclesiástico em

(67) Carta do *Piccolo-Tigre* aos agentes superiores da Venda piemontesa.

(68) *Cri.* p. 68 e 67.

Roma foi abalada, apesar do rochedo de S. Pedro, assim também **sê-lo-ão igualmente os TRÔNOS SECULARES.**" (69)

Mais um documento.

"A revolução, diz uma Loja de carbonários, **só é possível** com uma condição: **A DESTRUIÇÃO DO PAPADO.**

"As conspirações no estrangeiro, as revoluções em França **nunca obterão mais que resultados secundários, ENQUANTO ROMA ESTIVER DE PÉ.** Se bem que fracos como potência temporal, os Papas gozam ainda da imensa fôrça moral. **PARA ROMA, pois, é que devem convergir TODOS OS ESFORÇOS** dos amigos da humanidade. **Para DESTRUI-LA todos os meios são bons. Derrubado o Papa baquearão naturalmente todos os trônos.**" (70).

Como vêdes, Irmãos e Filhos caríssimos, o Papado é o ponto da mira da Maçonaria; e para destruir essa sólida coluna sôbre a qual repousa todo o edificio do Catholicismo, ela, a seita demolidora, não recua ante meio algum, e emprega constantemente a mina e o ariete; isto é, solapa-lhe os alicerces, isola-a de todo o sustentáculo e afinal empurra-a carregando sôbre ela.

1.º — **Solapa-lhes os alicerces**, insinuando-se furtivamente no santuário do Senhor, no remanso do claustro, no consistório das Irmandades, na cela do seminarista, onde tenta fazer propaganda surda, diabólica, já ilaqueando incáutos clérigos, tanto seculares como regulares, e pervertendo-lhes os costumes; já contaminando as confrarias religiosas, deturpando-lhes o fim de sua criação e insuflando-lhes o espirito de rebelião contra a legítima autoridade eclesiástica; já finalmente, procurando, a pretexto de inspeção dos estudos, ou secularização dos seminários, introduzir nesses pios estabelecimentos compêndios e mestres eivados de doutrinas regalistas, jansenistas, galicanas, que corrompam as límpidas fontes do puro ensino católico e distilem no ânimo do joven clero o veneno tão sùtil quão mortífero dos princípios maçônicos.

Em abono do que dizemos, vamos transcrever um importante documento da seita ardilosa, sem dar-lhe crédito relativamente a **grande número** de padres, frades e monsenhores que diz haver arrematado em suas fileiras.

Que alguns infelizes sacerdotes, obliterando os sagrados deveres de seu augusto caráter, metendo debaixo dos pés as leis da Igreja, abafando os clamores da consciência, se hajam despenhado nos pavorosos

(68) *Gazeta des Franc-Mações*, redigida pelo Pastor Zille.

(70) *Cri.* 71.

abismos das sociedades secretas, bem o sabemos; êstes porém são raríssimos e pois não pôdem constituir êsse apregoado **grande número**.

Quando mesmo fosse rigorosamente exáto o quê sustenta a Maçonaria, duas cousas tão sòmente provaria: 1.º a desventura de tais sacerdotes; 2.º a divindade da Religião Católica, cujo edificio dezenove vezes secular, ainda se sustenta apezar da nímia fraqueza de tais colunas, e sustentar-se-á até a consumação dos tempos.

Ouçamos porém a Maçonaria falando por um de seus órgãos:

"Caminhamos a passos largos, a Nubius escrevia Beppo, em 2 de Novembro de 1844, e todos os dias novos fervorosos neófitos afiliamos à nossa conjuração: **Fervet opus**. O mais difficil, porém, não só resta por fazer, como até por esboçar. Adquirimos, e **sem grande trabalho**, religiosos de tôdas as ordens, padres de quasi tôdas as condições, e certos monsenhores intrigantes e ambiciosos. **Não é o que há de melhor nem mais apresentável**; mas não importa. Para o fim proposto, um frade aos olhos do povo é sempre um frade; um prelado será sempre um prelado. **Naufragamos completamente junto aos Jesuitas**; DESDE QUE CONSPIRAMOS AINDA NÃO NOS FOI POSSÍVEL PÔR A MÃO EM UM INACIANO, e cumpre saber qual a razão de tamanha e tão unânime obstinação. Não creio na sinceridade da fé nem na dedicação dêles à Igreja; porque entretanto ainda não descobrimos **em nenhum dêles** a falha da couraça? **Não temos Jesuitas conôsko**; mas podemos sempre dizer e mandar dizer que os temos, o que vem a ser absolutamente o mesmo.

"Não será assim com os cardeais; todos êles escaparam às nossas ciladas. De nada serviram as lisonjas mais bem combinadas; de tal sorte que nos achamos tão adiantados hoje, como ontem. **Nem sequer um membro do sacro Colégio no laço**. Os que foram sondados e tentados, todos, desde a primeira palavra sôbre as sociedades secretas e seu poder, fizeram sinais de exorcismo, como se os quizera o diabo transportar ao cume do monte; e, morrendo Gregório XVI (o que vai acontecer breve) achar-nos-emos, como em 1823, na morte de Pio VII." (71)

O documento que acabamos de citar, dilêtos Filhos, é tão claro, que não necessita de comentários; prova exuberantemente e revela:

1.º O trabalho latente, infernal, da Maçonaria no próprio Santuário do Deus vivo, cujos ministros ela esforça-se para apanhar em suas rêdes;

2.º A razão por que ela vota sanha mortal, ódio de extermínio aos Jesuítas, a quem nunca tem podido iludir ou aliciar;

(71) Cri. p. 67.

3.º Que nem um só Cardeal foi ilaqueado pelas sociedades secretas;

4.º Que redobram-se os seus insanos esforços. ativam-se os seus diabólicos trabalhos ao avizinhar-se o ocaso de cada Pontífice.

Prossigamos.

2.º — A Maçonaria **afasta do Papado tudo o que lhe poderia servir de ponto de apóio e sustentáculo.**

Não é preciso grande esforço para vô-lo provar.

Os Estados Pontifícios são pequenos territórios, doados à Igreja por diferentes monarcas e Senhores católicos, e cujo Soberano assim temporal como espiritual é o Romano Pontífice. De posse dêles, o Papa é independente e desimpedido, livre e desembaraçada é a ação de sua Autoridade Apostólica; sem êles, está prêso, dependente do arbítrio de outrem, sujeito aos caprichos de um Príncipe que pôde ser católico, chismático, protestante, musulmano, etc., e sua ação espiritual enormemente dificultada. Os Estados Pontíficos são, pois, um ponto de apóio para o Papado. Pois bem! por isso mesmo a Maçonaria usurpou-lhe essa diminuta nesga de terra, chamada patrimônio da Igreja, e esbulhou-o do Poder temporal!

As Ordens religiosas são as tropas mais aguerridas e mais bem disciplinada sda Igreja; imensos e relevantes serviços prestam na propagação e conservação da fé; sumamente auxiliam o Papado no desempenho de sua missão divina. Pois, sim! por essa mesma razão vêmo-las dissolverem-se por tôda a parte, sob a ação deletéria dos poderes maçônicos, que juraram exterminá-las!

As nações e os governos sinceramente católicos são as trincheiras do Papado; são valentes barreiras, diques poderosos que abrigam-no da invasão da onda revolucionária; e, estreitamente unidos, governos e Papado, comunicam-se reciprocamente fôrça inexpugnável. É justamente êste o motivo por que a quasi onipotente Maçonaria risca tais nações do **mappa-mundi**, ou as abate e debilita; derriba tais governos, ou separa-os da Santa Sé!

Assim é que a Polônia desapareceu da carta da Europa; assim é que o reino de Napoles, os ducado sde Modena, Parma, Toscana sumiram-se nas crateras do vulcão revolucionário; assim é que a Áustria está consideravelmente enfraquecida, a França profundamente humilhada, a Hespanha sobremodo dividida; ao passo que atualmente dominam as potências anti-católicas, infensas à Igreja Romana.

Tudo isto, Irmãos e Filhos muito amados, é obra da tenebrosa Maçonaria. E para que vos convençais de que as influências maçônicas nada atribuímos de mais, nem tão pouco sem fundamento, vamos inserir

aquí, em prova da nossa asserção, alguns trechos de um relatório oficial que o célebre Mazzini, chefe, ou pelos menos, alto funcionário, das sociedades secretas, dirigiu, em 1851, de Paris ao **Comité central revolucionário**, em Londres, e, depois, aos principais agentes da França, Itália, Alemanha e Suíça:

"Nossa grande obra, senhores, diz êle, se compõe de duas partes. Trata-se em primeiro lugar de **fazer desaparecer** o que é **velho e usado**, o que não pôde mais servir. Trata-se depois de reconstruir de novo.

"Quanto ao primeiro fim a que nos propomos atingir, um olhar lançado sôbre a Europa deve com razão encher-nos de profunda gratidão para com Deus e inspirar-nos ao mesmo tempo coragem inquebrantável. Encham-se os governos de orgulho e de complacência em suas obras! Nós reconhecemos **em nós mesmos** a MÃO SUPREMA QUE DIRIGE OS DESTINOS DOS PÖVOS; deixemos aos governos sua pomposa e inútil linguagem; **trabalhemos** sempre e sempre com prontidão e eficácia.

"Tenho razão para estar satisfeito com a **França**; neste grande país prospera a doutrina do porvir, e os detestáveis esforços dos partidos, que disputam uma posição que nenhum dêles poderia conservar auxiliam e favorecem nossos progressos e conquistas. A Providência serve-se dêsses mesmos partidos, encontra nas tentativas dêles meios de convencer cada vez mais os povos da decrepitude das **formas velhas** e prepará-los para a aplicação próxima das **nossas formas novas**. Os esforços que fazem alguns dos ministros do efêmero poder que ora governa a França, com intuito de consolidar essas formas afim de torná-las duráveis, êsses tentamens são sintômas animadores da cegueira do poder, mantêm salutar fermentação que se estende incessantemente e nos promete, em termo próximo, feliz êxito. **O ensino de nossos princípios e a atividade de nossos amigos**, que não me é preciso designar nominativamente, **fundam um terreno maravilhosamente preparado** pelos nossos próprios adversários.

"**A Península Ibérica**, onde os elementos de resistência apresentam ainda espessa camada, não retrograda senão na aparência. **Ela se transforma. Sem descanso prossegue-se o trabalho da decomposição** naquele corpanzil, nada poderia pará-lo ou suspender-lhe os efeitos; e os acontecimentos que se dão em **Portugal**, longe de inspirar-nos o menor susto, **coadjuvam, pelo contrário, os nossos esforços** para atingirmos o nosso fim.

"**A Península Italiana**, nossa cara pátria, tão digna de futuro que **lhe cure as chagas, está hoje mais poderosa e resoluta que nunca**

DEVEMOS CONTAR, CONTAMOS COM CERTEZA!!! **com o govêrno esclarecido de Turim.** Êle tem o sentimento de sua missão e está pronto a recommear seus gloriosos combates, **apenas as circunstâncias previstas coloquem, nos países vizinhos, os homens do futuro à frente dos negócios.**

"Quanto à **Suiça**, fôco da liberdade européia, nada vos direi, porquanto de outra parte recebeis informações a seu respeito. Dir-vos-ei apenas que os perigos, que inda há pouco ameaçavam êsse país, foram removidos, graças à prudente direção que **OBRIGAMOS** o govêrno francês a tomar.

"Eu poderia dispensar-me, pela mesma razão, de falar-vos a respeito da **Alemanha**; não posso, porém, deixar de manifestar-vos a **particular satisfação** que experimento, quando reflito sôbre o estado dêsse importante país. Não se realizou a **união tão receiada** entre a **Prússia** e a **Áustria**. Os esforços do primeiro ministro austríaco, que é o continuador do príncipe de Meternick, naufragaram contra a resistência da Prússia, que conservou-se fiel à sua **missão histórica.** Uma voz eloquente pronunciou a-cêrca-da **Áustria** uma palavra que diz tudo, e vós a conheceis: **DELEND A EST AUSTRIA!**

"**Não poderíamos empregar bastante atividade em Londres, em Paris, até em Berlim, para suscitar embaraços à Áustria.** Poderosos motivos tenho para crer que os hábeis esforços daqueles que, **sem o saberem,** servem aos nossos interesses, debaixo dêste ponto de vista, obterão alguma cousa em Berlim. O **DELEND A EST AUSTRIA** é a primeira e última palavra de ação contra essa potência. Convém apoderarmo-nos da Prússia excitando os seus brios militares e a sua susceptibilidade, e da Áustria açulando umas contra as outras as diferentes nacionalidades de que se compõe êsse império."

Depois de haver mencionado, sempre com satisfação, o **Império Otomano**, na parte européia, e a **Rússia**, continua o celeberrimo Mazzini:

"A história de todos os povos e de todos os séculos nos ensina que os instrumentos da tirania pôdem-lhe recusar o seu serviço **no momento difícil**, e as leis da natureza nunca se desmentem. Uma sociedade organizada contra a natureza morre entregue a si própria, e **NÓS SOMOS, além disso, OS MÉDICOS MAIS ADAPTADOS para facilitar-lhe e precipitar-lhe a morte.**" (72)

Êste memorável documento, caros Irmãos e Filhos no Senhor, onde, através do véo de aparente moderação, se entrevê o espírito da des-

(72) Journal des Débats, 16 de Maio de 1851.

truição, a obra revolucionária das sociedades secretas, tornando bem patente que a Maçonaria é a mola misteriosa que faz subir ou descer as nações, a força motriz que rege todo o mecanismo dos governos hodiernos, imprimindo-lhes movimento impulsivo para esta ou aquela direção, prova à sociedade quão verdadeira é a nossa proposição.

Portanto, nada mais precisamos acrescentar.

3.º — A Maçonaria, depois de haver minado as bases do Papado, depois de o haver isolado de tudo o que lhe poderia servir de sustentáculo, julga chegado o momento de **dar-lhe o último empurrão**, para deitá-lo por terra.

E aqui, Irmãos e Filhos diletíssimos, não se faz necessário invocarmos o testemunho dos escritores maçônicos, nem tão pouco socorrer-nos das principais autoridades da seita. Documentos, têm-os abundantes, eloquentíssimos, ante os olhos, escritos na frente das nações pela mão misteriosa da senhora das trevas: basta relancear rápido olhar sobre os dous continentes europeu e americano.

Atendei, na realidade, para o que ora se está passando na Prússia, Áustria, Suíça, Itália, Portugal, Brasil, Chile, Perú, Venezuela, Guatemala e México.

Aqui arrancam violentamente os Bispos do seio do rebanho querido, processam com clamorosa injustiça a sacerdotes venerandos, deportam padres inocentes, conculcam os sagrados Cânones, postergam as divinas prerrogativas da Igreja; e exigem, ao mesmo tempo, que o Santo Padre sancione tudo isto, sob pena de maiores arbitrariedades!

Alí, tentam separar o Estado da Igreja, impor o casamento civil, abolir ou desconhecer certos direitos inalienáveis da Igreja de Jesus Cristo, confectionar leis opressoras da consciência católica, promulgar éditos destruidores da divina autonomia da nossa Religião sacrosanta; e pretendem, ao mesmo tempo, que o Sumo Pontífice tudo aprove, sob pena de mais tristes calamidades!

Acolá, extinguem as Ordens religiosas, expelem da mansão da paz as castas esposas do Cordeiro sem mácula, despojam-nas de seus bens, usurpam o Patrimônio de S. Pedro, tolhem a liberdade ao Vigário de Jesus Cristo, maquinam a destruição do Catholicismo; e querem, ao mesmo tempo, que o Papa ratifique todos êstes deploráveis atentados, sob pena de maiores e mais flagrantes violências!

Além, encarceram também, depõem, ou deportam os legítimos Pastores da Santa Igreja de Deus; também prendem, multam, responsabilizam, ou desterram os sacerdotes católicos, fieis aos seus heróicos Pre-lados; também expulsam todos os religiosos de qualquer Ordem que sejam; também promulgam leis, fazem baixar decretos diametralmente opostos

à fé católica; e ousam esperar que o Chefe supremo do Catholicismo se conforme com tôdas essas horrorosas vexações, sob pena de mais tirânico despotismo!

Por tôda a parte, notamos, com mui leves discrepâncias, a mesma tática, o mesmo sistema, os mesmos meios de ataque, a mesma uniformidade de ação: tudo isto obra da Maçonaria!

Sim, por tôda a parte a seita hipócrita, a pretexto de soberania nacional, de prerrogativas da Corôa, de direitos magestáticos, etc. etc., suscita constantemente lamentáveis conflitos entre os dous poderes — eclesiástico e civil; fomenta injustas desconfianças do Estado contra a Igreja; aviva antigos ciumes daquele para com esta; e, por intermédio dos governos, feitura sua, faz pressão sobre o Vigário de Jesus Cristo, ameaçando-o com cárceres, confiscações, exílios para os Bispos e padres fiéis, com o rompimento diplomático, chisma religioso, e furiosa perseguição contra os católicos.

O plano sombrio da seita é atemorizar com êsses arreganhos o Romano Pontífice, afim de arrastá-lo a transigir com certos princípios modernos, a fazer concessões que nada menos importariam que a escravidão da Igreja e um golpe fatal desferido em cheio no Catholicismo.

A sinagoga de Satan resolveu, todos o sabem, destruir o Papado, e para tal fim envidará todos os esforços, não vacilará ante meio algum, por mais iníquo que seja. Mas, antes de tudo, tenta se pôde conseguir que o Papa se suicide, como o Amalecita, desfeche em si próprio golpe mortal, se precipite nos mortais abismos do êrro, declinando por pouco que seja do caminho da verdade.

Que louca pretensão! que pasmosa cegueira! que deplorável ilusão!

"A Santa Igreja Romana, garantimos nós com S. Jerônimo, que sempre conservou-se pura e imaculada, permanecerá sempre, em todos os tempos do porvir, firme, imutável em sua doutrina, a despeito dos mais furiosos ataques dos herejes, pela providencial proteção do Senhor e pela assistência do Bemaventurado Pedro." (73)

Ouvi, agora, Irmãos e Filhos muito amados, trechos de um documento precioso, importantíssimo por ser de nossos dias: é A CIRCULAR OFICIAL DO **Grande Oriente de Roma**, dirigida, em 14 de Dezembro de 1872, às Lojas da Itália:

"O nosso estabelecimento em Roma tem aberto nova éra para a humanidade, para a Itália, **para a Maçonaria. Apagamos** da legisla-

(73) Comm. in Joan. *Hoc est fides.*

ção humana uma infame teocracia que era um insulto à civilização, **conquistamos** para a nação a sua capital histórica. **A MAÇONARIA alcançou nova vitória em favor dos princípios** POR QUE PUGNA.

"No entanto, nem a Maçonaria nem a Itália **completaram ainda a sua missão**, e a humanidade **ainda espera de NÓS o extremo golpe vibrado a uma religião rapinante e sanguinária**. O termo reivindicado para o poder leigo esta sede da civilização; **o encontrarmo-nos senhores**, ou exercendo nossa soberania, entre estes solenes monumentos da antiga grandeza, impõe-nos maiores deveres, e deve-nos infundir maior alento para combater os inimigos do progresso e proclamar o reinado da justiça e **a vitória da razão**.

"Deve notar-se que as condições do país são tais, que devem atrair mais que nunca **a nossa atenção**, e reclamam tôda a **nossa enérgica atividade**. Por uma parte, o Papado tenta os últimos esforços **para manter firme um edifício que desaba**; pela outra, o govêrno, com **êste agonizante**, sem lembrar-se de que o hálito da **moribundo** acabará por envenená-lo e **apressar-lhe a morte**, **RENEGANDO a missão italiana**. É mister, pois, **lutar contra os esforços da Igreja e as tendências do govêrno**; educar as populações para a **verdadeira liberdade**; preparar sériamente o dia em que sôbre a terra **não existirão mais NUMES, nem ÍDOLOS, nem TIRANOS, nem escravas**, nem homens que gozem, nem miseráveis que sofrem; mas uma federação de famílias independentes, livres, instruídas, ativas, prósperas. Não podemos, **sem mentir ao nosso juramento, sem renegar a nossa história, FICAR MUDOS ESPECTADORES nêstes momentos supremos**." (74)

Mais claro do que isto, Irmãos e Filhos da minha alma, não é possível, nem é preciso!

Êste documento prova pois à tôda luz da evidência:

1.º Que foi a Maçonaria quem estabeleceu em Roma o Govêrno de Turim, e que, hesitando êste em ir ávante na obra devastadora da ímpia seita, ela o ameaça e jura apeá-lo do poder, se não quizer prosseguir;

2.º Que ela não está satisfeita com a queda momentânea do Poder temporal dos Papas; mas que se esforça ainda por destruir o Poder espiritual deles para conseguir o seu fim, que é, como já o dissemos, — o ANIQUILAMENTO DO CATOLICISMO, PELA ABOLIÇÃO DO PAPADO.

IV

3.^o — Como procura a Maçonaria desviar os obstáculos que lhe embaraçam a realização do seu plano?

"Pouco há que fazer com os velhos cardeais ou prelados, cujo caráter é bastante decidido: é mistér. procurar nos nossos arsenais de popularidade as armas que lhes tornarão ridículo ou inútil o poder nas mãos. Uma palavra **que se inventa com habilidade** e se tem a arte de derramar em certas famílias honradas e escolhidas, para que daí desça aos botequins e dêstes para as ruas, **uma palavra pode algumas vezes matar um homem**.

"Chega de Roma um padre para exercer uma função pública, **creai-lhe uma dessas reputações** que atemorizam as crianças e as velhas; **pintai-o cruel e sanguinário**; contaí alguns feitos de crueldade que possam facilmente gravar-se na memória do povo.

"Na Itália não faltarão, como não faltam em França e na Inglaterra, dessas penas que **sabem aparar-se nas mentiras úteis à boa causa**.

"Esmagai o poderoso à fôrça de **maledicências** ou de **calúnias**.

"Deveis **simular** a simplicidade das pombas e a prudência das serpentes.

"**Se vos aprover, para melhor iludir as vistas inquisitoriais, IDE MUITAS VEZES À CONFISSÃO.**

"Deveis apresentar-vos com tôdas as aparências de homem grave e moral".

Em resumo, 1.^o difamar, espalhando **o ridículo, a mentira, a calúnia**, no seio das famílias, verbalmente, e no seio do povo pelo órgão da imprensa; 2.^o dissimular pela **hipocrisia** e até pelo **sacrilégio**: eis o método diabólico que segue a Maçonaria para superar os embaraços que encontra no seu caminho.

1.^o — Infelizmente, diletos Irmãos e Filhos, assim é! À Maçonaria e com seus corifeus aplica-se admiravelmente o que dizia Isaías de certos homens de então, que, **tendo feito aliança com o morto, formado pacto com o inferno, na mentira depositavam tôda a sua confiança, no azeite**

achavam grande auxílio, (75) da calúnia e do tumulto esperavam o êxito dos seus projéto e abomináveis intentos. (76)

Sim, para sobrepujar os obstáculos que lhe embargam o passo, e chegar ao fim almejado, demonstra-nos a quotidiana experiência que a Maçonaria nunca trepida sequer um instante em lançar mão das armas **da calúnia e da mentira, peiores que a morte. (77)**

A lei santa de Deus diz aos Cristãos: "Não mintais contra a verdade;" (78) porque é pecado mortal.

Diz, porém, a Maçonaria aos seus adeptos: "Menti, menti, porque sempre alguma cousa há de ficar."

A lei santa do Senhor diz mais aos Cristãos: "Não calunieis o vosso próximo;" (79) porque é culpa letal.

Diz, porém, a seita anti-cristã aos seus filiados: "Esmagai o inimigo, esmagai o poderoso à força de maledicências ou calúnias!"

Se a seita tenebrosa bem o recomenda, melhor o pratica.

Para difamar os padres, os Bispos, os Cardeais, o Papa, a Igreja, enfim; para indispor contra êles os Imperantes, as classes elevadas da sociedade, as camadas inferiores, o povo simples e de boa fé, a Maçonaria sobe **respeitosa** os degraus do trono, curva-se hipócritamente ante o Soberano, e depois segreda-lhe ao ouvido uma **palavra habilmente inventada**, que o torna suspeito, enfadado, de semblante carregado contra o clero.

Scindo dos reais aposentos, penetra nas ante-salas do Parlamento, e aí deixa escapar uma meia palavra, uma reticência, que é mais que bastante para tisonar a reputação dos ministros do Senhor, dos príncipes da Igreja.

Dáí dirige-se ao lar doméstico, insinua-se, qual astuta serpente, no seio das famílias nobres e honradas, onde, balbuciando, como que a medo, certa palavrinha **habilmente inventada**, depõe o germen mortífero da desconfiança, desrespeito, ogeriza, e às vezes de ódio contra a classe sacerdotal.

(75) Viri illusores... dixitis enim: Percussimus foedus cum morte, et cum inferno fecimus pactum... posuimus mendacium spem nostram, et mendacio protecti sumus. (Isai. 28, 14, 15).

(76) Sperastis in calumnia et in tumultu, et innix estis super eo. (Isai. 30. 12).

(77) Calumniam mendacem, super mortem. (Eccles. 26. 7).

(78) Nolite gloriari et mendaces esse adversus veritatem. (Jac. 3. 14).

(79) Non facies calumniam proximo tuo. (Levit. 19. 13).

Desce, depois, ao teatro, ao botequim, ao clube, ao passeio público, à tenda do operário, à choupana do pobre, etc., etc.; e por toda a parte vai murmurando uma queixa falaz contra a Igreja, vai profirindo um dito, uma palavra, uma colúnia, que indispõe, irrita, inflama o povo contra todo o clero.

Assim é que a pouco e pouco vai a seita nefanda infiltrando nas veias do corpo social a súpil peçanha da maledicência e da calúnia, com que ela tenta levar-lhe a morte ao coração, tirar-lhe a sua vida, — a Igreja Católica Apostólica Romana.

Será isto por ventura, amados Filhos, cousa estranha entre nós, ou antes um fato palpitante de atualidade que todos os dias presenciemos com mágua funda e pungente?!

O rosalgar veneno da calúnia verte-o ainda a Maçonaria no seio das massas populares, por meio da imprensa; e desta vez com maiores estragos e mais crescido número de vítimas; porquanto mais longe alcança o órgão da imprensa que a voz humana, mais fundo penetra a pena caluniadora que a língua maldizente.

A imprensa é, com efeito, o grande canal por onde se escoam no seio da sociedade tôdas as imundícies da Maçonaria; é por ela que tôdas as doutrinas perniciosas, todos os princípios subversivos, tôdas as idéias revolucionárias, tôdas as calúnias, aleives e falsidades, defluindo dessa fonte impura, sentina, no dizer de um grande Pontífice, de tôdas as heresias, de todos os sacrilégios e blasfêmias, (80) se comunicam aos indivíduos, aos povos, às nações, e infestam o mundo em pêso.

"Espero que em breve, dizia há anos o irmão Bourlard, no Grande Oriente Belga, terá a imprensa uma parte de sua missão a desempenhar **para VULGARISAR as verdades que a maçonaria professa. DEVEMOS AO LADO DE CADA UM DOS NOSSOS TEMPLOS TER ESSA FÔRÇA PODEROSA, LEGAL, CONSTITUCIONAL.**" (81)

E na realidade assim procede a seita. Por toda a parte tem ela gazetas suas, órgãos genuínos de suas idéias e princípios.

Para que citar-vos, o **Franc-Maçon**, o **Mande Maçonnique**, o **Journal des iniziés**, o **Maçonnique**, **Freimaurer Zeitung**, e outras folhas maçônicas do estrangeiro?

Recordar-vos o **Pelicano**, a **Luz**, a **Fraternidade**, a **Verdade**, a **Família Universal**, o **Labarum**, a **Família**, e outros periódicos maçônicos do Império é provar o nosso assêrto, é relembrar ao mesmo tempo a

(80) Greg. XVI. *Encycl. Mirari vos.*

(81) Gantrel. t. II. p. 159.

aluvião de calúnias, insultos, ridículo, agressões, blasfêmias, que a seita de há três anos tem entre nós vomitado contra as pessoas e cousas sagradas.

Além dos que se declaram francamente órgãos seus, tem a Maçonaria outros muitos jornais que, se bem se não confessem tais, o são todavia.

Tratando da fundação de um jornal maçônico, entre outras cousas decidiu o Grande Oriente da Bélgica o seguinte:

"Só o Grande Comendador é que dirigirá o jornal, seus empregados, redação e administração.

"O jornal **não terá nenhum título maçônico**. Professará abertamente os princípios maçônicos, e, quando fôr necessário, defenderá a Maçonaria contra os ataques dos jornais jesuitas." (82)

Ainda mais.

Além das gazetas com ou sem título maçônico, declaradas, ou não, maçônicas, tem a seita ingerência direta ou indireta numa infinidade de outros jornais que cooperam com ela; e sobre êles exerce poderosa influência já em virtude de coadjuvação pecuniária, ou outro qualquer auxílio já pelas simpatias de princípios e identidades de vistas, já finalmente por intermédio de algum mação que lhes insinua na redação.

De sorte que, seja dêste ou daquele modo, a imprensa atual está quasi em sua totalidade, debaixo do influxo deletério da Maçonaria, que só a tornou **livre**, para maiores vantagens auferir. Pouquíssimas folhas se contam nos dois hemisférios, que lhe escapem à ação maléfica.

Daí vem, Irmãos e Filhos caríssimos, essa formidável conspiração da imprensa moderna contra a Igreja Católica e seus ministros; conspiração que, de urna à outra extremidade do globo, se traduz em gritaria atrozadora, ou em silêncio profundo.

Entra nos cálculos e interesses da Maçonaria assaltar a Igreja, caluniar os sacerdotes, atribuir-lhes fatos horrorosos, cuja autoria a outrem compete, propalar anedotas adrede inventadas para desmoralisá-las?

De súbito levanta-se, por toda a parte, na imprensa, alarido medonho e celeuma aturdidora. Os jornais clamam, soltam brados que vão repercutir até os mais remotos confins da terra.

Eis a conspiração da gritaria!

Cumpre, pelo contrário, calar um acontecimento favorável ao Catholicismo, não tornar conhecido um ato virtuoso, uma virtude heróica da Igreja e de seus ministros? Não é possível negá-los ou pelo menos deturpá-los?

(82) Neut. t. 1. p. 382.

Dá-se então a conspiração do silêncio. A imprensa toma-se de repente estupor; fica muda, nada vê, nada ouve, nada sente, tudo ignora!

Ainda não é tudo.

A seita que tão grande proveito sabe tirar da imprensa jornalística, não o tira menor dos livros, brochuras e outros impressos.

Possue ela oficinas tipográficas em diversos países, com as quais despende avultadas sômas e que todos os anos lhe produzem enorme quantidade de obras que só frutos de morte podem dar.

"Em breve, dizia o **Piccolo Tigre** aos agentes superiores da Venda piemonteza, teremos à nossa disposição uma tipografia em Malta. Poderemos então, impunemente por certo, e debaixo da **bandeira britânica**, espalhar de um a outro ponto da Itália os livros, brochuras, etc., que a **Venda julgar conveniente** pôr em circulação." (83)

"As nossas tipografias da Suíça, dizia o mesmo personagem maçônico a Núbias, estão em bom caminho, **produzem livros tais como os desejamos**; mas custam-nos um tanto caro. **Tenho consagrado** a essa propaganda necessária **parte assaz considerável** dos subsídios recolhidos." (84)

Poesia, história, literatura, romance, folhetim, tudo a maçonaria embebe no veneno da corrupção, no fêl da calúnia, na peçonha da difamação contra o clero e a Igreja Católica. Para tal fim tem ela, escritores seus a quem subvenciona generosamente, exalta até o sétimo Céu, cnima, remunera, agradece com penas e medalhas de ouro, como em 1845 fizeram com Eugênio Sue as Lojas de Anvers e de Bruxelas. (85)

Isto é fato incontestável.

Ajantai agora, Irmãos e Filhos muito amados, à soma de calúnias de todo o gênero contra a Igreja e o clero, que a Maçonaria, de viva voz, derrama no seio de tôdas as classes da sociedade, essas outras infinitas calúnias que ela propala pela imprensa em jornais, livros, brochuras, romances, etc., etc.; e calculai que males insondáveis não causam ao espírito religioso êsses inúmeros impressos que inundam as cidades, circulam nas aldeias e pequenos povoados; penetram até aos mais longínquos sertões, caíndo indistintamente nas mãos do instruído e

(83) Crét. joly. III p. 123.

(84) Carta de 5 de Janeiro de 1846.

(85) Gautrel t. II p. 162.

do ignorante, do civilizado e do rústico, do homem refletido e do manco inerte, da velhice prudente e da mocidade incôta!

Vêde se, nas mãos da Maçonaria, não é esse um meio poderoso de vencer os obstáculos que lhe possam antepor pobres padres indefesos, coitados, e sem apôio dos humanos poderes.

2.º — Se, para atingir os seus fins, nunca hesita a Maçonaria no emprêgo do ridículo, da maledicência e da calúnia, inda menos vacila em recorrer à dissimulação, à hipocrisia e até ao sacrilégio. Aí está, no documento que serve de base a esta primeira parte de nossa Instrução Pastoral, sim, aí está tudo isto aconselhado e encarecidamente recomendado.

A Maçonaria toma, à imitação do Proteo da fábula, mil formas diversas, segunda as suas conveniências e interesses. Aqui, finge sentimentos de humanidade, que não tem; alí, frequentando os sacramentos, assistindo ao santo sacrifício da Missa, cobre-se com o manto da religião, que aborrece, detesta e jura exterminar; acolá convive com os Príncipes e Soberanos, a quem tenta derrubar; além, visita assiduamente os Bispos, os Prelados, os Cardiais e outros personagens eclesiásticos, a quem vota ódio de morte, guerra de extermínio: tudo isto com o fim de melhor iludir os incautos e chegar sem embaraço ao termo, de seus abomináveis projetos!

Eis o que de Roma escrevia **Nubius** a um judeu prussiano:

"Passo algumas vezes uma hora de manhã **com o velho Cardeal della Somaglia**, secretário d'Estado; passeio a cavalo em companhia ora do duque de Laval, ora do príncipe Cariati; vou, **DEPOIS DA MISSA**, beijar a mão à formosa princesa Doria, onde quasi sempre encontro o belo Bernetti. Daí corro à casa do **Cardeal Pallota**, um Torquemada moderno, que muita honra faz ao nosso espírito de invenção; depois visito **nas próprias celas**, o Dominicano Jabalot, procurador geral da inquisição, o Theatino Ventura, ou o Franciscano Orioli. À tarde começo de novo em casa de outros essa vida ociosa, tão bem ocupada aos olhos do mundo e da côrte..." (86)

Isto é infame! é horroroso!

Notai bem, Irmãos e Filhos muito amados! Este fervoroso personagem, frequentador constante dos Cardeais, assíduo visitante dos frades e até do procurador geral da inquisição (!) é um dos chefes mais assinalados da Maçonaria, e por ela chamado a Roma.

Que é isto senão desempenhar o papel de Judas?

Agora um documento da Maçonaria francesa, fornecido pelo **Globe**, órgão das Lojas.

"Quando nós (maçons), diz este jornal em seu número de 25 de Novembro de 1830, **juravamos fidelidade** a Carlos X e **obediência** à Carta; quando **azoavamos os ouvidos deste monarca com protestos de amor** e cobriamos de ramos as estradas por onde passava, por debaixo de **arços de triunfo**; quando **reuníamos o povo** para vitoriar a sua passagem e **semeavamos a adulação** debaixo de seus passos; quando **os templos**, as academias e escolas **retumbavam** com um concôrto de elogios e bênçãos para êle e sua raça, e nossos poetas cantavam-lhe **as virtudes**; quando êles espadanavam alusões de louvor à bravura do nosso Henrique IV e do valente Francisco I, **TUDO ERA APENAS FINGIMENTO**, por meio do qual procuravamos evitar **os grilhões** com que êle pretendia manietar-nos. Vós fostes como êsses espectadores, noviços que, indo sentar-se pela vez primeira na platêia, tomam como realidades as cenas, que se passam ante si. **DESILUDÍ-VOS**, Pares, Deputados, Magistrados, simples cidadãos, **NÓS TODOS REPRESENTAMOS UMA comédia de quinze anos.**" (87)

Quanta simulação! quanta hipocrisia! é horrível! Mas que sublime lição!!!

O mesmo praticou a seita hipócrita e sacrílega com o imortal Pio IX. Nos primeiros tempos do Pontificado deste grande Papa, a Maçonaria, com o fim de iludí-lo, não cansava de aclamá-lo calorosamente, vitoria-lo com ovações estrepitosas; e, o que mais é, os seus chefes e altos personagens **CONFESSAVAM-SE a MIUDO, COMUNGAVAM TODOS OS DIAS DA PRÓPRIA MÃO DO SANTO PADRE, REZAVAM PÚBLICAMENTE NAS IGREJAS ATÉ CAMBALEAREM, ATÉ CAIREM EM SÍNCOPES!**

Fatos como estes, caros Filhos, contam-se aos milhares. Não há muito referia o **Monde** um dêles, acontecido nos Estados-Unidos em 1865.

Um religioso Passionista fôra chamado para sacramentar um moribundo, em Brooklin. Êste, que era mação e já muito adiantado nos arcanos da seita, **CONFESSOU-SE**, entregando depois ao confessor as suas insígnias e papeis maçônicos.

Levando consigo tão ricos despojos, retirou-se o venerável religioso feliz e contente por haver arrancado aquela alma às garras de Satan, quando foi avisado pela filha do enfermo, excelente católica, de que tudo não estava ali, pois seu pai ainda havia conservado um

(87) Gautrel, t. III. p. 71.

escrito secreto, que, depois da morte dêle, seria entregue selado ao chefe de sua Loja.

Volta incontinente à cabeceira do moribundo. Êste nega formal e obstinadamente a existência de tal papel, resistindo às exortações, aos rogos do bom padre, e até às ameaças da justiça divina. Vencido, afinal, por uma súbita inspiração da filha extremosa, entrega o execrando escrito: **era um juramento de guerra sem fim, sem treguas, contra A IGREJA, O PAPADO E OS REIS**, com as mais horripilantes maldições, se êle violasse a sua palavra, **ASSINADO COM SANGUE!!!**

Êste malaventurado, graças à infinita misericórdia de Deus, ainda teve tempo de arrepender-se de seu último sacrilégio: viveu algumas horas, e as suas derradeiras palavras foram um ato de contrição, de fé e esperança. (88)

Mas, para que citarmos deploráveis exemplos do que se dá em países estrangeiros, quando infelizmente os temos de sobra na cara pátria?

Ouvi, amados Filhos, a narração de um fato cuja veracidade vos garantimos.

Menos de dous anos há, apresentou-se a um Bispo brasileiro um ancião grave no porte, venerando pela corôa de cans, semelhando a fios de prata, que lhe cingiam a fronte, credor de respeito pela classe a que pertence e pela posição que **ocupava** na sociedade. Êste homem era, e ainda hoje é, mação, grão 33. Com sinais de arrependimento, com exteriores de santa compunção, com fervorosas palavras de piedade nos lábios, ajoelhando ante o seu Prelado, pede-lhe a absolvição das censuras, em que se acha incurso por ser filiado à Maçonaria, sociedade condenada pela Igreja.

Vendo tão boas disposições, crendo-as sinceras, depois de haver obtido dêste infeliz formal promessa de nunca mais voltar aos lúgubres ântros da seita pérfida, cujos diplomas, insignias, livros, assegurava o penitente já ter inutilizado completamente, não hesitou o confiante Pastor em atender-lhe os rogos, e, erguendo a dextra, pressuroso, alegre, cheio de ventura, levantou-lhe a excomunhão, **extra confessionem**, abraçando, depois, enternecido até às lágrimas, o filho pródigo restituído ao amor do pai carinhoso, a ovelha tresmalhada volvida ao aprisco do Senhor.

Pois bem! ouvi agora o resto, Irmãos e Filhos da minha alma. e estremecei de horror!

(88) Vide a *União* de 9 de Janeiro de 1875.

Esse penitente que tantos testemunhos dá de seu **não fingido** arrependimento; esse convertido que tamanha contrição e dôr tão funda revela no amargurado semblante; esse homem que mil protestos e juramentos sem par acaba de fazer, — oh ! é inqualificável ! — desprendendo-se dos braços do iludido Pastor, que o cerra contra o peito com efusões de júbilo, encaminha-se direito, **imediatamente**, para uma Loja maçônica, e, aí, empunhando o malhete de Venerável, preside os trabalhos da seita!

Não é tudo. Na mesma noite êste desventurado sustenta e afirma que não tinha abjurado a Maçonaria!!

Ainda mais. Dias depois, escrevia êle que **NUNCA** tinha dado semelhante passo, e que **JAMAIS** o havia de dar!!!

Arrepiam-se-nos as carnes de horror !

Oxalá fora êste o único caso que dêste gênero podessemos referir! Mas infelizmente de outros idênticos sabemos Nós, acontecidos no Brasil, na mesma Diocese, com maior ou menor requinte de hipocrisia e sacrilégio.

E, para não irmos mais longe o que significa a insistência da Maçonaria em permanecer no seio das Irmandades?

Estando as Irmandades e Confrarias religiosas dentro da Igreja **Católica**, como a parte no todo; tendo elas por fim, além da eterna saivação, curar da decência do culto **católico**, sufragar, pelos meios usados no **catolicismo**, os seus irmãos adormecidos no Senhor, falecidos no regaço da Santa Madre Igreja; claro está que para fazer parte, dessas pias associações é de absoluta necessidade, é condição **sine qua non** ser **católico**; nem é necessário, por ocioso, que de tal circunstância façam menção os respectivos compromissos.

Ora, os maçons, quem hoje o ignora ? por mais que digam, pretendam e sustentem, não são católicos, porque de motu proprio se puzeram fóra da Igreja Católica, iniciando-se na Maçonaria, a despeito da pena de excomunhão maior **incurranda ipso facto**, fulminada pelos Romanos Pontífices, contra as sociedades secretas, especialmente contra as maçônicas.

Logo, enquanto não volverem ao grêmio da Igreja Católica, abjurando a seita execranda e recebendo a absolvição das censuras, não podem de modo algum pertencer a êsses pios sodalícios.

Não se pôde estar numa parte do todo, quando do todo se está completamente separado, ou num ponto dentro do círculo, quando se está fóra da sua circunferência.

Isto é óbvio, é evidente, é de primeira intuição. O contrário é, além de ilógico, absurdo e ridículo.

Entretanto a Maçonara que é impia, incrédula, atea, que desco-nhece, despreza, mofa da autoridade da Igreja Católica; que envida todos os esforços para aniquilar o Catolicismo, como já provamos: a Maçonaria, dizemos, pretende os fóros e regalias de católica; introduz-se nas Irmandades e delas não quer sair; domina despoticamente as igrejas, a ponto de reduzir os párocos à categoria somenos a de méro sacristão e de forçá-los a patuar com ela, sob pena de trancar-lhes as portas da própria Matriz; frequenta os Sacramentos, faz pomposas festas, de opas às costas, assiste **piamente** ao Santos Sacrificios de nossos Altares, acompanha procissões, e enterros, etc.

Será isto ignorância ou má fé?

A primeira hipótese, depois de tudo quanto se tem dito e escrito, depois das arbitrariedades e inconseqüências, injustiças e desacatos, que deploramos na amargura do coração, se nos antolha hoje como inadmissível.

Fica, pois, a segunda. Se, para atingir o seu fim a Maçonaria reco-menda e emprega a dissimulação, a hipocrisia e até o sacrilégio em outros países, onde menos tem ela que receiar; com maioria de razão emprega-los-á no Brasil, onde a quasi totalidade da nação é sincera-mente católica, apostólica, romano.

Bem compreende a seita manhosa que, se não escondesse a sua horripilante hediondez sob o manto da religião do país, não poderia encontrar agasalho no seio do povo brasileiro, intrínseca e naturalmente religioso.

Muito custa, porém levar à paciência que católicos se digam homens que escarnecem da autoridade da Igreja Católica; que não crêm o que ela ensina; que não observam as suas santas prescrições; que até fazem garbo de conculcá-las; que não querem saber do Papa, chefe do Cato-licismo; que lhe movem guerra a todo o transe.

Digam-se, sejam mações, protestantes, chismáticos, judeus, maome-tanos, turcos, budistas; ainda bem! Laborarão, é verdade, em êrro deplora-vel, cometerão pecado gravíssimo; mas, ao menos, serão consequen-tes com seus princípios, coerentes com seu teôr de vida; e ninguém lhes irá à mão, ninguém os violentará a ser católicos. Sua alma, sua palma.

A Santa Madre Igreja, essa sentirá profundamente tamanha desdita de filhos que foram seus, procurará iluminá-los e convertê-los; nêste in-tento, porém, empregará tão sòmente as armas da oração, dos gemi-dos, das lágrimas, do conselho, da prégagão, da persuasão, e nada mais.

Digam-se tudo quanto quizerem, menos católicos; porque não o são e não sê-lo-ão, enquanto não crerem o que ensina a Igreja, enquanto

não fizerem o que ela manda fazer, enquanto não obedecerem aos seus preceitos e divinas disposições.

O contrário disto é zombar da lógica e do bom senso.

Em prova de seu catolicismo alega a Maçonaria que tem por patronos a S. João Batista e S. João Evangelista, cujas festas celebra com o maior brilhantismo e pompa.

Pois bem: quereis, Irmãos e Filhos diletísimos, saber o que são, êsses patronos da Maçonaria?

Ouvi o que ela própria diz:

"S. João é apenas o que os Romanos chamavam **Janua inferi** e **Janua caeli**, a porta dos lugares inferiores e dos superiores, isto é, o ponto por onde o sol passa dos signos superiores para os inferiores e dêstes regressa aos primeiros." (89)

"Em tôdas as cerimônias, que se fazem nas Lojas, reconheceréis constantemente o mesmo pensamento (a mesma alegoria solar). Por isso **a nossa Associação colocou-se debaixo da invocação de S. João**; isto é, de **Janus**, o sol dos solstícios. Nestas duas épocas do ano é que nós celebramos a festa de nosso padroeiro com um ceremonial inteiramente astronômico: a mesa, em torno da qual nos sentamos, tem a forma de uma ferradura, e figura a metade do círculo do zodíaco; e nos trabalhos das mesas oferecemos sete libações **em honra dos sete planetas.**" (90)

Eis aí o espírito com que a Maçonaria celebra festas religiosas!

Como prova resumida de tudo o que levamos dito sôbre êste assunto e para perpétua memória da requintada impiedade e diabólica malícia da Maçonaria, vamos exârar aqui alguns trechos de uma carta do chefe da Venda Suprema a um cúmplice, escrita há cerca de 50 anos:

"Assisti, com a cidade inteira (Roma), à execução de **Targhini** e **Montanari**; e mais me agradou a morte que a vida deles... Cairam com âdimo, e êsse espetáculo frutificará... Bradar voz em grito, na praça do Povo, em Roma, na cidade mãi do Catolicismo, em face do carrasco que vos agarra, do povo que vos contempla, que morreis inocente, franc-maçõ e IMPENITENTE,, é admirável!... Montanari e Targhini **são dignos de nosso martirologio, porquanto NÃO QUIZERAM ACEITAR O PERDÃO DA IGREJA, NEM A RECONCILIAÇÃO COM O CÉU.** Até o presente os pacientes choravam arrependidos, com o fim de comover a alma do Vigário das misericórdias; AQUELES, porém, NADA QUIZERAM OUVIR DAS CELESTIAIS FELICIDADES, E A SUA MORTE DE

(89) Ritual do Mestre. Irmão Rebold.

(90) Irmão Claver. Hist. pittor da Franc-Maçõ.

PRECITOS PRODUZIO MÁGICO EFEITO NO POVO. Esta é a primeira proclamação das sociedades secretas, e **a tomada de posse das almas.**"

Quem não sentirá eriçarem-se-lhe os cabelos !

Vistes, Filhos da minha alma, a seita infernal recomendar e praticar a dissimulação, a hipocrisia, o sacrilégio; pois, vêde-a agora recomendando, praticando, encomiando, exaltando a impenitência final ! a morte dos réprobos ! a perda eterna !

"Os mortos terão o seu Panteon; depois irei, no correr do dia **dar os pêzames a** Monsenhor Piatti. Este pobre homem deixou escapar essas duas almas de carbonários. Para confessá-los empregou tôda a sua tenacidade de padre; e entretanto foi vencido. Cumpre-me, pelo que devo a mim próprio, ao meu nome, à minha posição, e principalmente **ao meu futuro**, deplorar **com todos os corações católicos** tal escândalo nunca visto em Roma. **E** deplora-lo-ei **com tamanha eloquência, que espero comover o próprio Monsenhor Piatti.**"

Este trecho, onde ressumbra tanto fingimento e tão refinada hipocrisia, não é mais que a repetição dos escritos e fatos que vos citámos.

"A propósito de flores, prossegue a carta, mandamos pedir, **por intermédio de um dos nossos mais eminentes filiados da Franc-Maçonaria**, ao **poeta** francês Casimir Delavigne, uma **Messenia** sobre Targhini e Montanari. O **poeta** prometeu verter uma lágrima em honra dos mártires e fulminar um anátema contra os verdugos: o Papa e os padres. **Os correspondentes ingleses também farão MIRABILIA**, e aqui mais de um conheço eu que já embocou a tuba épica em louvor da causa."

Eis como a Maçonaria usa e abusa da imprensa e até da poesia, dom celeste, para endeusar o crime, a impiedade, e **fulminar adátemas** contra o Papa e a Igreja Católica !

"E' portanto máo negócio fazer assim heróis e mártires... Se nós um dia triunfarmos, e se, para eternisar a nossa vitória, **houvermos mister de algumas gotas de sangue, cumpre não conceder às vítimas designadas o direito de morrer com dignidade e firmeza.** Mortes assim só servem de fomentar o espírito de opposição e dar ao povo mártires, cujo sangue frio êle admira e aprecia. E' um máo exemplo, e dêle aproveitamos hoje; creio porém ser útil fazer certas reservas para casos ulteriores..."

"Acreditais que em presença dos primitivos cristãos não teria sido melhor que os Césares antes enfraquecessem, atenuassem, confiscassem em proveito do paganismo todos os heróicos pruridos do Céu, do qual deixarem provocar o fervor do povo por uma morte bonita? Não teria sido mais acertado medicar a força da alma, embrutecendo o corpo? **Uma droga bem preparada e mais bem administrada**, que debilite o

J. Vital

paciente até a prostração, é, segundo penso, de efeito salutar. Se os Césares houvessem **empregado as Lacustres** daquele tempo nêsse mister, estou persuadido de que nem o nosso velho Jupiter Olímpico, nem todos êsses pequenos deuses de segunda ordem teriam sucumbido tão miseravelmente ! Tão bela não fôra por certo a sorte do Cristianismo. Chamaram os Apóstolos, os Padres, as Virgens, para morrerem nos dentes dos leões, no amfiteatro e nas praças públicas, debaixo das vistas de uma multidão atenta. Levados por sentimentos de fé, de imitação, de proselitismo, ou entusiasmo, todos êles morriam sem empalidecer, cantando hinos de vitória...

"Se êsses pobres Césares houvessem tido a honra de ser membros da Venda Suprema, eu lhes teria simplesmente pedido **mandassem administrar aos neofitos mais audazes CERTA BEBERAGEM, segundo a nossa receita**, e não haveria mais conversões, porque cessariam os mártires... Os cristãos tornaram-se rapidamente populares, por isso que ao povo apraz o que o impressiona. Se tivesse visto fraqueza, medo num invólucro trémulo, com o suor da febre, ter-se-ia posto a assoviar, ou se houvera dado cabo do Cristianismo logo no terceiro ato da trágico-comédia.

"A Revolução franceza, que tão bôa foi, enganou-se nêste ponto. Luiz XVI, Maria Antonieta e a mór parte oas hecatombes de então são sublimes de resignação ou de magnanimidade...

"Em certa e determinada circunstância arrangemo-nos de modo que um Papa e dois ou tres Cardeais morram como mulheres velhas, com todos os transe da agonia e horrores da morte; assim paralisaremos os desejos de imitação. Poupa-se o corpo, porém mata-se o espírito."

Mais que humana, satânica é, por sem dúvida, Irmãos e Filhos diletísimos, a malícia que transpira de todo êsse longo trecho ! Que perversidade !...

Os Imperadores pagãos, e a revolução franceza, diz a Maçonaria, **cometeram o grave erro de combater a Igreja, dando-lhe mártires e heróis**; ao passo que poderiam haver alcançado maiores resultados sem tão grande inconveniente, administrando, por exemplo, aos cristãos **certa poção, certo ingrediente de farmácia**, que, enfraquecendo-lhes o corpo, **lhes tirasse tôda a energia do espírito, os fizesse tremar, suar, chorar ante os suplícios e assim morrer inglòriamente !**

Tão refinada malícia, alvitre tão ardiloso só o espírito das trévas, só o anjo de perdição pudera inspirar !

"A moral é que nos importa atacar; é pois o coração que devemos ferir... Se uma pedrinha na bexiga bastou para abater a Cromwell, o

que será preciso para prostrar o homem mais robusto e torná-lo sem energia, sem vontade, sem coragem às mãos do algoz? Se êle não tiver força para colher a palma do martirio, não terá também altares, nem admiradores, nem neófitos." (91)

O que acabais de ouvir, Irmãos e Filhos amados, causa assombro, parece incrível; entretanto é a pura verdade!

Para chegar a um fim supremo, para remover os obstáculos que se lhe antepõem, a seita execranda não esmorece, não vacila, não recua ante meio algum. O ridículo e a falsidade, a maledicência e a calúnia, o fingimento e a hipocrisia, o perjúrio e o sacrilégio, tudo lhe serve, tudo lhe é **licito e permitido, de tudo lança ela mão**, sem o **mínimo escrúpulo**, bem o vistes, **com tanto que fique oculto o seu iníquo e monstruoso intento**; pois sua divisa é a dos antigos Priscilianistas: **Juro, perjury, secretum prodere noli.** (92)

V.

4.º — Qual a preparação e marcha gradualmente seguida pela Maçonaria?

"À mocidade é que devemos dirigir-nos: a ela é que **devemos seduzir**, sem que o desconfie, sob o estandarte das sociedades secretas... Ide à mocidade, e, se possível for, até à infância...

"Estabelecida a nossa reputação nos colégios, liceus, universidades e seminários, **tendo captado a confiança dos professores e estudantes**, esforçai-vos principalmente para que os que se alistam **na milícia clerical** procurem a nossa convivência...

"Oferecei-lhes primeiramente, mas sempre **em segredo**, livros inofensivos, poesias fulgentes com ênfase nacional, e pouco a pouco traíeis os vossos **babosos** ao grão requerido."

1.º — Envenenar, Irmãos e Filhos muito amados, as fontes da educação da infância, seduzir e perverter a mocidade, eis aí, em resumo, o trabalho de preparação em que se empenha a Maçonaria, com o abominável intento de formar em seus moldes uma geração ímpia, que lhe desobstrua o caminho e a leve comodamente ao fim proposto.

O coração do menino é cera mole que fielmente copia os traços do sinete que se lhe imprime; é tela branca, sem desenhos, que um dia

(91) Cri. 131.

(92) S. August. De hoeres. c. 70.

representará vistas risonhas, aprazíveis paisagens, ou quadros sombrios, tetricos painéis, conforme as primeiras pinceladas com que a colorir a mão do mestre; é terreno virgem e fecundo, onde com abundância germinarão flores perfumadas, frutos saborosos, ou só cardos, abrolhos, hervas daninhas brotarão, segundo a semente boa ou má, com que lhe houverem enchido os primeiros sulcos.

Nunca se apagam os primeiros traços, sempre duram as primeiras pinturas, os mesmos frutos até o fim sempre produzem os primeiros germens que se depositam em ânimo infantil; porque, segundo a linguagem de S. Jerônimo, dificilmente se perde o que dão os verdes anos: **Dificulter traditur quod rudes anni perhiberunt. . . Recens testa diu et saporem retinet et odorem, quo primum imbuta est.** (93)

O ânimo juvenil, diz um autor pagão, à imitação do frasco de essências que sempre exala o aroma que primeiro embebeu, nunca deixa extinguirem-se as primeiras impressões que nêle se gravaram: **Sicut vosa odorem, quo primum fuerint imbuta, referunt, sic juvenum animi, quas primum formas imaginatione conceperint, nunquam aboleri sinunt.** (94)

Dáí se colige, caríssimos Irmãos e Filhos no Senhor, que desvelos, solicitude e esmero não deve merecer de nossa parte: a primeira educação do homem, cuja influência se faz sentir em todo o resto de sua vida.

E' ela, diz o venerando D. Romualdo Antonio de Seixas, que desenvolve e corrige o germen das nascentes inclinações, encaminhando-as **para a virtude, e acostumando-as ao império da razão; é ela que pela diuturnidade das primeiras impressões forma êsses hábitos e costumes, que fortificados com o tempo constituem uma como segunda natureza, que nenhuma fôrça humana é capaz de arrancar, e que muitas vezes se transmite com os mesmos princípios da vida; é ela que estabelece tão grande intervalo entre seres dotados das mesmas faculdades, que quasi os faz parecer de espécie diferente;** (95) é ela, acrescentaremos Nós com um sábio autor sagrado, que decide de tôda a nossa vida, e dela depende a nossa salvação ou condenação, como da couceira pende a porta: **Ab educatione pendet vita et salus, vel damnatio cujusque, sicut ostium pendet a cardine.** (96)

(93) Epist. 7. ad Lactar.

(94) Philon.

(95) Pastoral I.

(96) Cornelius a Lapide, Comment in Apoc. c. 21.

Esta é a razão por que a Santa Igreja, mãe estremecida e carinhosa, nunca deixou de recomendar com encarecimento a educação da infância, sempre cercou-a das maiores atenções e em todos os tempos consagrou-lhe desvelados cuidados.

Ainda estava no berço, e já clamava pela voz dos Apóstolos: "Pais de famílias, curai solícitos da educação de vossos filhos; educai-os no santo temor e amor de Deus: **Educate illas in disciplina et correptione Domini.** (97)

Já tinha quasi quatro séculos de existência, e não cessava de dirigir aos pais a mesma exortação, pela bôca e pela pena dos Jerônimo, (98) dos Gregórios, (99) dos Crisóstomos, dizendo que nenhum tesouro lhes deveria ser mais caro nem mais precioso que a educação dos filhos: **Nulla nobis possessio, nullus fundus æque nobis gratus et charus esse debet: quippe hæc omnia filii quærunr.** (100) **Hæc est patrum cura pulcherrima; hæc germana parentum sollicitudo.** (101)

Os séculos foram-se multiplicando, os seus dias crescendo: e ela sempre a fazer a mesma recomendação, sempre a velar solícita pela educação da infância. Nêsse intuito, funda Ordens religiosas de ambos os sexos, exclusivamente destinadas a êste mister; abre colégios e escolas gratuitas; cria salas de asilo e outros pios estabelecimentos, onde, a par de sólida instrução, oferece à juventude o pábulo da sã doutrina, o alimento sadio da verdade, e lhe nutre o coração com os puros sentimentos da fé, à medida que lhe vai enriquecendo o espírito com os vastos tesouros da ciência.

Aos próprios sábios do paganismo não escapou a importância da primeira educação e da instrução da mocidade. Na frase de Platão, é ela de suma transcendência para a direção de toda a vida. (102) e de todos os públicos negócios o mais sério e momentoso. (103) Assevera o Orador romano que de todos os serviços que se pôdem prestar à pátria o maior e mais relevante é incontestavelmente educar e ins-

(97) Ephes. 6, 4.

(98) Epist. ad Gaud. Epist. ad Demetr.

(99) Epist. ad Eudox.

(100) Hom. 9. in 1. Tim. 2.

(101) Serm. Cur. in Pentec. Acta Apost. legantur.

(102) Puerilis institutio est maximè momenti ad universam vitam recte instituendam. Lib. 2 de Republ.

(103) Adolescentiæ recta institutio est publicorum negotiorum omnium maxime serium. Lib. 6. de Legibus.

truir a mocidade: **Nullum munus reipublicæ afferri majus meliusve posse quam si doceamus et erudiamus juventutem.** (104)

Com efeito, assim é, diletos Filhos em Jesus Cristo; por quanto da boa ou má educação da mocidade depende totalmente a regeneração, ou a perda da sociedade; da boa ou má direção dada aos seus estudos resulta infalivelmente a salvação ou a ruína da pátria.

2.º — Bem o sabe a Maçonaria. Tanto assim que liga máxima importância à questão do ensino, e busca por todos os meios ao seu alcance assenhorear-se da educação e da instrução da mocidade, afim de preparar uma geração digna de si, isto é, sem Deus, sem lei nem grei; uma geração materialista, rica dos europeus da falsa ciência e bôlida de todo o ensino religioso.

Neste infimo empenho a seita manhosa prossegue gradualmente. Começa arrancando o menno dos braços da Santa Igreja de Deus, mãe pressurosa, a quem incumbe de modo todo particular a missão de educar e instruir todo o homem que vem a êste mundo. (105) pois só a ela e aos seus ministros disse o Filho de Deus: **Docete omnes gentes.** (106)

Vamos às provas.

"Debalde, diz o irmão Franz-Faider, nos lisongeamos com o século XVIII de ter esmagado a infame: esta renasce cada vez mais vigorosa, intolerante, rapace e esfaimada, do que nunca. Para estabelecer com mais firmeza o seu império, é da mocidade que deseja apoderar-se. Tomar o menino no berço, encarregar-se da sua educação até à vida viril, tal é a sua pretensão.

"E' CONTRA ÊSTE DOMÍNIO QUE DEVEMOS COMBATER. Para alcançar êste fim é mister **levantar altar contra altar, opor ensino a ensino.**" (107)

Ainda mais positivo é o seguinte:

"**Propagar**, diz o irmão Beringer, e **derramar a instrução** em todos os grãos, por todos os modos e formas; **ARRANCAR PEDAÇO A PEDAÇO AOS NOSSOS ETERNOS INIMIGOS** o domínio absoluto que exercem nas aldeias, é o ponto de partida, a base essencial da regeneração social a que se dedicou a nossa instituição, e a que deve continuar a dedicar-se acima de tudo." (108)

(104) Lib. 2. de officiis.

(105) Joan. 1. 9.

(106) Math. 28. 19.

(107) Instal. da Loja Fidelidade; Gand, 1846.

(108) Assembléa Geral de 1867. Grande Oriente da Belgica, 5.ª secção, 14 de Julho.

"Sob pretexto, diz uma loja maçônica da Inglaterra, de ensinar ao homem o caminho que deve conduzi-lo à felicidade numa vida futura e **problemática**, o padre apodera-se dêle desde que nasce e inocula-lhe, sob a forma de ensino, um veneno intelectual, que o dispõe para o cativo e opressão, para a tirania e sujeição.

"E' óbvio, à sombra do Sacramento do Batismo o padre recebe a criança ao nascer, mais adiante em nome da Comunhão, faz com os pais uma espécie de contrato, pelo qual fortifica o exercício de um poder, cujos efeitos perniciosos são, o mais das vezes, indestrutíveis. Quem ignora que das primeiras impressões sentidas pelo homem na tenra idade depende quasi sempre o seu destino? O padre, esperto, astucioso na arte de dominar, conhece todo o alcance desta verdade. é o motivo por que êle forceja por assenhorear-se do homem desde a infância, gravando-lhe no espírito as primeiras impressões." (109)

Em conclusão, terminemos o pensamento da Loja, é mister que a Maçonaria arranque o homem, desde o berço, à influência do padre.

3.º — Não para aqui a seita anti-católica. Dado êste primeiro passo, subtraída a criança à ação da Igreja e ao ensino do sacerdote, empenha-se a Maçonaria **totis viribus** em eliminar a religião da educação da infância e privar a mocidade de tôda instrução religiosa.

Fale por nós ela própria:

"O ensino do catecismo, diz a Loja de Anvers, é o maior obstáculo ao desenvolvimento das faculdades da criança. **Libertado o espirito humano dêsse acervo de cousas que o falseam**, tornar-se-á mais justo, mais reto e moral." (110)

"O principal objeto do ensino obrigatório, diz a Loja de Namur, **é não curar de religião, NEM MESMO DE MORAL.**" (111)

"E' triste, diz a Loja de Louvaina, ter que mencionar a **influência deletéria do Catolicismo** sôbre o progresso intelectual das massas. **O protestantismo compreendeu melhor do que o Catolicismo** o que deve ser uma religião moral humanitária. O pauperismo e a ignorância **TÊM POR BASE O EVANGELHO.**" (112)

Supressão de tôda instrução religiosa é o segundo artigo de um projeto de lei sôbre a liberdade do ensino, elaborado pelo Grande Oriente da Bélgica! (113)

(109) Cadeia de União, de Londres.

(110) Neut. t. I. p. 348.

(111) *Ibi.* p. 349.

(112) *Ibidem.*

(113) *Ibidem.*

Ainda mais um documento:

"E' mister empregar, diz o irmão Eugênio Sue, tôdos os recursos da imprensa e dos meios de agitação legal no país, para fazer penetrar na opinião pública esta verdade incontestável, que a instrução moral aos meninos **poderia e deveria ser completamente fora e distinta da instrução religiosa**: resumir a educação moral no que chamarei CATECISMO CIVIL. Esta educação seria muito superior à que dá o **Catecismo católico**. Este, excetuada a recomendação de respeitar aos pais, de amar ao próximo e de não roubar, SÓ CONTÉM UM APONTUADO DE IDOLATRIAS E MENTIRAS, cáos de impostura incompreensível." (114)

Nada mais evidente ! Está tão claro como a luz meridiana !

4.^o — A Maçonaria vai além, irmãos e Filhos muito amados. Feito isto, arrancado o menino dos braços da Igreja, sua única mestra legítima e competente, excluída a religião de tôdas as fontes do ensino, da educação e instrução da juventude, delas se apodera a seita diabólica, para formar homens a seu talante, queremos dizer, sem Deus, sem religião, nem moral.

Ensino **secular e livre**, ensino **gratuito e obrigatório** são os meios de que ela lança mão, para ir direito à mocidade, assenhorear-se dela e infiltrar-lhe nas veias o veneno da impiedade.

Não calúniamos a Maçonaria; fazemos timbre de sempre provar o que asseveramos citando as suas próprias palavras, escritos e feitos.

Ouvi:

"Quando os ministros, dizia o irmão Bourlard, na festa solsticial de 24 de Junho de 1854, no Grande Oriente belga, vieram anunciar ao país como pensam organizar o ensino do povo, exclamemos: **"A mim, maçã, a mim pertence a questão do ensino, a mim o seu exame e solução."** (115)

Não lhe pertence ! Ela é que dêle se apodera surrateramente e às vezes até por meio da violência.

"Organizem os nossos Irmãos da Bélgica o ENSINO LIVRE e multipliquem os centros, diz a Cadeia de União, de Londres, em 1865; porque no dia em que **se exija** dos pais que livrem os filhos do **virus** do ensino clerical, será mister abrir-lhes as portas de estabelecimentos, onde recebam uma **EDUCAÇÃO RACIONALISTA.**" (116)

Quanto ao ensino gratuito e obrigatório, diz a seita pelo órgão do irmão Gofin, que a ela se deve a fundação das bibliotecas populares...

(114) Cartas ao *Nacional*, em 1852.

(115) Gautrel, t. II. p. 118.

(116) Neut. t. 1. p. 356.

"Mas, acrescenta, para que esta instituição produza resultados satisfatórios, lhe é mister, como complemento indispensável, o **ensino gratuito e obrigatório**. É para êste ponto que devem convergir todos os esforços da Maçonaria." (117)

Eis aí, amados Filhos, como a Maçonaria se apodera da instrução da mocidade, para **profligar a ignorância clerical**, e preservar os meninos **dos preconceitos, superstições e fanatismo** (Catolicismo, dogmas e mistérios) ! (118)

Com êste fim ela funda escolas suas, cria associações protetoras da instrução primária, estabelece **Ligas de ensino**, como na França e Bélgica; e, não contente com tudo isto, procura ainda exercer sua maléfica influência nas escolas públicas, nos colégios particulares, nas academias e até, — quem tal diria ! — nos Seminários !

O peor é que, infelizmente, logra a seita o sinistro intento, intraduzindo por tôda a parte, à sorrelfa, pedágonos, professores, lentes que lhe sejam filiados, ou pelo menos esposem as suas idéas, abracem os seus princípios, compêndios e livros, em cujas páginas envenenadas a infância ingênua e a incauta mocidade bebem a longos haustos, sem que o pressintam, a morte dalma.

5.º — Assim corrompidas tôdas as fontes da instrução, inficionadas as águas da vida social, o que será da sociedade ?

Ainda lhe resta uma fonte de salvação, uma nascente água viva, pura, regeneradora.

Mas, até aí tenta a Maçonaria distilar a peçonha do êrro, verter o letal veneno da impiedade !

A sociedade, caros Filhos em Jesus Cristo, tem por base fundamental a família; de sorte que a sociedade será o que for a família. Esta, a seu turno, quasi depende exclusivamente da mulher.

Êste ente de tão apregoada fraqueza, exerce prodigiosa influência sôbre o homem, sôbre a família, sôbre a sociedade inteira.

Quando virtuosa, é, na linguagem dos Livros Santos, para o lar doméstico, o que é o rei dos astros para tôdo o mundo: **Sicut sol oriens mundo in altissimis Dei, sic mulieris bonæ species in ornamentum domus ejus.** (119) Quando bôa, é a lâmpada do santuário da família: **Lucerna splendens super candelabrum sanctum,** (120) cuja luz meiga, suave, benéfica reflete docemente sôbre o esposo, filhos e criados, alumia-

(117) Hist. popul. de la Franc-Maçon. p. 4.

(118) Monde Maçon., de 1866, p. 340.

(119) Eccles. 26. 21.

(120) Ibidem. 22.

lhes as ingremes veredas da virtude e dirige-lhes os passos com segurança, mostrando-lhes os temerosos despenhadeiros do vício.

Quando má porém, é, segundo outra comparação das Sagradas Escrituras, ápide peçonhento, que envenena os dias do amargurado esposo, corrompe a educação da desditosa prole, torna impossíveis as santas e puras delícias do lar doméstico, e, levando a morte ao seio da família, todavia o seu influxo sôbre ela é infinitamente inferior ao da **quam, qui tenet illam, quasi qui apprehendit scorpionem.** (121)

Comquanto tenha o homem a chefia, o mando supremo sôbre a família, todavia o seu influxo sôbre ela é infinitamente inferior ao da mulher. Nem pôde haver termo de comparação. Levado pelo turbilhão dos afazeres anteriores, pequena estância faz no remonso da família, e poucos lazeres lhe restam para curar dos negócios domésticos.

A mulher é quem dêles geralmente se encarrega; é ela quem vive em contato diário, constante com tôdos da casa; é ela, em suma, cuja immediata autoridade sentem os domésticos, cujo olhar solícito acompanha sem cessar os filhos, cuja mão diurna e noturna cultiva essas delicadas plantasinhas, quem exerce maior domínio e ação mais direta, mais positiva, mais eficaz no seio da família.

Nunca deve desesperar da salvação o povo que porventura ainda possua joia tão preciosa — e mulher virtuosa. Ela vai a pouco e pouco regenerando-lhe os costumes, exercendo sua branda mas poderosa influência no santuário da família, e por conseguinte, no seio da sociedade: — **Sapiens mulier œdificat.** (122) Sendo porém viciosa a mulher, nenhuma esperança de salvação haverá para o povo, antes cairão sôbre êle todos os infortúnios; porquanto tudo ela estraga e destrôe, tudo perverte e corrompe, o esposo, o filho, o doméstico, a família, até a sociedade: **Insipiens destruit.** (123)

6.º — Ora, sendo assim, claro está, Irmãos e Filhos diletíssimos que não era possível escapasse tão poderoso elemento de edificação ou de ruina à ação corrosiva e dissolvente da Maçonaria.

A seita tenebrosa não só tenta associar a mulher adulta à sua obra de demolição, por meio da Maçonaria de adopção, como até, e principalmente, se esforça por apoderar-se dela em tenra idade, por meio das escolas profissionais, creadas **ad hoc**, em varios paizes da Europa.

(121) Eccles. 26. 10.

(122) Prov. 14. 1.

(123) Ibidem.

E não data de hoje este empenho da Maçonaria: é antiquíssimo. No século passado foram apreendidos pelo Govêrno Bávaro importantes papeis maçônicos e documentos altamente comprometedores da seita; entre êles encontrou-se um projeto de escolas normais, regidas por **irmãs iluminadas**, que ela pretendia fundar na Alemanha, para a educação e instrução das meninas.

Mínos (o Barão Dittfuhrth, conselheiro na câmara imperial de Wetzlar) expõe ao corpo central da Ordem o projeto nos termos seguintes:

"**Hércules** pensa em crear uma escola **Minerval**, projeto que merece a mais séria atenção. Igual pensamento me tem vindo muitas vezes, e dêle hei falado a Philon. **As mulheres exercem grande influência sobre os homens**, de modo que, se quizermos reformar o mundo, precisamos **começar pela reforma das mulheres**. Como porém se há de empreender isto? Eis aí tôda a dificuldade. As mulheres adultas, as mãis sobretudo, que são imbuidas em preconceitos, sofrerão que outrem se incumba da educação de suas filhas? **E' preciso, pois, começar pelas RAPARIGAS NOVAS**. **Hércules** propõe-se a empregar nesta missão a mulher de **Ptolomeu Lagus**, e eu nada tenho que lhe objetar. Eu indico as minhas quatro enteadas, que são boas moças. A mais velha principalmente tem tudo o que é preciso: tem vinte e quatro anos, é muito lida e superior a todos os preconceitos. Em matéria religiosa, pensa como eu. (124)

"As minhas quatro enteadas têm muitos conhecimentos entre as raparigas da sua idade e, portanto, depressa constituir-se-ia uma pequena sociedade, dirigida pela mulher de **Ptolomeu Lagus**. . . A esposa de **Ptolomeu Lagus** corresponder-se-ia com seu marido, sem que as outras o soubessem, a mais velha de minhas enteadas seria regente e se corresponderia comigo. . . Cumprir-nos-ia vigiar às occultas que se não admittisse alguma mulher indigna; e também lhes sugeriríamos algumas idéias." (125)

Eis aí, como a Maçonaria procura assenhorear-se do sexo feminino e da educação daquelas que um dia serão esposas, mãis de família, educadoras das gerações futuras!

Pois bem, Irmãos e Filhos muito amados; já hoje é uma realidade este sonho da Maçonaria no século passado. Já na França e na Bél-

(124) Mínos, diz o autor donde extraimos este documento, era totalmente incrédulo. Os seus colegas um só defeito lhe reconheciam, — o de ser em demasia ardente e propenso a fazer alarde de sua incredulidade.

(125) Neut. t. I. p. 336.

gica há escolas fundadas com este intuito pelas Lojas, e lecionados por mestras a sabor da seita.

"Nestas escolas, diz Monsenhor de Segur, é **expressamente proibido emitir qualquer idéia de religião, por mais vaga e geral que seja**, e não se brinca a respeito d'este ponto: ultimamente uma mestra, a quem por descuido **escapou o nome de Deus**, foi imediata e cruelmente despedida." (126)

Santo Deus! que filhas, que esposas, que mãis não sairão d'esses viveiros da Maçonaria?! Que plantas, que flores, que frutos não produzirão tais sementeiras da impiedade?!

Por nós respondam as celebérrimas petroleiras da Comuna de Paris.

Aí tendes, caríssimos Irmãos e Filhos em Jesus Cristo, desvendado todo o plano sombrio da Maçonaria, descoberta uma pequena parte de seus infernais manejos.

Praza aos Céus ache a nossa voz eco simpático em vosso coração! Desperte este nosso grito de alarma os que ainda dormem a sono solto, descuidados do comum perigo que a todos nos ameaça! Descerre os olhos dos que ainda os têm fechados, pelo erro, à luz da verdade! Desiluda os que de boa fé laboram em funesto engano! A todos, em suma, preserve, afaste, tire dos medonhos abismos das sociedades maçônicas.

Não fizemos imputações gratuitas; tudo quanto dissemos, bem o vistes, provámos com as autoridades mais insuspeitas e ponderosas da seita. Muito de propósito acumulamos mais documentos da Maçonaria, que reflexões nossas: calamos estas para deixar falar aqueles.

De conjunto de todos elles resulta que o trabalho da Maçonaria na realisação de seu plano diabólico é, em resumo, o seguinte:

1.º Como da educação depende o futuro da sociedade, ella procura arrancar a infancia e a mocidade aos desvelados cuidados da Igreja, subtraindo-as ao ensino do sacerdote, e dar às crianças de ambos os sexos educação e instrução sem idéia de moral, nem ensino religioso, afim de formar gerações à sua feição e contento.

2.º Tenta superar os obstáculos que lhe embargam o passo, ridicularisando, caluniando, difamando toda a jerarquia eclesiástica, quer por meio da conversação no seio das famílias, quer no seio das

massas populares pelos canais da imprensa; e iludindo pela dissimulação ou simulação, pela hipocrisia, e até pelo sacrilégio, que ela recomenda, bem como a impenitência final.

3.º Sendo a Cadeira Apostólica princípio da autoridade religiosa e sustentáculo dos tronos, esforça-se por derruí-la. Nêste intento mina-lhe os fundamentos, aliciando o clero tanto secular, como regular, e corrompendo-lhe a pureza dos costumes; dela afasta tudo o que lhe poderia prestar apôio, tirando-lhe o poder temporal, extinguindo as Ordens religiosas, abatendo ou voltando contra ela os governos que lhe eram amigos e favoráveis; atira-se, afinal, sôbre ela, suscitando por tôda a parte conflitos entre o Estado e a Igreja, e impelindo contra ela os governos, creaturas suas.

4.º Feito isto, pensa a Maçonaria que só um passo a separa de seu fim. Desmoronando o trono dos Papas, julga ela que facilímo lhe há de ser derrubar tôdas as Monarquias e levantar sôbre suas ruínas a imaginada **República universal**; aniquilar o Catolicismo, cujo ensino, dogmas, mistérios, sacramentos e ministros ela guerrea com ardor sempre crescente, e substituir-lhe o panteísmo ou o ateísmo.

Infelizmente, Irmãos e Filhos da minha alma, com mágoa funda o dizemos, parte dêste plano sinistro, abominável, execrando, já está posto em execução.

Com lágrimas nos olhos, predisse Santo Afonso de Liguori, o seguinte: "A SEITA DOS FRANC-MAÇÕES UM DIA VIRÁ A SER A RUINA, NÃO DA IGREJA, MAS **DOS ESTADOS E SOBERANOS**. OS PRÍNCIPES NÃO LHE HÃO DE LIGAR IMPORTÂNCIA; PORÉM **QUANDO JÁ FOR MUI TARDE**, CONHECERÃO TODO O MAL QUE OCASIONARAM COM A SUA NEGLIGÊNCIA. OS HOMENS QUE TÊM A DEUS EM POUCA CONTA AINDA MENOS CASO FARÃO DOS **REIS**." (127)

Esta memorável profecia do Santo Bispo e Doutor da Igreja está hoje realisada em parte. E bem poderia acontecer que a Maçonaria lograsse completamente o seu nefando intento em relação às Monarquias; porquanto, além de não terem elas por si a garantia das promessas divinas, muitas vezes sucede que, prevaricando os Soberanos, o Rei dos reis, a infinita Magestade dos Céus e da terra, **Aquele, por cuja vontade e poder os reis governam**, (128) retira-lhes o apôio de seu

(127) Tanoja. Vida de Santo Afonso, I, III, c. 25.

(128) Per me reges regnant. Prov. 8. 15.

braço Onipotente, abandona-os aos desvarios das paixões populares desenfreadas; então os seus tronos tornam-se, **como palhas agitadas pelo vento**, (129) os seus reinos e dinastias desaparecem arrebatados pelo sopro abrasador do tufão revolucionário: **Tollet ventus urens et auferet**. (130)

Desde Saul até Napoleão III a quantos monarcas não foi intimada a terrível sentença do Profeta? quantos não a viram cumprida literalmente? **Stulte egisti, nec custodisti mandata Domini Dei tui, quae praecipit tibi...** **Nequaquam regnum tuum ultra consurget**. (131)

Demais, tudo nos induz a crer que dia virá, breve talvez, em que um duelô de morte travar-se-á entre o Maçonismo e o Monarquismo. Então, de duas uma: ou a Maçonaria fará baquear todos os tronos e os **nivelará** com o solo; ou todos os Soberanos, não obstante hoje tanto protejê-la, ver-se-ão na imperiosa necessidade de coligar-se contra ela, seu inimigo comum, e mover-lhe guerra de extermínio. Isto é infalível; é questão de tempo apenas.

Mas, quanto à Igreja... é inútil! Trabalho baldado! A Maçonaria não conseguirá seu ímpio fim! Não! e mil vezes não! Porque assim nô-lo garantio Aquele, a cujo Nome bemdito curvam-se reverentes ou forçados todos os joelhos nos Céus, na terra e até nos infernos! (132)

A Espôsa querida de Jesus Cristo, essa nada tem que receiar. Qual firme rochedo em meio de encapelado oceano, há dezenove séculos, que resiste inabalável ao furioso embate das ondas da impiedade, luta impávida com as arrebatadas correntes das paixões humanas, contempla calma e sobranceira as mais temerosas procelas.

Os homens passam, os povos desaparecem, as nações abismam-se, os impérios baqueam, as idades renovam-se; só ela fica, como marco estável no caminho da eternidade; só ela permanece imóvel, fitos os olhos no Céu, absorta em Deus, sem sentir o perpassar dos séculos, nem ouvir o pavoroso arruido dessas estrondosas revoluções que, fazendo estremecer a terra até os seus fundamentos, mudam completamente a face do mundo.

Tudo tomba e desaparece no pó do esquecimento; só ela fica e continua serena e tranquila a sua gloriosa peregrinação pela terra do exílio. Tudo some-se na imensa voragem dos tempos; só ela fica e con-

(129) Erunt sicut paleae ante faciem venti. Job. 21. 18.

(130) Ibidem. 21.

(131) Reg. c. 13. v. 13 e 14.

(132) In nomine Jesu omne genu flectatur coelestium, terrestrium et infernorum. Phil. 2. 10.

tinua magestosa a sua marcha augusta e triunfante, atravez dos povos e dos séculos, até o seio da eternidade: **Quis vero fidelium dubitet Ecclesiam, etiamsi aliis abeuntibus, aliis venientibus, ex hac vita mortaliter transit, tamen in æternum evre fundatam?** (133)

A Maçonaria, é verdade, bem pôde fazer renascer os ominosos dias dos Neros e Dioclecianos; bem pôde reviver as eras cruentas, porém luminosas, dos mártires; bem pôde reacender as fogueiras e renovar as hecatombes daqueles tempos calamitosos; bem pôde despojar esta Filha do Céu de seus bens, de seu Patrimônio secular, de suas ordens religiosas, etc., etc.; bem pôde constringê-la a volver para as catacumbas, a andar errante por desertos e ermos bosques, a acultar-se nas sombrias cavernas dos montes: sim, tudo isto pôde a soberana dêste mundo: **Princeps hujus mundi** (134); tudo isto podem os filhos dêste século: **Filii hujus sæculi.** (135)

Mas, a Esposa imaculada do Homem Deus, vestida ou despida, amparada ou abandonada, protegida ou perseguida, estável ou foragida, sentada no trono ou sepultada em subterrâneos esconderijos, continuará sempre, levada pela mão do Espôso, guiada pela luz do Espírito-Santo, a sua missão divina, até o fim dos tempos, e só deixará de ser **militante** sôbre a terra, para ser **triumfante** no Céu: **Et portæ inferi non prævalebunt adversus eam. Ab præteritis et futuris crede.** (136)

(133) S. August. in Psal. 77.

(134) Joann. 16. 11.

(135) Luc. 16. 8.

(136) S. Joan. Chrysost. Lib. Quod Christus sit Deus.

SEGUNDA PARTE

1

1.º — Como já vistes, Irmãos e Filhos diletísimos, a Maçonaria ou a Revolução em permanência, para atingir o seu duplo fim, — **a destruição do Catolicismo e das Monarquias**, empreende as mais loucas tentativas; para dar cabo do Papado, princípio de tôda a autoridade religiosa e sustentáculo dos tronos, priva-o do valioso concurso das Ordens religiosas, extinguindo-as, e de tudo o mais que lhe poderia prestar auxílio e servir-lhe de ponto de apóio.

Das Ordens religiosas, porém, a que ela primeiro acomete; aquela pela qual começa quasi sempre o seu rompimento de hostilidades contra a Igreja; aquela, enfim, a que a seita nefanda vota maior execração e ódio mortal, é indubitavelmente a ínclita Companhia de Jesus; por isso que esta falange compacta e aguerrida de intrépidos e destemidos atletas da fé e também o mais forte baluarte da Igreja Católica, o mais formidável inimigo do êrro e da Revolução.

Cada uma das diversas corporações monásticas, que formam o exército brilhante, inexpugnável da Igreja, geralmente sôe pelejar nas batalhas do Senhor, manejando uma arma especial. Esta, no silêncio do claustro, na solidão dos bosques, saboreando as delícias da vida contemplativa, prelibando as celestiais doçuras, tem particular destreza em arremessar o dardo valente da oração: **Ingens telus est oratio**; (137) aquela, dedicada aos afans da vida ativa, às lides penosas do Apostolado, brande com mestria e pujança o gládio acerado da palavra divina: **Lingua eorum gladius acutus**; (138) essa outra, consagrada inteiramente à tarefa ingrata de educar e instruir a mocidade, é perita no manejo da arma poderosa do ensino. De sorte que a Espôsa de Jesus Cristo anda cercada, guardada, defendida por uma admirável variedade de armas: **Adstitit regina circumdato varietate**. (139)

(137) S. Joan Chrysost. Serm. 12 in Script. Act. Apost.

(138) Ps. 56. 5.

(139) Ps. 44. 10.

Notai, porém, Irmãos e Filhos diletos, que a egrêgia Companhia de Jesus maneja, e com suma perícia, tôdas essas armas a um tempo.

Em seu seio vivem aos milhares santos religiosos, que, ignorados do mundo, desconhecidos muitas vezes até dos próprios irmãos, só entregues aos misteres de Maria, enquanto outros se aplicam aos de Marta, batem com denodo o inimigo por meio da oração.

Outros há fervorosos, que, empunhando a cruz do missionário, voam às extremidades da terra, aos inhóspitos desertos da Libia longinqua, aos areais abrazados da África tórrida, aos eternos gelos dos polos glaciais, e por tôda a parte vão fulminando o dragão infernal com os raios do Evangelho, vão conquistando almas para a Igreja, vão fazendo recuar as tartáreas fronteiras, e alargando assim os limites do império de Jesus Cristo.

Contam-se ali canonistas eminentes, teólogos consumados, filósofos profundos, professores desvelados que, nos Seminários, liceus e colégios, debelam incessantemente a hidra do erro por meio do ensino da verdade; e já não falamos nessa pleiade numerosa de grandes escritores e pregadores sublimes que, na imprensa e no púlpito, dia e noite, profligam o espírito do mal.

O que ora vos dizemos não é mais que a fiel tradução do juizo emitido por um grande Papa, sôbre essa Sociedade tão venerando quanto odiada, caluniada e perseguida.

"Ensina-nos a experiência, diz o Santíssimo Padre Clemente XIII, de saudosa e gloriosa memória, que esta Companhia tem formado até nossos dias grande número de esforçados defensores da fé ortodoxa e zelosos missionários que, animados de invencível coragem, se expõem a mil perigos por mar e por terra, para irem levar a tocha da doutrina evangélica às nações ferozes e bárbaras. Vemos que todos os que professam êste louvável Instituto entregam-se a santas ocupações: uns a educar a mocidade na virtude e nas ciências; outros a dar exercicios espirituais; parte a administrar assiduamente os Sacramentos, máxime da Penitência e da Eucaristia, e a persuadir os fieis a frequentá-los; parte a prêgar a palavra do Evangelho aos fieis camponeses." (140)

Daí vem que dentre tôdas as Ordens monásticas, aquela a que os inimigos da Igreja votam ódio mais entranhado e contra a qual não cessam de mover guerra de extermínio, é **essa numerosa Sociedade de homens, cuja ocupação consiste em progredir na piedade e nas ciências,**

(140) Constit. Apost. de 25 de Março de 1764, aprovando de novo o Institute da Companhia de Jesus.

**e que cheios de zêlo, animados de um só espirito, combatem sem des-
conso o êrro e o espirito de independência.”** (141)

Para qualquer parte que se volva, a impiedade depara com êsse formidável esquadrão sempre firme, sempre impertêrrito; por qualquer lado que tente escalar os muros do Santuário, sempre se encontra face a face com essa destemida guarda avançada das sagradas milícias, que não sabe o que é **prudência**, quando se trata de defender e guardar intemerato o depósito da Igreja.

Para desmoranar o Papado, bem o sabem os operários da iniquidade, é indispensável primeiro que tudo tirar-lhe o auxílio desta Ordem, o mais sólido de seus pilares, o seus mais firme esteio; para chegar até à Cadeira de Pedro, é preciso, em primeiro lugar, superar êste enorme obstáculo; para tomar de assalto a tôrre de David, cumpre, primeiro que tudo, exterminar êsses seus mais denodados guardas, abater a mais altaneira e forte de suas trincheiras. **Por isso é que êles envidam todos os esforços afim de destruí-la, servindo-se da impostura e da calúnia, por não acharem na verdade armas suficientes.** (142)

Assim pensava, caríssimos Filhos, o grande Papa a que acima nos referimos; assim pensam ainda todos os verdadeiros católicos e Bispos da Santa Igreja.

“Os inimigos de Jesus Cristo, dizia Santo Afonso de Liguori, procuram acabar com a Sociedade de Jesus unicamente com o fim de deitar por terra o mais valente baluarte da Igreja de Deus. Se o conseguirem, estarão completos os seus desejos; mas que de convulsões na Igreja e no Estado, se vier a cair esta Fortaleza ! Destruídos os Jesuitas, o Papa e a Igreja achar-se-ão em situação por extremo melindrosa. Não são os Jesuitas o único ponto de mira dos janzenistas e incrédulos, que só atacam a Companhia para ferir com mais segurança a Igreja e o Estado.” (143)

Deixemos, porém, essas autoridades católicas, que a muitos parecerão parciais; invoquemos testemunhos menos suspeitos.

Ouçamos a êste respeito os protestantes, que por certo não estão inquinados de jesuitismo:

“Aplaudiam (os inimigos da Igreja), diz um protestante, todos os projetos tendentes a abolir a mais poderosa e hábil de tôdas as Ordens

(141) Letras Apost. de Clement XIII a Luiz XV, de 28 de Janeiro de 1762.

(142) Ibidem.

(143) Rohrbacher. Hist. Univer. t. XXVII. p. 28.

religiosas, contando como certo que, depois desta, não tardariam tôdas as outras a cair também." (144)

"Haviam votado, diz outro protestante, ódio irreconciliável à Religião Católica, há séculos incorporada ao Estado... **Para levar a efeito esta revolução interior e para tirar ao antigo sistema religioso e católico o seu principal arrimo**, as diversas côrtes da casa de Bourbon, ignorando que iam confiar a instrução da mocidade a mãos muito diferentes, **reuniram-se contra os Jesuitas**, a quem os jansenistas de há muito tinham roubado por meios muitas vezes equívocos, a estima adquirida desde séculos." (145)

De modo ainda mais significativo exprime-se o protestante Schoell: "Para destruir o poder eclesiástico, diz êle, importava isolá-lo, **privando-o do apôio dos Jesuitas, dessa falange sagrada que se havia dedicado à defeza do trono Pontifício. TAL FOI A VERDADEIRA CAUSA DO RANCOR VOTADO À ESTA SOCIEDADE.**" (146)

Outro escritor protestante diz o seguinte:

"Em tôdas as côrtes da Europa, formaram-se, no século XVIII, dous partidos: um que fazia guerra ao Papado, à Igreja, ao Estado, e outro que buscava manter as cousas tais quais eram e conservar a prerrogativa da Igreja universal. **Êste último era representado principalmente pelos Jesuitas.** Esta Ordem se antolhou como **o mais formidável baluarte dos princípios católicos:** contra ela foi que se dirigio imediatamente a tempestade." (147)

Assim falam autores protestantes!

Aos testemunhos declinados podemos ainda adicionar o do protestante Starck, que, em uma obra escrita em Alemão, prova a tôda a evidência que a Revolução franceza foi obra do **Filosofismo;** que os filósofos urdiram uma tremenda conjuração contra a Religião e o Estado; e que, para levá-la ao cabo, **o principal meio adotado fora a destruição da Ordem dos Jesuitas e substituir-lhe as sociedades secretas.** (148)

Emudeçam porém os católicos, calem-se os protestantes, e falem os dous mais encarniçados inimigos da Igreja Católica, e, por conseguinte, dos Jesuitas.

(144) Sismondi. *Hist. des Français* t. 29. p. 225.

(145) Schlosser *Hist. des Révolutions politiques et littéraires d'Europe au 18 siècle*, t. 1.

(146) Cours d'hist. des États européens. t. 44. p. 71.

(147) Ranke. *Hist. de la Papauté* t. 4. p. 486.

(148) *Triomphe de la Philosophie*, t. 2.

O primeiro é Voltaire, blasfemador de Nosso Senhor Jesus Cristo. Dizia o ímpio patriarca de Ferney que **não se poderia levar vantagem contra o infame**, ENQUANTO SE NÃO HOUVESSE DESTRUIDO A ORDEM DOS JESUITAS.

O segundo é d'Alembert que exclamou: "O mais difícil estará feito, quando a filosofia **se houver desembaraçado dos granadeiros magnos do fanatismo e da intolerância**. Os outros são apenas Cosácos e Panduros (soldados russos e húngaros) que não podem resistir às nossas tropas regulares." (149)

Eis aí, Irmãos e Filhos caríssimos, o motivo único da guerra pertinaz, de que sempre tem sido vítima a ilustre Companhia de Jesus; ouviste-lo não só da boca de católicos, como também de protestantes e at-dos mais enfurecidos inimigos dos Jesuitas.

Que triunfo para esses ínclitos sacerdotes! Que gloria! que ventura! Serem perseguidos por amor da Igreja!

2.º — A perseguição aos Padres Jesuitas é de ordinário pródomo infalível de grandes convulsões no corpo social: uma só tormenta se não desencadeia contra a Igreja, que não comece por eles.

Assim é que muito antes de arrebentar sobre o altar e o trono o ráio revolucionário de 1789, já ao longe furibunda tempestade roncava medonha sobre a cabeça dos conspícuos filhos de Santo Inácio.

Depois de haver ela pairado algum tempo no ar, ameaçadora, desabou, por fim, começando em Portugal. A pretexto da suposta cumplicidade de alguns Padres Jesuitas na sublevação das Reduções do Paraguai, e na malograda tentativa de assassinato contra D. José, sem processo nem julgamento, foram todos então sacrificados. Uns encontraram a morte em húmidas e sombrias masmorras; outros, como o Padre Malagrida e mais cinquenta e dois companheiros, sucumbiram nas labaredas da fogueira; outros, enfim, atirados ao porão dos navios, foram conduzidos ao destêrro!

Perto de quinhentos religiosos foram repentina e violentamente arrancados do seio das numerosas populações que eles haviam engendrado para Jesus Cristo, nos montes Asiáticos, nos desertos Africanos e nas Americanas florestas: e, carregados de pesados ferros, compartilharam a dura sorte de seus irmãos, quer sepultados vivos nos tétricos subterrâneos do poderoso valido, primeiro ministro da corôa, quer saturados do pão da dôr e da água da aflição — **Panem arctum et aquam brevem** (150) — da terra do exílio!

(149) Vide Chantrel. Hist. Univers. t. 6. p. 229.

(150) Is. 30. 20.

E' impossivel ler sem horror o requinte de malícia com que foram torturados êsses pobres inocentes, expostos, coitados! — até os enfermos e anciãos — a tôdas as intempéries e ultrajes do tempo, aos ardores do sol e à humidade da chuva, aos incômodos da fome e sede e aos escárneos e insultos da plebe infrene; e bem assim não se pôde ler, sem que lágrimas borbulhem nos olhos, os edificantes exemplos de piedade e virtude, as lições sublimes, arrebatadoras, de mansidão evangélica, de perdão das ofensas, de apêgo e amor à Santa Igreja de Jesus Cristo, que deram então aqueles santos sacerdotes.

Até inimigos houve, que não puderam deixar de render homenagem às virtudes dessas cândidas vítimas, estigmatizando ao mesmo tempo a bárbara tirania do despótico ministro d'El-rei D. José I.

"Não falo aqui, diz um dêles, de uma sociedade religiosa que o ministro Lisboa quiz associar a êsse regicídio; ousou, porém, afirmar que tão fácil é provar que os Jesuitas nenhuma parte tiveram nessa conjuração, como demonstrar a futilidade das acusações... Ai dos reis que, em negócios tão graves, não examinam tude por si próprios!" (151)

Outro, Maupertuis, materialista e incrédulo, em resposta a La Condamine, que lhe narrava esta questão dos Jesuitas, diz: "Muito vos agradeço a noticia que me dais da conjuração. Quanto aos Jesuitas, penso em tudo de acôrdo comvosco. Será preciso que êles sejam muito inocentes para que escapem ao suplicio; mas, quando mesmo eu ouvisse dizer que foram queimados vivos, ainda assim não os acreditaria culpados." (152)

E' admirável! Assim falam inimigos figadais, é verdade; mas, leais, ao menos!

De Portugal a tempestade, soprada pelo ímpio **Filosofismo**, seguiu rumo da França. A illustre Companhia, que nêsse último país contava quatro mil Jesuitas, foi também suprimida por motivos futilísimos; e mais de cem colégios foram fechados, as casas tomadas à benemérita Sociedade, e seus bens confiscados.

D'aí passou à Espanha.

Motivos nem pretextos plausiveis havia para se proceder contra os denodados batalhadores da fé. Mas, fabricam-se documentos, falsificam-se firmas, escrevem-se cartas, que são entregues e ao mesmo tempo apreendidas pela polícia, antes de serem lidas. Isto basta. Então,

(151) Marechal de Belle — Isle. Testament polit. 1762. p. 95.

(152) Hist. de la Chute des Jésuites, par Leamache.

sem processo, como no reino visinho, e por um só traço de pena, perto de seis mil religiosos, são de súbito, sem saberem porque, arrancados de seus piedosos asilos, de seus colégios, de suas missões, carregados de férreas cadeias e desterrados.

O mesmo praticou-se nas colônias.

"A violenta prisão dos Jesuitas, diz Sismondi, que no mesmo dia se efetuára na Espanha da Europa, prosseguio com a mesmo segrêdo e rigor, em tôdas as possessões da monarquia espanhola. No México, no Perú, no Chile e nas Filipinas, foram acometidos em seus colégios, no mesmo dia e hora, os papéis apreendidos, as pessoas agarradas e embarcadas. Temia-se a resistência dêles nas missões, onde eram adorados pelos novos convertidos; mostraram pelo contrário resignação, humildade unidas à calma e firmeza verdadeiramente heróicas!" (153)

Notai, diletos Filhos no Senhor, quem isto escreve é um protestante, insuspeito por conseguinte.

Que belo e glorioso testemunho para os Jesuitas !

O fogo da perseguição que ia lavrando, qual chama voraz, impedida pelo vento, ganhou terras de Nápoles, Malta e Parma. Em Portugal, França e Espanha ainda procuraram pretextos, forjaram calúnias, crearam motivos para colorir as barbarias e crueis tratos infligidos aos jesuitas; mas, ali nem de tal se curou !

Alta noite, quando todos dormiam o sono da inocência, são despertados pelo tinir de espadas e por soldadesco vozear, ecoando na mansão da paz; são arrastados para fóra das celas; são atirados ao convéz dos navios e transportados aos Estados Pontifícios.

Veneza e Génova que não chegaram a expulsá-los, cercearam-lhes os privilégios que de há muito fruíram e privaram-nos das cadeiras de Teologia e Filosofia.

E destarte em pouco tempo via-se a ínclita Companhia de Jesus barbaramente proscriita de todos os Estados, onde reinava a casa de Bourbon, banida das respectivas colônias, e desmanteladas, aniquiladas, tôdas as suas florecentes missões da Ásia, da Africa e da América.

Isto, porém, não era bastante. Os acérrimos inimigos da preclara Sociedade que visavam muito além, não se contentando com tão pouco, resolveram desferir-lhe golpe mais fundo e mortal, juraram a ruina total, a destruição completa dos Jesuitas.

Coligam-se contra êles as côrtes Bourbônicas, ou, para melhor dizermos, prosseguem no trâma urdido, e com ameaças de chismas,

exigem imperiosamente do Papa Clemente XIV a abolição da egrégia Companhia !

Determinado, como êle próprio declara no Breve **Dominus ac Redemptor**, por **motivos de prudência, como medida governamental**, e para evitar maiores calamidades, com que não cessavam de ameaçá-lo os Soberanos coligados, acedendo alfim o Sumo Pontífice a importunas instâncias, suprimio a Ordem dos Jesuitas.

Mas, como observa um autor protestante, "**o Breve não condena a doutrina, nem os costumes, nem a disciplina dos Jesuitas**. As queixas das côrtes contra a Ordem são os únicos motivos da supressão alegados, e o Papa justifica essa medida com o exemplo de outras Ordens precedentemente suprimidas, em virtude das exigências da opinião pública." (154)

3.º — Eis aí, caros Filhos em Jesus Cristo, a largos traços esboçada a formidável perseguição de que, no século passado, **fôra gloriosa vítima a preclara Sociedade de Jesus**, e cuja verdadeira e única razão já nos tornaram bem patente não só escritores católicos, senão também protestantes e os mais porfiados inimigos da Igreja.

Pois bem ! Tudo isto, como de costume, não era mais que o prelúdio das assombrosas catástrofes que estavam iminentes à Igreja e ao Estado; era o mugido surdo e longínquo do medonho vulcão latente, que não tardou a fazer hórrida explosão em 1789; era o desobstruir a passagem, remover os obstáculos, aplinar os caminhos que mais tarde levaram a essa pavorosa revolução que fez vacilar todos os troncos da Europa, tremer em suas bases o edificio social, e a tudo ameaçou subverter em um sorvedouro insondável.

Escutai agora, ó Filhos da minha alma ! Exageração talvez vos pareça o que entretanto é a pura verdade ! Tanto a perseguição aos Jesuitas como a Revolução franceza foram obra da Maçonaria !

....Sim ! Essa infernal conspiração contra a Igreja e o Estado, dirigida pelos filosofos, executada por Soberanos católicos, cegos, iludidos, seduzidos pelas falaciosas doutrinas do **Filosofismo** do século XVIII, repetimos, foi tramada nas lojas maçônicas ! (155)

E' fato incontestável que os agentes daquela horrível perseguição feita aos jesuitas eram da seita dos filosofos: o Marquez de Pombal, ministro de D. José, rei de Portugal; o duque de Choiseul, ministro de

(154) Schoell. Cours d'hist. des États européens. t. 44.

(155) Vide Chantrel. Hist. Univers. t. 6.

Luiz XV, rei de França; o conde d'Aranda, ministro de Carlos III, rei da Espanha; Tanucci, ministro de Fernando IV, rei de Nápoles, eram todos, segundo o testemunho de vários historiadores, ardentes sectários do **Filosofismo**.

E' sabido, outrossim, que foram as perniciosas teorias dos filosofos que convulsionaram a Europa no século passado, e que os princípios proclamados em França de 1789 a 1793 são identicamente os mesmos, ensinados, apregoados, assoalhados por tôda a parte pela incrível **Filosofia** de então.

Ora, **Filosofia** e Maçonaria naquele tempo era uma e a mesma cousa. A primeira não era mais que a Maçonaria pública, ativa, executando à luz do dia os planos traçados pela Maçonaria oculta, nas trevas das Lojas.

Isto prova-se com facilidade.

Os fins de ambas são idênticos:

— A **Filosofia** arrogava-se a missão de combater a superstição, o fanatismo, a tirania e o despotismo (Catholicismo e Monarquia). De missão perfeitamente análoga se incumbe a Maçonaria.

— As blasfêmias que irrompiam da bôca de uma, rompem igualmente dos lábios da outra: "Esmagai o infame!" gritava aquela. "Esmagai o infame!" clama esta.

— Uma dizia: "Menti, menti, que sempre alguma cousa há de ficar!" "Esmagai o inimigo à força de maledicências e calúnias!" recomenda a outra.

Os princípios de ambas são os mesmos:

"Helvetius, **filósofo** e **mação**, escreveu que a verdadeira monarchia é uma instituição produzida pela imaginação exaltada, para romper os costumes e escravizar as nações.

"Raynel, **filósofo** e **mação**, diz que os reis são bestas cruéis que devoram os POVOS.

Charu, **filósofo** e **mação**, disse aos povos: "Os vossos reis são os primeiros algozes de seus vassallos; a fôrça e a estupidez levantaram primeiro seus tronos."

"Diderot, **filósofo** e **mação**, exclamou: "Quando terei eu o prazer de ver o último rei enforcado com a tripa do último padre?"

"D'Alembert, **filósofo** e **mação**, escreveu em 30 de Abril de 1770 a Frederico II: "A distribuição dos bens na sociedade é muito desigual: seria tão cruel como insensato que uns nadassem na abundância, enquanto que a outros faltasse o necessário."

"Freret, **filósofo** e maçã, **escrevia** a Thravil: "As noções da justiça e da injustiça, da virtude e do vício, da honra e da infâmia, são arbitrárias e só dependem do costume."

"Demilaville, **filósofo** e **maçã**, escreveu no seu **Cristianismo desvendado** que "o temor de Deus, longe de ser o princípio da sabedoria é o princípio da loucura."

"Voltaire, **filósofo** e **maçã**, publicou contra o Estado e a Igreja tôdas as abominações que os "ímpios modernos não cessam de repetir depois dêle.

-Sim, à **aliança da Filosofia com a Maçonaria** é que se deve atribuir a declinação da fé, o desprezo da Religião, a rebelião dos vassallos e, em que peze aos aos mações, todos os horrores da Revolução franceza.

"Foi nas Lojas que os Mirabeaus, os Dantons, os Brissots, os Robespierres, os Fouquier-Tinville se formaram para a destruição da ordem social." (156)

Isto é mais que suficiente para provar o nosso asserto. Ouvi, porém, ainda mais um testemunho insuspeito:

"**Refúgio seguro da Filosofia**, diz o mui autorizado irmão Ragon, E' A MAÇONARIA, que salvou o povo do jugo aviltante **do fanatismo e da escravidão**. Aos conhecimentos que a Maçonaria derramou nas classes elevadas da sociedade ingleza é que se atribue em grande parte a emancipação da Inglaterra e sua reforma pacifica em 1668. Cem anos depois a Filosofia moderna, **ESCLARECIDA PELAS LUZES DA INICIAÇÃO, FEZ MAIS EM FRANÇA.**" (157)

4.º — O que levamos dito, diletos Filhos, prova a tôda a luz da evidência que o **Filosofismo** não diferia da Maçonaria, e bem assim já dá a conhecer a ação desta na Revolução franceza. Mas, eeclareçamos ainda melhor este último ponto.

Starck, escritor protestante, que acima citamos, em sua obra intitulada **Triomphe de la Philosophie**, demonstra com documentos originais e peças autênticas, que a doutrina revolucionária dos **Iluminados** alemães lhes fôra ensinada pelos filósofos incrédulos da França; demonstra que tôda ela se resumia no ateísmo e na abolição de tôda e qualquer autoridade, à excepção da paterna; demonstra, finalmente, que tendo ido da França revolucionar a Alemanha por meio dos **Ilumi-**

(156) Gyr. t. 2. p. 48 a 49.

(157) Cours phil. p. 377.

nados, voltou dêste para aquele país, afim de acabar de anarquisá-lo por meio das Lojas maçônicas, protegidas pelo duque de Orleans, depois regicida. (158)

Vamos porém, a provas mais positivas. Falem os oráculos da seita.

Contemplando os espantosos estragos e horrorosas devastações de que a lava revolucionária, despedida das crateras abertas em França, ia juncando todo o solo do continente Europeu, exclamou em 1794 o Grande Capítulo dos mações alemães, cheio de íntima satisfação: "**A ORDEM MAÇÔNICA REVOLUCIONOU os povos da Europa por muitas gerações.**"

Um apologista da Maçonaria (159), à pergunta se os mações nunca conspiram, responde do modo seguinte:

"E' opinião minha, que êles não fizeram outra cousa desde 1725 até 1789. As provas de iniciação, o segrêdo das assembléias, as palavras e sinais misteriosos, o juramento, tôdas as minúcias do rito indicam claramente que a Maçonaria tem sido uma conjuração enérgica, terrível, contra as iniquidades do velho mundo." (160)

Tudo isto é bem frisante; nada, porém, tão evidente como as espantosas revelações que, por admirável disposição da divina Providência, escapou à pena de um dos principais chefes da conspiração contra o altar e o trono, o irmão Luiz Blanc.

Escutemô-lo:

"Comovida por invencíveis desejos, agitada por mil esperanças confusas, a França tinha tomado, havia algum tempo, estranho aspeto.

"Então, na verdade, começaram a correr entre o povo rumores que o agitaram em sentido diverso. Falava-se de personagens ligados entre si por juramentos terríveis, e todos entregues a tenebrosos projetos. Dizia-se que eram possuidores de segredos que valiam tesouros, e attribuia-se-lhes um poder mágico. Dentro em pouco correu e acreditou-se o boato de que alquimistas desconhecidos se tinham estabelecido no arrabalde de Saint-Marceau. Em laboratórios, que vigilantes cuidados ocultavam à perseguição, homens de vista penetrante, de linguagem ininteligível, com vestidos sujos, se ocupavam ativamente ou a fazer o ouro, ou a fixar o mercúrio, ou a duplicar o tamanho dos diamantes, ou a compor elixires.

(158) Rohrbacher. Hist. univers. de l'Eglise t. XXVII, d. 321.

(159) Edmond About.

(160) Gautrel. t. II. p. 187.

"Estes singulares trabalhadores conservaram-se de boamente dentro dos limites do seu bairro, habitavam moradas obscuras, e não pareciam de forma alguma associados ao gôzo das riquezas, de que se teria podido suspeitar que eram creadores. Mas tinham chefes que se faziam procurar no mundo, e aí ostentavam com graça, com generosidade, uma opulência deslumbrante. Havia tal entre êles, que se não sabia tivesse propriedades, contratos, rendas nem família, que passava uma existência de soberano, e gastava mais em benefícios, que os príncipes em espetáculos ou em festas.

...."... Se êles afetavam viver mergulhados no estudo das ciências ocultas, era com o fim de desviar a vigilância e enganar a inquietação dos governos; se caminhavam cercados de mistérios, era para melhor dominarem, pelo atrativo do maravilhoso, a multidão crédula; **os seus chefes eram apóstolos da Revolução;** e o ouro que servia para preparar os caminhos para a propaganda, êsse ouro que se pretendia ser fundido em mágicos cadinhos, saía de uma caixa central alimentada por subscrições secretas e sistemáticas, **por subscrições de conspiradores.**

"Convém primeiro que o leitor seja introduzido na mina que cavavam então por baixo do trono, por baixo dos altares, **outros revolucionários MUITO MAIS PROFUNDOS E ATIVOS que os enciclopedistas.**"

Atendei, ó Filhos caríssimos, para estas palavras !

"Uma associação composta de homens de todos os paizes, de tôdas as religiões, de tôdas as classes, ligados entre si por convenções simbólicas, empenhadas pela fé do juramento em guardar de um modo inviolável o segredo da sua existência interior, sujeitos a provas lúgubres, ocupando-se em cerimônias fantásticas, porém praticando aliás a beneficência e tendo-se por iguais, ainda que estivessem divididos em três classes: **aprendizes, companheiros e mestres,** é nisto que consiste a Maçonaria, mística instituição que uns ligam às antigas iniciações do Egito e que outros fazem descender de uma confraria de arquitetos formada já no terceiro século.

"Ora, nas vésperas da Revolução franceza, a Maçonaria tinha tomado um desenvolvimento imenso. Espalhada por tôda a Europa, coadjuvava o gênio meditativo da Alemanha, **agitava surdamente a França,** e apresentava por tôda a parte a imagem de **uma sociedade fundada sobre princípios contrários aos da sociedade civil.**"

Que preciosa confissão !

"Nas Lojas maçônicas, com efeito, as pretensões do orgulho hereditário eram proscritas e os privilégios do nascimento desviados. Quando o profano, que queria ser iniciado, entrava na sala chamada — **gabinete**

das reflexões, lia nas paredes, cobertas de preto e de emblemas funerários, esta inscrição característica:

"Se tens apêgo às distinções humanas, sai, que não são conhecidas aqui."

"Pelo discurso do orador sabia o candidato que o fim da Maçonaria era apagar as distinções de côr, de condição, e DE PÁTRIA; aniquilar o fãatismo; extirpar os ódios nacionais; e era isto o que se exprimia debaixo da alegoria de um templo material, levantado ao Grande Arquitecto do universo, pelos sábios de diversos climas, templo augusto, cujas colunas, símbolos de fôrça e de sabedoria, estavam cercadas com os **granadas da amizade**. Crêr em Deus era o único dever religioso exigido do candidato. Por isso havia, por cima do trono do presidente de cada Loja, ou **Veneravel**, um **delta** brilhante, no centro do qual estava escrito em caracteres hebráicos o nome de Jeová.

-Assim é que, pelo simples fato das bases constitutivas da sua existência, a **Maçonaria tendia a desacreditar as instituições e as idéias do mundo exterior que a cercava.**

"E' verdade que as instituições maçônicas ordenavam a submissão às leis, observância das fórmulas e usos admitidos pela sociedade exterior, e respeito aos soberanos. E' verdade também que, reunidos à meza, os mações bebiam à saúde dos reis nos estados monárquicos, e à saúde dos supremos magistrados nos estados republicanos. Semelhantes reservas, porém, recomendadas à prudência de uma sociedade a quem ameaçavam tantos governos receiosos, não bastavam para anular **as influências NATURALMENTE revolucionárias**, ainda que em geral pacíficas, da Maçonaria."

Estais ouvindo, Irmãos e Filhos da minha alma?

"...A sombra, o mistério, um juramento terrível que se pronunciava, um segrêdo que se ensinava em prêmio de muitas provas sinistras animosamente sofridas, um segrêdo que se guardava com a pena de ser votado à execração e à morte, sinais particulares pelos quais os irmãos se reconheciam nas duas extremidades da terra, cerimônias que se referiam a uma história de homicídio e pareciam encobrir idéias de vingança, **que cousa mais própria para formar conspiradores?** E por que razão **não haveria tal associação**, nas vésperas da crise exigida pela sociedade em fermentação, **ministrado armas à astúcia calculada dos secretários, ao gênio da prudente liberdade?**

"Quando, debaixo da pressão de poderes violentos, a **sociedade estremecia de impaciência**, mas se via obrigada a **encobrir a sua cólera**,

QUANTOS RECURSOS PRÁTICOS ESSAS REUNIÕES NÃO PROPORCIONAVAM AOS ORGANISADORES DE CONSPIRAÇÕES?"

Nada mais evidente!

"...Alargando-se o quadro da instituição, a democracia correu a tomar lugar nêle; e, ao lado de muitos irmãos, cuja vida maçônica só servia para embalar o orgulho, para passar o tempo ou para pôr em ação a beneficência, **estavam aqueles que se alimentavam de pensamentos ativos, AQUELES A QUEM AGITAVA O ESPÍRITO DAS REVOLUÇÕES.**

"...Depressa apareceram inovações de um caráter temível. Como os tres grãos da Maçonaria ordinária compreendiam grande número de homens opostos por estado e por princípios, a todo o projeto de subversão social, os inovadores multiplicaram os degrãos da escada mística que se devia subir, crearam lojas interiores, **reservadas às almas ardentes;** instituíram os altos grãos **de eleito, de cavaleiro do sol, da estrada observância,** de **Kadosch,** ou homem regenerado, santuários tenebrosos, cujas portas não se abriam ao adepto senão depois de longa série de provações, calculadas de modo que se verificassem os progressos DE SUA EDUCAÇÃO REVOLUCIONÁRIA, se experimentasse a constância de sua fé, e se ensaiasse a têmpera de seu coração. Ali, no meio da multidão de práticas, umas pueris, outras sinistras, **nada havia que não referisse às idéjas de liberdade e igualdade."**

Tudo isto é muito significativo e se está metendo pelos olhos a dentro!

"Não é, pois, de admirar inspirassem os maçons certo vago terror aos governos mais suspeitosos; fossem excomungados em Roma por Clemente XII, condenados em Espanha pela Inquisição e perseguidos em Nápoles; os declarasse a Sarbona, em França, **dignos das penas eternas."**

Porque não será tão franca a Maçonaria no Brasil?

"E comtudo, **graças ao hábil mecanismo da Instituição,** a Maçonaria achou nos príncipes e nobres menos inimigos que protetores.

"...Entre os príncipes de que falamos, um houve, todavia, para quem não foi necessária a discrição. Foi o duque de Chartres, o futuro amigo de Danton, êsse Philippe Egalité, tão célebre nos fastos da Revolução, à qual se tornou suspeito e que o matou. Posto que ainda novo e entregue às vertigens do prazer, já sentia agitar-se em si êsse espírito de oposição que é algumas vezes a virtude dos ramos mais novos, outras o seu crime, sempre o seu movel e tormento. A Maçonaria atraio-o.

"Ela dava-lhe um poder que exercia sem esforço, prometia-lhe conduzi-lo, por caminhos abrigados, até dominar o **forum**, preparava-lhe um trono menos aparatoso, mas também menos vulgar e exposto que o de Luiz XVI; finalmente, ao lado do reino conhecido, em que a fortuna havia arremessado a sua casa para o segundo plano, formava-lhe um império povoado de súditos voluntários, e guardado por soldados passivos. Ele aceitou pois o Grão-Mestrado logo que lh'o ofereceram; e no ano seguinte (1772) a Maçonaria de França, desde muito tempo prêsca de rivalidades anárquicas, se agrupou debaixo de uma direção central e regular que se apressou em destruir a imobilidade dos Veneráveis, constituiu a Ordem **sôbre bases completamente democráticas** e tomou o nome de Grande Oriente. Aí se estabeleceu o ponto central da correspondência geral das Lojas; aí se reuniam e residiam **os deputados das cidades que o movimento oculto abrangia**; daí partiram **instruções**, cujo sentido **uma cifra especial** ou **uma linguagem enigmática** não permitiam fossem compreendidas pelos inimigos.

"Desde êsse momento, A MAÇONARIA ABRIU-SE, DIARIAMENTE, À MÓR PARTE DOS HOMENS QUE ENCONTRAMOS NO MEIO DA CONFUSÃO REVOLUCIONÁRIA." (161)

Isto escreveu, Irmãos e Filhos diletísimos, não algum profano, inquinado de **Jesuitismo**, calouro nas cousas da Maçonaria; mas, um insigne mação dos mais altos grãos, profundamente versado nos segredos da seita revolucionária!

Êste documento é admirável de clareza, franqueza e exatidão histórica! Êste documento, pois, nos revela:

- 1.º Que a Maçonaria assenta sobre **princípios contrários aos da sociedade civil**;
- 2.º Que **é naturalmente** revolucionária;
- 3.º Que, nos altos grãos, dá a seus adeptos **uma educação tôda revolucionária**;
- 4.º Que já antes de 1789, minava surrateiramente o altar e o trono, era inimiga mais temerosa, **revolucionária mais profunda**, que **os enciclopedistas**;
- 5.º Que de seus antros saíram os monstros de forma humana da Revolução franceza;
- 6.º Que foi ela a autora de tôdas as calamidades daqueles omínicos tempos;

(161) Hist. de la Révolet. franc. chap. Révolutionnaires mystiques.

7.º Que, com tôda a razão, é eia condenada pela Igreja e pelos governos, cõscios de seus deveres.

A êste importante documento acrescentaremos as seguintes reflexões que sôbre êle fizera um ex-mação:

"A Maçonaria que tem por divisa: **Liberdade e igualdade**, é **ESSENCIALMENTE ANTIPÁTICA** à autoridade. Por isso é que nunca a vemos abraçar o partido dela, **a não ser nos lugares onde o Estado combate a Igreja**, porque a Maçonaria odeia menos a autoridade humana que a divina, manifestada pela Revelação."

Atendei bem, ó Filhos caríssimos, para o que acabais de ouvir !

"As histórias, discursos, jornais, tôdas as produções literárias ou oratórias, saídas da pena ou da bõca da Maçonaria verificam o nosso asserto. E para que se não julgue que é calúnia, citamos um testemunho que nenhum mação ousará arguir de falso. Êste testemunho é o do irmão Luiz Blanc. Como há pouco mui judiciosamente observou certo jornal, falando a respeito dêste escritor, "acontece hoje, por justa e admirável disposição da Providência, que um dos principais chefes da conjuração contra o trono e o altar, acha-se repentinamente privado de sua inteligência de conspirador. Chega a revelar êle próprio a perfídia de sua seita tenebrosa, e a dar àqueles a quem iludiu uma lição que deveriam gravar bem funda na memória para nunca mais esquecer-la. Nenhum homem de Estado, nenhum campeão da Igreja, poderia dar aos soberanos e magnatas sociais, propensos a se alistarem na Maçonaria, aviso mais momentoso do que o que Deus lhes dirige pelo órgão insuspeito de Luiz Blanc."

"Ora, eis como se enúncia Luiz Blanc, falando acerca da Revolução franceza: "Graças ao hábil mecanismo da instituição, a Maçonaria encontrou nos príncipes e nobres menos inimigos que protetores. Aproveu a soberanos, ao grande Frederico, tomar a trolha e cingir o avental. Porque não? **Sendo-lhes cuidadosamente escondida a existência dos altos grãos, sabiam só da Maçonaria o que se lhes podia mostrar sem perigo.**"

"De balde alega a Maçonaria, para enfraquecer o testemunho esmagador de Luiz Blanc, os brindes que faz em seus banquetes aos chefes do govêrno; em vão alega os protestos de fidelidade e dedicação que lhes prodigalisa a cada instante: a tudo isto já de antemão respondeu Luiz Blanc." (162)

(162) La Franc-Maçonerie dans l'Etat, par un ancien Fr. de l'Ordre.

Está pois provado à tôda a luz da evidência que à Maçonaria compete exclusivamente a autoria da Revolução franceza !

Foi ela que, pelos tenebrosos manejos das Lojas e insuflações do **Filosofismo**, depois de haver conseguido abater a ínclita Companhia de Jesus, o seu mais pujante embaraço, ateou aquele pavoroso incêndio contra a Igreja e o Estado, em cujas chamas pereceram mártires um rei, uma rainha, dous príncipes, duas princezas e grande número de nobres, um Arcebispo, tres Bispos, trezentos e oitenta e tantos padres, e mais sessenta a quatro religiosas ! (163)

5.º — Ah ! é muito para receiar, Irmãos e Filhos caríssimos, que ainda tenhamos a dor imensa de ver reproduzidas em nossos dias, em maior escala talvez, as cênas horrorosas daquela tenebrosa época.

A seita nefanda tem simulado repouso; mas, há um século que está maquinando e trabalhando nas trevas: Agora que estendeu a sua vasta rêde sôbre as cinco partes do mundo; agora que, segundo o computo do irmão Rebold, conta mais de oito mil Lojas e cêrca de nove milhões de mações, ativos ou avulsos, espalhados pelo globo; agora que — senhora dos governos e domina às escancararas por tôda a parte, julga afinal chegado o momento de levar ao cabo, de rematar a obra encetada e não terminada no século passado.

Aquilo que ela então pensava, dizia e fazia pelo **Filosofismo**, hoje pensa, diz e faz pelo **Liberalismo**, seu órgão genuino. Já o primeiro não figura senão nos anais da história; mas, desaparecendo, deixou o lugar ao segundo.

O que, porém, entendemos por **Liberalismo**, vamos dizer-vos-lo, apropriando-nos a definição que dêle dá certo autor contemporâneo.

“Pela palavra — **Liberalismo** — entendemos o sistema doutrinal que, em matéria de religião e de política, a pretexto de alargar a liberdade do homem, favorece a licença. Diminuir a autoridade de quem governa e animar a independência de quem obedece; abater o superior e, se possível fôra, emancipar o súdito; pelo temor da tirania amesquinhar o poder, senão destrui-lo completamente; tal parece ser a grande preocupação do — **Liberalismo**; tal é a sua tendência.

“Sistema fatal, que, a pretexto de evitar a opressão, fomenta a rebeldia, e pelo desejo de aliviar o jugo da obediência e submissão às leis tende a suprimí-lo totalmente !

"Este **Liberalismo** é formulado nos grandes princípios de 89, que muita gente exalta sem conhecê-los, e foram para a França, como para a Europa inteira, origem fecunda de males incalculáveis. (164)

O **Liberalismo** assim definido, é o mesmo que o **Filosofismo** do século XVIII e que o Maçonismo de todos os tempos: há entre êles a mais perfeita identidade de espírito, de idéias e aspirações.

Demos a palavra à própria seita.

"A Maçonaria, diz o irmão Grisar, corpo robusto, colosso de mil cabeças e cem braços, é ou não poderoso instrumento de progresso, reformas, melhoramentos sociais? E' ou não grande laboratório de idéias novas? Dá ou não vida às **idéias livres** pela emissão de idéias liberais?..."

...."Se nós elevássemos os nossos intentos, pensamentos e ações à altura das necessidades atuais, não nos colocaríamos imediatamente à **frente dos partidos liberais?**... Não quero puxar pelo partido liberal; mas **NÓS SOMOS O LIBERALISMO, somos o seu pensamento, alma e vida, somos ÊLE em fim...**" (165)

Nada conhecemos mais peremptório!

Reflitam, pois, aqueles a quem estão confiados os destinos dos povos, das nações, da sociedade inteira! **Erudimini qui judicatis terram.** (166)

Parece que volvemos aos dois ou tres lustros que precederam a grande Revolução do século passado. As circunstâncias são no toda análogas. Há sómente diferença de nomes: em lugar do **Filosofismo**, é hoje o **Liberalismo** a manivela de que se serve a Maçonaria para pôr em movimento todo o mecanismo dos governos hodiernos; os soberanos e seus ministros são quasi todos sequazes dêsse fatal sistema; por tôda a parte campea altiva a Maçonaria, e com maior poderio do que nos tristes dias daquela lutuosa quadra.

A causa, ninguem há ai que o ignore, posta em idénticas circunstâncias, não pôde deixar de produzir os mesmos efeitos.

Julgamo-nos, portanto, com o direito de concluir que um grande cataclisma social está iminente, grávíssimos acontecimentos se avizinham; pressentem-nos os homens que refletem, anunciam-nos como inevitáveis os que estão em contato com a Maçonaria. Assim é que, ainda

(164) Gautrelet. t. 2. p. 66.

(165) Disc. na Loja Perseverança de Auvers. 1845.

(166) Ps. 2.10.

há pouco, os dois chefes políticos dos partidos militantes da Inglaterra consideravam e chegaram a declarar mui próximos tais acontecimentos.

Sim: já os sinais precursores estão bem visíveis. A chama da perseguição, ateadada contra a Igreja Católica, vai lavrando por tôda a parte. A preclara Socjedade de Jesus, pela qual invariavelmente começa a perseguição, por ser a mais valente e altiva barreira que embarga o curso impetuoso da onda revolucionária, vai sendo, estes últimos anos, banida, proscrita, vítima de iníquas vexações, em todos os paizes onde domina a seita anti-católica.

Digam-o no continente Europeu, a Espanha, a Itália, a Prússia; e no continente Americano, as repúblicas do Salvador, Guatemala, Perú, a República Argentina; diga-o tambem, — oh! dor! — o Império do Brasil! diga-o a pátria sempre amada!

Por amor da brevidade, passaremos em silêncio o que ora tem sofrido a ilustre Companhia em todos aqueles paizes; não podemos, porém, calar-nos ante a violência de que, entre nós, foi ela vítima, na pessoa de alguns de seus virtuôsos membros.

O Nosso cargo Pastoral impõe-nos o estrito e indeclinável dever de examinar detidamente as razões e fundamentos que autorisaram a deportação dos Padres Jesuitas de nossa querida Diocese.

E' dever?... Cumpri-lo-emos pois, ainda com perigo da própria vida!

II

1.º — Muito há, bem o sabemos, Irmãos e Filhos muito amados, que anciosos esperais alcemos a nossa fraca voz em defeza de uma bela e importante porção do nosso mimoso Rebanho, para demonstrar a clamorosa injustiça de que foram vítimas alguns ilustres sacerdotes estrangeiros, e com que se tentou embaciar o refulgente brilho da ínclita Companhia de Jesus, que tão assinalados serviços há prestado ao vosso humilde Pastor na cultura da Vinha do Senhor.

De há muito que já houveramos correspondido à vossa tão justa expectativa, se nos tivéssemos deixado guiar unicamente pelos impulsos do coração inflamado em veementes desejos de clamar em favor da inocência caluniada, perseguida e oprimida. Motivo nos assistio, porém, e mui ponderoso, para que até hoje guardássemos silêncio profundo.

Poderá razão valiosa de prudência, atuando sôbre o nosso ânimo, induzir-nos, como agora, a aguardar a oportunidade; porquanto nos ensinam os Livros sagrados que há o **tempus tacendi** e o **tempus lo-**

quend. (167) Mas, fugir ao dever de levantar a voz, quando importa fazê-lo; calar, quando urge falar, emudecer quando cumpre bradar alerta!; desertar do nosso posto, abandonar a causa da Igreja, quando releva defendê-la... isto nunca!!! **Pugere autem et relinquere Ecclesiam non soleo.** (168)

E que Pastor, que Sentinela, que Bispo seríamos nós então?

Atendei:

Apenas chegou a esta côrte a noticia dos lamentáveis acontecimentos, que enlutaram algumas províncias do Norte do Império, e que todo o coração patriótico, amante da paz e da ordem, não pôde deixar de deplorar amargamente, espalhou-se ao mesmo tempo, com a velocidade do relâmpago, o grave boato de que eram êles promovidos, insuflados pelo clero, ou, pelo menos, por certa classe de sacerdotes. O condutor elétrico nunca deixou de transmitir aquelas tristes notícias sempre de envolta com êsse odioso rumor.

Dia não havia em que daí não viessem telegrams do jaez dos seguintes:

"Recife, 4 de Dezembro.

"Os padres jesuitas **comprometidos** são todos estrangeiros. Alguns dêles estão pelo interior desta (Pernambuco) e da província da Paraíba do Norte...

"**A sedição que está em campo**, segundo me informa pessoa que viu os documentos. E' OBRA DÊLES.

"A principio **tiveram o pensamento** de FAZÊ-LA APARECER por meio do Dr. Ibiapina, que para isso foi chamado a S. Lourenço, **mas êsse pensamento foi abandonado**, porque o Dr. Ibiapina não pôde comparecer, e porque reconheceu-se que êle com os seus 70 anos e enfermidades não servia para outras missões diferentes da em que se occupa — pregar no sertão.

"Informam-me que há cartas importantes do Bispo D. Vital sôbre os padres..." (169)

"Pernambuco, 20 de Dezembro.

"Chegou ordem do govêrno para deportar os padres estrangeiros pertencentes à congregação de Jesus, que, **pelos documentos apreendidos**

(167) Eccle. 3. 7.

(168) S. Ambrós. Serm. contra Auxentium.

(169) *A Nação*, 5 de Dezembro de 1874.

ou outras provas SE MOSTRAREM IMPLICADOS NOS TUMULTOS DESTA PROVÍNCIA E DA DA PARAIBA." (170)

"Recife, 28 de Dezembro.

"A medida tomada pelo govêrno geral, em fazer sair para fóra do país **homens tão perigosos e de cujas doutrinas quatro provincias foram vítimas**, DERRAMANDO-SE SANGUE, é apenas uma medida de segurança, afim de evitar-se que êles sejam vítimas da indignação popular..." (171)

Além de uma infinidade de despachos telegráficos neste mesmo sentido, publicados por todos os jornais desta côrte, ouvi como fala o órgão ministerial, folha semi-official:

"Si jesuitas CONCITARAM **uma parte das populações do norte** às CORRERIAS E CRIMES de que temos sido testemunhas, culpa não é do govêrno." (172)

"O Sr. D. Vital, que tem nos jesuitas os seus melhores amigos e conselheiros, **deve estar satisfeito COM A SUA OBRA. Ela é digna de o recomendar à admiração do mundo e às benções de sua pátria.**

"Não anteciparemos, todavia, reflexões que não pôdem escapar a ninguem.

"Enquanto o Sr. D. Vital se cala perante os acontecimentos que enlutam a sua diocese, FALEM OS TELEGRAMAS." (173)

"Os ultramontanos devem estar satisfeitos com a **sua obra.**

"Resolveram agitar a diocese do **santo mártir** Frei Vital, e o sangue brasileiro, e sangue de irmãos, já tem corrido em vários pontos.

"Assassinos e ladrões aproveitaram-se do ensejo para sairem a campo, graças às boas doutrinas e à **edificante propaganda de alguns padres estrangeiros, e de outros sacerdotes** que, por vergonha nossa, **nasceram nesta terra.**" (174)

Escutai agora, Irmãos e Filhos da minha alma! escutai o próprio **Diário Oficial:**

"Convindo descobrir a origem de tais movimentos, **atribuidos em grande parte aos jesuitas**, e havendo denúncia de que na casa habitada pelo jesuíta capelão do colégio de Santa Dorotêa, se faziam reuniões noturnas por modo misterioso, deliberou o chefe de polícia de Pernâm-

(170) *Jornal do Comércio*, 21 de Dezembro de 1874.

(171) *A Nação*, 29 de Dezembro de 1874.

(172) *Ibidem*.

(173) *Idem*, 4 de Dezembro de 1874.

(174) *Idem*, 24 de Dezembro de 1874.

buco dar busca na dita casa, na do vigário de S. Lourenço da Mata, onde residiam outros jesuitas e na do governador do bispado.

"Foram apreendidas várias cartas, **das quais se infere QUE OS JESUITAS NÃO SÃO ESTRANHOS AOS MOVIMENTOS SEDICIOSOS**, e têm tomado parte direta no conflito episcopal." (175)

Todos êsses telegramas e trechos dizem claramente que os movimentos sediciosos, a que nos referimos, foram **obra** do Bispo, do clero e, especialmente, dos Jesuitas. Tomai nota!

Vamos adiante.

Agora ides ver, como tudo isto combina admiravelmente com as notícias que a Maçonaria transmite para todos os pontos do globo.

O Boletim do Grande Oriente Unido, em o seu noticiário para o estrangeiro, escrito em francez, diz o seguinte:

"As últimas notícias telegráficas asseguram que descobriram-se no Recife, na residência dos Jesuitas, onde tinham organizado uma sociedade secreta, diversos documentos **que provam a participação deles na revolta dirigida**, segundo dizem PELO BISPO DE PERNAMBUCO." (176)

Como combina tudo isto!

Acresce que se disse, se escreveu com certa insistência, que o vosso humilde Pastor "déra um jantar, no dia de seu aniversário natalício, aos seus amigos e aos membros mais proeminentes da Sociedade Católica; e que, enquanto todos os bons Brasileiros enchiam-se de vergonha e tristeza ao receberem a notícia de que grupos de facínoras, de sertanejos ignorantes, **iludidos pelas prédicas dalguns fanáticos**, empunhavam os bacamartes e penetravam em cidades, vilas e povoações aos gritos de — morram os mações! Viva a Religião! — **o joven e imprudente Prelado banqueteara-se, e, cheio de regozijo, dizia aos seus convivas o seguinte: "Quero ser profeta. Não hei de completar os quattros anos de prisão. Breve estarei em liberdade".** (177)

São palavras textuais o que aí fica transcrito na íntegra!

Disse-se mais e se escreveu, sempre com insistência, que os Bispos encarcerados, depois de começados os distúrbios dessas Províncias, **entretinham correspondência ativíssima pelo telegrafo, e POR MEIO DE CIFRA, com Pernambuco e Pará.**

(175) *Diário Oficial*, 22 de Dezembro de 1874.

(176) Boletim de Agosto a Dezembro de 1874, p. 624.

(177) *Jornal do Comércio*, de 29 de Novembro e 1.º de Dezembro de 1874.

"O que explica, perguntava-se, tanto se tão repetidos despachos reservados entre os **ilustres mártires** e os seus delegados? (178)

Tudo isto não passou de uma falsidade sem nome, para não dizermos, da mais infame calúnia! (179)

Releva ponderar ainda que tais telegramas e notícias não só percorreram todo este vastíssimo Império de uma à outra extremidade, como até voaram aos paizes estrangeiros; não só foram publicados pelas folhas brasileiras, mas também pelas gazetas dalém mar; vimo-los estampados em mais de um jornal da Europa.

O **Univers**, de 10 de Fevereiro do corrente ano, transcreve o seguinte do **Anglo-Brazilian-Times**:

"Em Pernambuco, o Presidente mandou prender e deportar, por ordem do govêrno, seis Jesuitas italianos, não só por terem excitado os Bispos de Olinda e do Pará à **revolta** e a opor resistência à ordem imperial de levantar os interditos, como também **por haverem sido os provocadores das sedições e perturbações, que se deram nas províncias do Norte.**"

Foram, além disto, varejadas, pela autoridade policial, tanto a residência dos Padres Jesuitas, no Recife e em S. Lourenço da Mata,

(178) Idem. 30 de Novembro de 1874.

(179) Quanto á fábula malévola do jantar, regozijo e esperanças de próxima liberdade, já o próprio governo imperial certamente reconheceu-a como tal, depois da sindicancia a que nesta Fortaleza procedeu um marechal de campo.

A respeito dos telegramas em cifra, ouçamos as Agências telegráficas desta Côrte.

Eis o que em 9 de Dezembro de 1874 atestou a Agência Americana:

"O abaixo assinado declara, em resposta á requisição de S. Ex. Rvma. o Sr. Bispo de Olinda, que em tempo algum lhe foram confiados, por S. Ex., despachos em cifra ou de outro modo, para qualquer ponto do Império, ou para fóra dêle.

"*M. Gomes de Oliveira*, Diretor Gerente."

Na mesma data disse a Agência Havas-Reuter:

"Declaro que S. Ex. Revma. o Sr. Bispo de Olinda, nunca enviou, por intermédio da Agência telegráfica Havas-Reuter, despachos em cifra ou de outro modo, para nenhum ponto do Império do Brasil.

"O Diretor geral dos serviços telegráficos Havas-Reuter, na América do Sul, Mercadier."

A Western and Brazilian Telegraph Company Limited, em 22 de Dezembro do mesmo ano, declara o seguinte:

"Tenho a honra de informar que, depois de cuidadoso exame dos livros, nenhuma nota achei de qualquer telegrama mandado ou recebido por S. Ex. o Senhor Bispo de Olinda, de ou para o Rio de Janeiro, entre Setembro e a data da pergunta de S. Ex. (19 do corrente). Tenho a honra, etc."

"Assinado: *Henrique Higgins*, Gerente no Brasil."

como a da Autoridade Diocesana, nosso digníssimo Delegado, sendo o motivo alegado para tais medidas e violências, segundo afirma o **Diário Oficial**, descobrir a origem dos movimentos sediciosos, **atribuídos em grande parte aos Jesuitas.**

Ora, de todos êsses telegramas, de todos êsses trechos, de todos êsses atos, torna-se bem patente, transparece, como o raio solar através de límpido cristal, o malévolo intento da seita caluniadora de constituir a Igreja responsável pelos movimentos sediciosos que todos nós sentimos profundamente, e sôbre cuja causa verdadeira muito teríamos que dizer, se porventura não fôra o nosso intuíto, antes fazer uma defeza, que formular acusações.

Com efeito, de tudo quanto aí fica exarado, para eterna memória, e do mais que se disse, se escreveu, se asseverou, é forçoso concluir:

1.º Que o clero, os Jesuitas e o vosso humilde Pastor foram os autores daqueles tristes acontecimentos, ou, pelo menos, nêles tomaram a máxima parte;

2.º Que os Padres Jesuitas foram banidos, por terem sido encontrados, em sua residência, documentos que atestam a interferência dêles nos movimentos sediciosos.

Não foi isto, com efeito, o que se disse e se escreveu, com aturada insistência, nos órgãos **oficiais** e **semi-oficiais**?

Ora, de um lado a acusação, como estais vendo, Irmãos e Filhos muito amados, é gravíssima e uma das mais pesadas que se podem articular contra um Bispo católico, posto que indigno, contra virtuosos sacerdotes, credores dos maiores encômios, contra tôda uma classe respeitabilíssima da sociedade, que deve ser o **sal da terra, a luz do mundo.** (180) Não menos grave e momentoso é por certo o fato do banimento daqueles venerandos ministros da Igreja Católica.

De outro lado é rigoroso dever de justiça supor que em nenhum país católico, amante da justiça e da retidão, jamais abalançar-se-iam a dar passo de tamanho alcance e de tão funestas consequências para a Religião e para o Estado, sem plena certeza do fato, sem provas irrefragáveis do crime, sem estarem firmemente estribados em documentos numerosos e esmagadores.

Mas, além de que os documentos até hoje publicados não só não provam a consistência das gravíssimas acusações formuladas, como até demonstram, pelo contrário, a tôda a luz, a inocência dos acusados;

(180) Math. 5, 13 e 14.

além de que a Portaria de 21 de Dezembro de 1874, **peça oficial**, garante a existência de **outros documentos ali não especificados**, disse-nos mais a folha ministerial, órgão **semi-official**, o seguinte:

"Os documentos publicados pelo presidente de Pernambuco **não são os únicos apreendidos, e além de outros que APARECERÃO em ocasião oportuna**, aí estão os depoimentos dos matutos presos para tornar patente a intervenção dos ultramontanos nessas desordens." (181)

Que fazer, portanto, neste caso?

À vista das razões expendidas, à vista da categórica afirmação da **peça oficial** sobre a existência de outros documentos comprobativos à vista, enfim, da formal asseveração do órgão **semi-official** de que **oportunamente** tais documentos seriam publicados, cumpria-nos, se bem estivessemos plenamente convencido da inocência dos acusados, aguardar a publicação prometida e, até hoje, tão justamente, tão ansiosamente esperada.

Eis aí, Irmãos e Filhos diletíssimos, a razão por que até a data presente havemos guardado silêncio.

Tres longos mezes, porém, já são decorridos! Debalde temos esperado! Nada da publicação prometida!

Não podemos esperar mais.

Vamos, pois, analisar os documentos vindos à luz, reservando-nos para reformar o nosso juízo, quando forem os outros publicados, ou então para refutá-los, quer do fundo do cárcere, quer da terra do **exílio**.

2.º — Pelo que diz respeito à Nossa pretendida intervenção direta ou indireta nesses deploráveis movimentos sediciosos, protestando com tôdas as fôrças de nossa alma contra essa caluniosa insinuação, do mais íntimo do coração perdoamos àqueles que tão grande injúria irrogaram ao nosso caráter Episcopal.

Enquanto restar-nos um hálito de vida, consagra-lo-emos sempre à defeza do sagrado depósito que nos foi confiado, e mais fácil será, em Deus firmemente confiamos, perder a existência que abandonar a custodia da fé: **Prius est ut animam mihi quam fidem auferant**. (182) Esmerar-nos-emos sempre em desempenhar os nossos deveres de Bispo, sem temor das violências ou amarguras que daí nos possam advir, sem preocupar-nos com o que pensarão, dirão ou farão os poderes da terra. Defenderemos sempre, com o auxílio divino, os direitos inauferíveis da

(181) Nação 31 de Dezembro de 1874.

(182) S. Ambr. contra Auxentium.

Santa Igreja de Deus, e por ela propugnaremos, com o favor celeste, até o nosso último suspiro.

Mas, nos certamens da fé, só brandiremos, ante o vestibulo e o altar, as armas irresistíveis da palavra, da oração, dos gemidos e das lágrimas que são as do ministro do Senhor; e nenhuma outra jamais empunharemos incompatível com a nossa missão sacrosanta: **Paratus eram, ut illo faceret quod olet esse regiae potestatis, ego subirem quod sacerdotis esse consuevit... voiens nunquam jus deseram, coactus repugnare non novi. Dolere potero, potero flere, potero gemere: adversus arma, milites, Gothos quoque, arma mea lacrymae sunt. Talia anim sunt munimenta sacerdotis. Aliter nec debeo, nec possum resistere.** (183)

Pelo desempenho do dever, alegre continuaremos a sofrer os incômodos da prisão, alegre iremos mendigar o pão do exílio, alegre receberemos a morte, se preciso fôr; nunca, porém, empregaremos outra resistência que não seja a passiva.

O mesmo podemos garantir acerca do Clero de nossa querida Diocese; pois temõs plena certeza de que nenhuma parte, por mínima que seja, tomou êle em tais movimentos; antes procurou impedi-los, acalmando os ânimos excitados, onde lhe foi possível, como em Ingazeira, Bom-Conselho, Bom-Jardim, Campina Grande, Bezerras, Triunfo, etc.

Quando mesmo se chegasse a provar com testemunhos irresponsáveis, que um, dois ou três sacerdotes, deslembreados de seus augustos deveres, houvessem tomado parte nesses lamentáveis distúrbios, que deporia êste fato isolado em desabono do Clero?

Poder-se-ia, sem flagrante injustiça, atribuir à classe o êrro do individuo?

Magistrados têm havido prevaricadores, juizes venais, soberanos tiranos; mas, poder-se-ia acaso daí concluir, sem grave êrro, sem clamorosa injustiça, que todos os magistrados são prevaricadores, que todos os juizes são venais, que todos os soberanos são tiranos?

Padres houve implicados nas revoluções de 1817, 1824, 1848, em Pernambuco, e na de 1842 em S. Paulo e Minas Gerais; entretanto quem nunca se lembrou de lançar tais revoluções à conta do Clero?

São deploráveis desvarios do individuo, pelos quaes se não pode responsabilisar a classe inteira.

Tanto mais que um só padre não poderá ser indigitado, como realmente culpado. O próprio que ora está preso por êste motivo, só tem

(183) Ibidem.

um crime, mas crime gravíssimo, — é haver tentado expelir a Maçonaria das Irmandades de sua Paróquia. (184)

(184) O Revd. Vigário de Campina Grande, Padre Calixto Corrêa da Nóbrega, foi pronunciado e preso por suposta intervenção nos movimentos sediciosos; ao passo que, não só é ele no todo inocente do crime que lhe imputam, como até muito concorreu para apaziguar as iras populares.

Falem os documentos.

Eis o que diz o Juiz de direito da comarca de Campina Grande, o Dr. Antonio da Trindade Antunes Meira Henriques, em resposta a uma petição do dito Vigário:

“Atesto que o suplicante prestou a mim e ás demais autoridades desta comarca o mais pronto auxilio no intuito de restabelecer a ordem publica alterada pelo movimento popular, que nela se levantou no fim do ano próximo passado, convocando os seus paroquianos para acudirem á defeza desta cidade quando fosse ameaçada de ser invadida pelos grupos sediciosos, apresentando-se com êsses paroquianos a mim para todos os misteres do serviço publico, acudindo ás feiras desta cidade quando invadidas por êsses grupos, para, por meio de conselhos dispersá-los; e praticando outros atos compatíveis com seu ministério, tendentes á pacificação de minha comarca. Cidade de Campina Grande, 13 de Fevereiro de 1875. — *Antônio da Trindade Antunes Meira Henriques.*”

Ouçamos agora o Juiz municipal do mesmo termo, o bacharel Bento José Alves Viana,

“Atesto que o suplicante não só auxiliou as autoridades desta comarca durante os movimentos sediciosos que nela tiveram lugar, como também foi um dos principais elementos da ordem, aconselhando e dissuadindo o povo para não proseguir em tais desatinos, e finalmente que poz sempre á minha disposição, assim como das mais autoridades, todos os seus serviços no sentido de serem os sediciosos repellidos e restabelecida a ordem. Campina Grande, 13 de Fevereiro de 1875. — O juiz municipal, *Bento José Alves Viana.*”

Lêia-se mais êsse documento, firmado pelo Delegado de Policia do termo de Campina Grande:

“João Teodoro Pereira de Melo, official da imperial ordem da Rosa, cavaleiro das do Cruzeiro e Cristo, S. Bento de Aviz, condecorado com a medalha de campanha do Estado Oriental em 1852, e com a do Mérito Militar com dous passadores e a da campanha do Paraguai sob n. 5, tenente-coronel comandante do 14 batalhão de infantaria por S. M. Imperial, Delegado de Policia do termo de Campina Grande da provincia da Paraíba do Norte.

“Atesto pela afirmativa o que me requereu na petição supra o Revd. Vigário desta freguezia, Calixto Corrêa da Nóbrega; pois que tanto pelas diligencias policiaes que procedi para descobrimento dos cabeças dos movimentos populares dêste termo, como pelas informações das autoridades superiores e pessoas gradas dêste mesmo termo, não resultou indicio algum de participação nêsses movimentos e desrespeito ás leis, e ás autoridades contra o suplicante, o qual desde a minha chegada nêste mesmo termo poz á minha disposição todos os seus serviços para o restabelecimento da ordem publica. Cidade de Campina Grande, 13 de Fevereiro de 1875.

— *João Teodoro Pereira de Melo.*

Não ! O Clero nunca fez revoluções, nem as fará, por que não é este o nosso costume, diremos com o Apóstolo das nações, nem da Santa Igreja de Deus: **Nos talem consuetudinem non habemus, neque Ecclesia Dei.** (185) *

Os sacerdotes de Jesus Cristo, repetimos com o Santo Arcebispo de Milão, nunca foram tiranos; antes muitas e muitas vezes sofreram ináuditas crueldades e atrozes barbarias dos tiranos, com a mais profunda humildade e angélica paciência. Nós oramos e não pelejamos, porque assim cumpre ao verdadeiro católico; **Nunquam sacerdotes tyranni fuerunt, sed tyrannos sæpe passi sunt. . . Rogamus, non pugnamus. . . Hoc christianis decet.** (186)

Examinemos agora, Irmãos e Filhos caríssimos, os fundamentos da grave e mui grave imputação que pesa sobre os ilustres Padres Jesuitas.

São acusados êsses preclaros sacerdotes de participação, pelo menos, nos movimentos sediciosos, que, na frase autorizada do **Diário Oficial**, lhes foram **atribuídos EM GRANDE PARTE.** (187)

Vejam as provas aduzidas pela Portaria de banimento:

PROVA I

"Uma carta do jesuita Joseph Lasemby, escrita de Liverpool ao jesuita padre Rocha, em 7 de Maio último, na qual se lê os tópicos seguintes:

-Lhe agradeço muito as comoventes notícias do Bispo Frei Vital. Eu tive o cuidado de fazer com que fosse êle bem conhecido por todo o mundo onde penetra a lingua inglesa; e, no meu tempo livre, a minha pena ocupa-se muito do Bispo. "A biografia do Bispo de Olinda; uma carta em favor da Companhia; o Bispo do Pará; o alvará de 3 de Setembro de 1759, a lei de 28 de Agosto de 1767, comentários muito honrosos aos nossos presentemente no Brasil; a maçonaria, elemento de desorganização religiosa no Brasil. Os comentários acima ditos são dirigidos aos nossos, e farão, eu o espero, uma impressão muito favorável aos meus irmãos do Brasil, de Roma e de tôda a parte. Eis o trecho de um de meus discursos: O governo brasileiro, é verdade, mudou a pena (do Bispo) em prisão sem trabalho; porém em deixar a parte principal

(185) 1. Cor. 11. 16.

(186) S. Ambros. Epist. XXI ad Valentin.

(187) *Diário Oficial* de 22 de Dezembro de 1874.

da injustiça, confirmou a opinião que tem perdido inteiramente a f. Ganhou para si a execração de todos os bons católicos e para o Bispo de Pernambuco a reputação de ser ele um dos campeões mais atrevidos da Igreja."

Que prova êste documento, Irmãos e Filhos muito amados?

Êste documento prova apenas o seguinte:

1.º Que o padre Lasemby, lá na Inglaterra, recebeu, e agradece, notícias do humilde Bispo de Olinda;

2.º Que tem escrito a biografia de Bispos do Brasil;

3.º Que julga, com tôda a razão, que a Moçonaria é elemento de desorganização social e religiosa;

4.º Que entende, que o govêrno brasileiro, comutando a sentença de condenação do Bispo em prisão simples, deixou permanente a parte principal da injustiça e confirmou a opinião de haver perdido a té; e ganhou para si a execração dos bons católicos e para o Bispo a reputação de campeão da Igreja.

Demonstrará isto porventura que os Jesuitas de Pernambuco **tiveram grande parte na sedição?**

Que tem que vêr uma cousa com a outra?

Êste primeiro documento nada absolutamente prova, a não ser a inconsistência da acusação e a evidente inocência dos acusados.

Vamos à

PROVA II

"Uma carta do predito jesuita, padre Lasemby, de 17 de Julho do corrente ano, a um de seus irmãos aqui residentes, em que comunica:

"Já publiquei a nota do Cardeal Antonelli ao govêrno brasileiro no **Tablet**. Tenho os materiais prontos para os seguintes artigos: "A verdadeira causa da perseguição no Brasil" (trecho de Zacarias, **Jornal do Comércio**, 10 de Junho); "As vacilações do Sr. Visconde do Rio-Branco e as suas consequências" (trecho de Paulino de Souza, *ibidem*); "As cartas do barão de Penedo em 8 e 30 de Abril sôbre a nota do Cardeal Antonelli" (**Jornal do Comércio**, 8 de Junho); "Refutação das mesmas", de Pereira da Silva (*ibidem*, 13 de Junho); "Outra refutação de Zacarias (*ut supra*)."

Esta **prova** é do quilate da primeira.

Ora, dissei-nos, Filhos caríssimos, mostrar que o padre Lasemby, de lá da Inglaterra, diz: 1.º haver publicado no **Tablet** a nota de Sua Eminência o Cardeal Antonelli ao nosso govêrno; 2.º ter prontos materiais para vários artigos; 3.º ir transcrever do nosso **Jornal do Comércio**

trechos de ilustres Senadores e Deputados brasileiros; será acaso provar que os Jesuitas **tiveram grande parte nos movimentos sediciosos?**

PROVA III

"Uma carta do Dr. José Soriano de Souza ao padre reitor Sottovia; do 1.º de Julho, em que lhe diz: "O ministério está agarrado como ostra. Mas enfim algum dia êle há de cair. E até hoje nada de resposta do Santo Padre à Sociedade Católica!! E agora chegava muito a tempo, porque o Colaço afinal separou-se de nós, e está fundando, dizem, outra sociedade que lhe sane o desmesurado orgulho. A **Esperança** teve outrora um Breve do Santo Padre, e entretanto fez menos e sofreu menos do que a **União**. Porque esta também não será digna da mesma graça? Pense um pouco sôbre o caso".

Vamos de mal a peor!

Que força ou que valor tem a opinião privada de um distinto secular: 1.º, sôbre a perduração do ministério; 2.º sôbre o suposto **orgulho** de outro secular não menos distinto; 3.º, sôbre uma resposta do Santo Padre à Sociedade Católica, e um Breve para a **União**; que força tem tudo isto, perguntamos, para demonstrar o fundamento da acusação formulada contra os Padres Jesuitas? Que tem que vêr tudo isto com a **sedição que, segundo pessoa que viu os documentos é obra dêles?** (188) Que é da lógica?

Prossigamos:

PROVA IV

"Uma nota do secretário das Letras Latinas, Carlos Nocelli, ao reitor Sottovia, remetendo-lhe o Breve de que trata a carta supra, louvando aos Drs. Vicente Pereira do Rêgo, Antônio de Vasconcellos Menezes de Drumond, José Soriano de Souza, Tarquínio Bráulio de Souza Amaranto, aos bachareis José Honório Bezerra de Menezes, Manoel Barbosa de Araujo, Pedro Gaudiano de Ratis e Silva, e finalmente aos cidadãos Antônio Luiz do Amaral e Silva, Maurício José Tôrres Temporal, Antônio Clímaco Tôrres Temporal e Domingos Ferreira das Neves Guimarães, acrescentando no final desta nota que, se êle Padre Sottovia, entendesse que as pessoas indicadas no Breve não eram dignas de louvor, o guardasse".

Este documento não significa coisa alguma na questão vertente ! Nada, absolutamente nada, prova contra os padres Jesuitas ! A menos que se raciocine do modo seguinte :

O Secretário das Cartas Latinas enviou de Roma um Breve de louvor aos membros da Associação Católica; logo, os Jesuitas de Pernambuco são cabeças da revolução ou pelo menos **tomaram grande parte nela.**

Que entimena formidável !

Até aqui pois, nada de provas !

PROVA V

“Uma carta do Dr. Tarquinio Bráulio de Souza Amaranto ao mesmo padre Sottovia, em data de 24 de Junho, contendo os trechos seguintes :

“Firmado em maioria fraca e vacilante, o ministério vai-se sustentando e resistindo à opposição vigorosa que tem contra si; mas não perdemos a esperança de derribá-lo.

“A causa da **nossa** Santa Igreja tem ganho muito, segundo todos pensamos, em consequência das muitas e poderosas vozes que se têm levantado para profligar o procedimento do governo perseguidor dos Bispos.

“Sei um pouco do que tem havido em Roma; mas temo que, com a chegada ali do Sr. Sanguigni, as cousas tomem outra direção, que cumpre evitar por todos os meios. Esse homem, Deus me perdõe, fez muito mal; foi fatal aos interesses católicos no Brasil, e afinal descontentou a todos, fazendo passar a autoridade da Santa Sé por duras provações. Protestou em segredo contra o julgamento do Bispo e o seu protesto foi considerado impertinente e nulo pelo ministro dos estrangeiros, como consta do relatório do mesmo ministro.

“Muitas outras cousas tinha a dizer-lhe, mas falta-me tempo e não quero confiar tudo ao papel.”

Que prova esta carta ?

Esta carta prova o modo de ver, todo particular, de um Exm. representante da Nação, católico sincero: 1.º sobre a firmeza e existência do ministério; 2.º sobre as vantagens que para a Igreja resultaram da defeza feita, por vozes eloquentes, aos Bispos encarcerados; 3.º sobre o proceder de Monsenhor Sanguigni... e mais nada.

Que têm que ver, porém, as opiniões privadas do illustre parlamentar com a intervenção dos Jesuitas nos movimentos sediciosos ?

Esta prova é, pois, do calibre das precedentes !

PROVA VI

"Uma carta do Bispo D. Frei Vital, de 9 de Setembro último, ao Padre reitor Sottovia, na qual se lê o seguinte:

"Parece-me escusado talar-me acerca dos **nostros negócios**; porquanto o Dr. Tarquínio, que deles está bem a par, referir-lhe-á quanto por cá se tem passado.

iEm Roma é que é preciso muita cautela e vigilância. A Maçonaria não dorme, e o governo, que acaba de mandar nova missão junto à Santa Sé, está, ou pelo menos mostra-se sobremodo esperançoso.

"Certas concessões que em outro tempo se poderiam fazer **sem inconveniente algum** e em Roma pareceriam simplíssimas, agora e aqui seriam muito e muito perniciosas. Eu tenho sempre escrito neste sentido: receio, porém, que, apesar de Bispo, eu pareça suspeito nesta questão.

"Há pouco recebi algumas linhas do Padre Santinelli, que muitíssimo me consolaram: mas não estou tranquilo, porque sei quanto é perfdido um governo maçônico que tão hábilmente maneja a mentira, a calúnia e a difamação."

Esta carta nossa, Irmãos e Filhos diletíssimos, mostra o seguinte:

1.º Que julgavamos o ilustre Deputado católico a par de quanto, aqui na côrte, se passava atinente à questão religiosa.

2.º Que temos correspondência constante com a Santa Sé, como é dever de todo o Bispo católico.

3.º Que não nos iludimos com a aparente quietação da Maçonaria, pois sabemos que ela nunca cessa de maquinar.

4.º Que em nenhum governo mação temos confiança, porque nos tem demonstrado a experiência de quaito é capaz a seita anti-católica.

Eis o que unicamente prova êste documento.

Como pois poderá êle provar que os venerandos padres Jesuitas são cúmplices nos movimentos sediciosos?

Respondam os homens de bom senso.

PROVA VII

"Outra carta do Bispo D. Vital ao mesmo padre reitor Sottovia, datada de 19 de Novembro próximo findo, contendo os tópicos seguintes:

"Se as magníficas Letras Apostólicas me fizeram exultar no Senhor, não menos consolação e alegria me têm causado as últimas abju-

a Roma; que êle se muna de todos os papeis e documentos, que puder rações realizadas em minha diocese. Ah! mande, mande um novo anjo encontrar acerca da questão religiosa. Quanto não lhe devemos e dos seus eu, a minha diocese, a Igreja brasileira e a universal!"

"Ainda mais um favor lhe peço em nome da minha querida diocese. Procure, tôdas as vezes que lhe fôr possível, ajudar com os seus conselhos, direta ou indiretamente, os governadores e demais autoridades eclesiásticas. Anime-os constantemente na luta que vai recrudescer, e ore muito por êles. Mil agradecimentos pelos exercícios que pregou no Seminário. Sem dúvida, o reitor e o padre Maia me falarão acerca dêles nas cartas que acabo de receber: a de V. Rvma. foi a primeira que abri e li."

Esta outra carta nossa prova, amados Filhos do Senhor, que, ao ouvir o vosso humilde Pastor a voz consoladora do glorioso Vigário de Jesus Cristo, dilatou-se-lhe o coração atribulado e sentio alívio; como a flor que, após dia calmoso, crestada pelos raios ardentes do sol do estio, expande-se ao hálito da brisa fresca da noite e recolhe na ressequida corola as gotas do refrigerante orvalho.

Prova que o desvelado Pai das vossas almas se não esquece de vós, e que estremece de alegria, experimenta júbilo inefável, derrama lágrimas de consolação, quando aos ouvidos lhe chega, cá na solidão do cárcere, a grata nova de que algum de seus filhos transviados nos sombrios antros da Maçonaria volveu à casa paterna.

Prova que enviámos alguém a Roma, não para inverter os fatos, obscurecer a verdade, como outros fizeram; mas para fazê-la brilhar em tôda a sua luz; não munido de sofismas e enganões, mas sim de **TODOS OS PAPEIS E DOCUMENTOS!**

Prova que sabemos aquilatar devidamente os relevantes serviços prestados pela ínclita Compãhia de Jesus à nossa querida Diocese. à pátria muito amada, à Igreja inteira; e que, na qualidade de brasileiro, de católico e de Bispo, lhos agradecemos **ex abundantia cordis**.

Prova, enfim, que rendemos preito e homenagem às luzes e virtudes dos preclaros Padres Jesuitas, pedindo-lhes ajudassem com os seus conselhos aos nossos Delegados na questão religiosa, sustentassem-lhes o ânimo com suas fervorosas e santas orações, para que nunca declinassem do trilho do dever.

Tudo isto, e mais nada, prova êste documento. Agora como, de que modo, se ousa invocá-lo para confirmar a acusação articulada contra os Jesuitas?

E' o que não alcança a nossa fraca inteligência!

PROVA VIII

"Uma carta do padre jesuita Antônio Onorati, escrita aos 18 de Junho último, de Baixa-Verde, ao vigário de S. Lourenço da Mata, Francisco de Araujo, contendo os trechos seguintes:

"Não lhe dou notícias da Baixa-Verde, porque, escrevendo-as ao padre reitor as escrevi também para V. Revma., jesuita como todos, e mais do que eu; porém, não no sentido dos vocabulários portuguezes. Quanto ao pedido que V. Revma. me inculcou tão repetidas vezes que eu faça àquele santo varão padre Ibiapina, se elle vier cá, não o deixarei; porém, duvido muito que venha, por várias razões que elle nêstes últimos dias deu em resposta a uma minha que lhe escrevi, solicitando a sua vinda. Parece que, cansado por seus grandes trabalhos na vida de missionário, com sua idade tão avançada de 70 anos, queira mais cuidar do govêrno de suas vinte casas, que de **outras missões.**"

Dêste documento infere-se:

1.º Que o Reverendo Vigário de S. Lourenço da Mata encarregou o Padre Onorati de solicitar do virtuoso Padre Missionário, Dr. Ibiapina, a favor de prégar missões em sua paróquia.

2.º Que o Padre Onorati julgava que o reverendo Missionário não acederia ao convite, em consequência de sua avançada idade e grandes fadigas apostólicas.

Mas, prova isto que os Jesuitas houvessem promovido a sedição?

Até o presente uma só prova ainda não encontramos! Continua por terra a acusação; ao passo que a inocência dos acusados brilha como o sol em pleno dia!

Examinemos as outras provas.

PROVA IX

"Uma carta do professor público de Vertentes, Manoel I. Xavier Ribeiro, sem data, ao referido vigário de S. Lourenço da Mata, contendo os tópicos seguintes:

"Será amanhã, porque há portador, que hei de escrever ao Ibiapina, o qual acha-se na missão para as partes de Guarariba. Soube ontem que elle me escreveu, mas até esta hora ainda não recebi essa carta por estar o portador demorado em Gravatá de Jaburú. Não me esqueço da pretensão do meu amigo, e neste sentido instarei com elle afim de ver o meu amigo satisfeito; mas desde já lhe advirto que faz-se **necessária a ida do dito padre à Baixa Verde primeiro** do que af a

S. Lourenço. Convém **irmo-nos firmando acolá**, de maneira que possamos (embora a operação seja de tempo) atingir ao **desideratum** que almejamos. Em conclusão declaro a V. Revma. que vou empenhar-me com o Ibiapina para este ir a S. Lourenço, apenas acabar a santa missão de Baixa Verde. ?

-Para outros lugares há os mesmos desejos; entretanto os tais que tenham paciência. Não tarda quem chega a tempo. Estes povos, como já tenho dito, detestam o maçonismo, mas detestam-no por um sentimento vago; não é porque eles saibam o que é a Maçonaria, nem seus modos dela, fins, etc. Há uma ou outra pessoa, como este seu creado, que, arrostando as iras da energumena, não cessa de instruir os matutos convenientemente, etc. Eu sei que os cachorros estão danados comigo, assim como parece-me que em certas localidades (do mato, bem entendido) eles não ladram. Estimo a sua saúde e dos padres da Veneranda Companhia, etc. Diga ao padre Sottovia que agradeço o retrato que me mandou do Santo Padre Pio IX, etc."

Ora, caríssimos Filhos, que demonstra esta carta ?

Esta carta demonstra tão somente o seguinte:

1.º Que o Reverendo Vigário de S. Lourenço incumbio, além do Padre Onorati, ao professor público de Vertentes de induzir o Revm. Padre Ibiapina a ir missionar na referida freguezia;

2.º Que o professor achava mais conveniente que a santa missão fosse pregada primeiro em Baixa Verde, e só depois em S. Lourenço;

3.º Que elle conhece a Maçonaria, procura torná-la bem conhecida, e por isso tem sofrido da parte dos mações;

4.º Que o padre Sottovia enviou-lhe um retrato do Santo Padre Pio IX.

Bom ! A que vem tal documento ? prova elle a acusação de sedição feita aos Jesuitas ?

Sobre isto, nem palavra !

PROVA X

"Uma carta do bacharel Souza Rangel, de 10 de Junho ao padre Sottovia, na qual se encontra o tópico seguinte:

"Si já tiver noticia da missão de Baixa Verde, não deixe V. Revd. de communicar-ma."

Está claro, é evidente que este tópico refere-se à missão de que trata a carta precedente; isto é, a missão que se projetava pregar em Baixa Verde.

Agora, dizei-nos, Filhos caríssimos, como, de que modo, se podera daí coligir os **Jesuitas tiveram grande parte nos movimentos sediciosos?** Ignoramos semelhante lógica.

Aí vem agora a última prova. Há de ser esmagadora! Vejamo-la:

PROVA XI

"Outra, de 16 de Agosto, do referido bacharel ao mesmo padre Sottovia, em que se lê o seguinte: "Acabo de redigir, em nome da União Católica, um requerimento à assembléia desta província, pedindo que mande pôr à disposição de D. Vital o produto dos dízimos. Não esperol resultado, e até receio que se abafe o requerimento; mas desejo levar ao seio dessa cõrporação algum estimulante e não me ocorre outro." Em outras cartas posteriores do referido bacharel, lê-se o que se segue: "Padre Negri me disse: Cumpre sair, só ficaríamos se tivéssemos famílias que nos recebessem nas condições que **nos convém.**" "Não disse e nem posso saber quais as condições a que se referio o amavel padre Negri. Quaisquer que elas sejam, eu as aceito, porque o jugo de Jesus é suave e o pêso leve. Comecei a novena de S. João e é propósito meu fazer aparecer o retrato de D. Vital sob docel, e muito sinto não ter o do Bispo do Pará e o do Santíssimo Papa, para fazê-los também aparecer."

Lêde, ó Filhos da minha alma ! lêde com tôda a atenção; esta última prova, chave de ouro, sem dúvida, da argumentação **oficial**, e julgai por vós mesmos se de alguma sorte demonstra ela o fundamento da formidável acusação lançada à face de sacerdotes, sôbre inocentes, mui credores dos maiores encômios pelos profundos conhecimentos e acrisoladas virtudes que os exornam.

Oh ! que é o que acabamos de vêr ?

Apresentam-se fragmentos de cartas; citam-se cartas de leigos e eclesiásticos, cartas de padres e frades, cartas de Monsenhores e Bispos; cartas de Liverpool, cartas de Roma, cartas do Rio de Janeiro, cartas do Recife, cartas da Paraíba, e cartas de Vertentes; transcrevem-se trechos, e não cartas, que assim truncados podem variar de sentido.

Pois bem ! Conseguio-se provar, com tais documentos, a pesadíssima acusação feita à veneranda Sociedade de Jesús, ou a alguns de seus illustres membros ?

Não ! não !

Logo, temos o direito de concluir, até que nos convençam do contrário, os Padres Jesuitas não tiveram a mínima parte nos movimentos sediciosos.

Logo, os Padres Jesuitas foram injustamente acusados e escandalosamente caluniados, até em um documento oficial!

Logo, são falsos, falsíssimos, os telegramas e os propósitos dos diários oficiais e semi-oficiais a respeito da intervenção dos Jesuítas nos movimentos sediciosos.

Logo, a deportação dos Jesuítas não teve por motivo a sua suposta cumplicidade na sedição matuta, ou, se o teve, foi um enorme atentado contra a segurança individual, foi uma injustiça revoltante, foi uma inqualificável iniquidade!

E o que, mais que tudo, nos enche de pasmo e assombro é que, três, vinte e vinte sete dias depois da apreensão dessas cartas que acabastes de lêr, ainda ousassem o **Diário Oficial** e a **folha ministerial** escrever o seguinte:

"Dos **ofícios** recebidos do **presidente de Pernambuco**, de 25 e 27 de Novembro último, e de 1, 5 e 6 do corrente, a respeito dos movimentos sediciosos que se manifestaram em alguns lugares daquela e da província da Paraíba consta o seguinte:

"Convindo descobrir a origem de tais movimentos, **atribuídos em grande parte aos jesuítas**, e havendo denúncia de que na casa habitada pelo jesuíta capelão do colégio de Santa Dorotéa, se faziam reuniões noturnas por modo misterioso, deliberou o chefe de polícia de Pernambuco dar busca na dita casa, na do vigário de S. Lourenço da Mata, onde residiam outros jesuítas, e na do governador do Bispado.

"Foram apreendidas várias cartas, **das quais se INFERE que os jesuítas NÃO SÃO ESTRANHOS AOS MOVIMENTOS SEDICIOSOS.**" (189)

Onde estão, porém, essas cartas tão decantadas?

"Se os **jesuítas concitaram** uma parte das populações do norte às **correrias e crimes** de que temos sido testemunhas, culpa não é do governo." (190)

"**A sedição que está em campo**, segundo nos refere pessoa que viu os documentos, **é obra deles.**" (191)

Isto não se explica, nem se póde compreender!

III

O motivo da deportação dos Padres Jesuítas, bem o vistes, Irmãos e Filhos muito amados, não foi nem podia ser a sua pretendida e não provida comparticipação nos movimentos sediciosos.

(190) *A Nação* de 29 de Dezembro de 1874.

(191) *Idem* de 5 de Dezembro de 1874, teleg. do dia 4.

Investiguemos, pois, que razão ou razões levaram a êsse ato de tanto alcance e magnitude. Nove são as que foram indicadas ao público, e lá se acham tôdas consignadas na para sempre memorável Portaria de 21 de Dezembro de 1874.

Aquilatemos o valor de cada uma delas.

1.^a RAZÃO

"Considerando que dos trechos citados, interrogatórios e outros documentos aqui não especificados se verifica que os padres jesuitas nesta província, esquecendo-se do bom acolhimento que receberam desde o primeiro dia em que a ela aportaram, **têm-se desviado da linha de proceder que o seu sagrado ministério e a sua qualidade de estrangeiros lhes prescrevem**, perturbando a paz e harmonia que sempre reinaram entre a Igreja e o Estado, e violando as santas leis da hospitalidade, que deviam ser os primeiros a manter e respeitar."

Eis aí a primeira razão do banimento: — Os Jesuitas **se desviaram da linha de proceder que lhes prescrevia o seu sagrado ministério e a sua qualidade de estrangeiros**. E cometeram tal delíto, **perturbando a paz e a harmonia da Igreja com o Estado e violando as santas leis da hospitalidade**.

Mas, que é da prova disto ?

Vós, que lestes, Irmãos e Filhos diletíssimos, todos os documentos publicados até o presente, podeis avaliar se algum dêles fundamenta esta nova acusação.

Donde consta, na verdade, que os Jesuitas expulsos de Pernambuco perturbassem a harmonia da Igreja com o Estado, violassem as leis da hospitalidade ?

Será dos discursos do Padre Lasemby, lá na Inglaterra, ou dos seus artigos no **Tablet** ?

Será da publicação, por êle feita, em paizes estrangeiros, de trechos de discursos de Senadores e Deputados brasileiros ?

Será das opiniões do ilustre publicista Dr. José Soriano de Souza sobre o ministério e sobre um distinto católico ?

Será do Breve de louvor do Secretário das Cartas latinas, enviado de Roma a alguns membros da Sociedade Católica ?

Será do sentir particular do distinto parlamentar católico acêrca do ministério e de Monsenhor Sanguigni ?

Será do nosso modo de pensar a respeito da Maçonaria e do Governo ?

Será do regosijo que experimentamos ao recebermos Letras do Imortal Pio IX, ou a notícia de terem voltado para o redil ovelhas tresmalhadas?

Será de havermos enviado alguém a Roma? . . . Adiante responderemos.

Será da apreciação do Padre Onorati sôbre os trabalhos, cansaço e adiantada idade do Missionário Padre Ibiapina?

Será das notícias que um ilustre católico pede das missões de Baixa Verde?

Será, enfim, do requerimento que o mesmo dirige à Assembléa provincial a respeito de dízimos, da novena de S. João, ou do nosso retrato?

Não! De nenhum dêste documentos, consta semelhante cousa! A menos que conste dos **outros documentos não especificados**, ou dos interrogatórios secretos.

Mas, enquanto não forem êles publicados, temos o pleno direito de sustentar que esta nova acusação é gratuita, para não dizermos, caluniosa, e que a primeira razão alegada é inconsistente e sem fundamento.

Passemos á

2.^a RAZÃO

"Considerando **que foram os ditos padres jesuitas os que promoveram o atual conflito religioso**, que todo o bom católico deve sinceramente lamentar, publicando no periódico **Esperança**, e depois **União**, de que são assíduos colaboradores, artigos contra as leis do Estado, leis antiquíssimas sempre acatadas pelos virtuosos prelados que têm governado esta Diocese, e, no entretanto, por êles (padres jesuitas) atacadas e qualificadas como usurpações das prerrogativas e imunidades da Santa Sé."

Aí temos a segunda razão do banimento dos Padres Jesuitas: — **Foram êles os que promoveram o atual conflito religioso!**

Com efeito! Admira que ainda tal se ouse escrever, quando a tódos se mete pelos olhos que o atual conflito teve origem nas provocações directas e no insólito procedimento da Maçonaria, a começar desde o dia 3 de Março de 1872 até às vergonhasas cênas de 14 de Maio de 1873, que enodoaram a veneranda imagem da pátria querida, com salpicos de sangue sacerdotal! (192)

(192) Vide a nossa Carta, de 2 de Agosto de 1874, ao Exm. e Revm. Sr. Arcebispo de Buenos Aires.

Além de tudo quanto aí dissemos a respeito da origem do atual conflito religioso, lêia-se mais o seguinte documento maçônico:

E como promoveram os Jesuitas o atual conflito?

Os Jesuitas promoveram o atual conflito, diz o documento **oficial**, publicando nos periódicos **Esperança** e **União**, de que são **assíduos colaboradores**, artigos contra as leis do Estado.

Mas, se o atual conflito é obra, como não cessa de afirmar o órgão ministerial, **da imprudência de um joven Bispo**, que só entrou para o Episcopado em 1872, como pôde ser que os Jesuitas o tenham provocado por meio da **Esperança** que deixou de publicar-se desde 1867?

Respondam-nos!

Onde estão as provas de que os Padres Jesuitas são ou foram assíduos **colaboradores** da **União**? Onde estão as provas de que escrevem ou escreveram contra as leis do Estado?

Não basta atirar imputações aos quatro ventos; mas cumpre a quem preza o próprio caráter, a própria palavra, a própria honra, fundamentá-las com documentos. E que é dêsses documentos?

Enquanto não forem apresentados, temos todo o direito de afirmar que esta nova acusação é tão gratuita, esta segunda razão tão frívola, como as primeiras.

“Ferido um ir.: distinto (o padre A. Martins) e por motivos que todos julgaram pundonorosos, moveram-se incontinentemente as forças maç.: Ambos os circ.: se empenharam em manifestar ao sacerdote suspenso provas de admiração, respeito e fraternidade. E porque julgassem que no padre e ir.: A. M. se agredia a maç.: os Or.: dissidentes se conservaram em atitude de opposição ao agressor (ao bispo).

O Or.: do Lav.: celebrou sess.: animadas, nas quais ventilou-se a magna questão A. M. (Almeida Martins) e deliberou-se:

- 1.º Nomear uma comm.: *ad hoc* para tratar do assunto;
 - 2.º Autorizar a publicação pela imprensa, de artigos que tivessem por fim defender a maç.: do ataque contra ela dirigido pelo Sr. bispo; fazer conhecer a injustiça do ato; *mostrar as aspirações da maç.:*
 - 3.º Nomear uma comm.: para receber, publicar ou rejeitar os artigos; para
 - 4.º Solicitar das Loj.: e obr.: dos ir.: o seu valioso concurso, na prodigir enfim todo o movimento da imprensa.
- porção das forças de cada um, para contribuírem com os met.:
- 5.º Nomear um Tes.: para receber as quantias e distribuí-las.
 - 6.º Comunicar oficialmente ao Cir.: Ben.: as resoluções adotadas pelo Lav.: convidando-o a fazer causa comum com êle nesta questão de INTERESSE GERAL da Ord.:

Foram tomadas estas deliberações a 16 de Abril.

Antes, porém, de serem tomadas providências em beneficio do Ir.: agredido, o Ir.: S. M. (Saldanha Marinho) foi visitar a êste, e manifestar-lhe as mais vivas demonstrações de simpatia, declarando-lhe que *na questão vigente não havia divergência de Circ.: mas uma onda imensa* que se levantava contra o ultramontanismo (o Catolicismo Romano). (Bol.: do Lav.: 1.º ano.: pag. 205).”

3.^a RAZÃO

"Considerando que para animarem uma tal propaganda, que começou a ter lugar com o seu estabelecimento no Brasil, não escrupulisaram em abusar da prodigiosa influência de que gozam em Roma, **para obterem, como obtiveram, cartas pontificias, louvando aos redatores do citado jornal UNIÃO**, que, pela sua linguagem virulenta e acrimoniosa, imprópria de uma folha religiosa, se tem convertido em uma verdadeira pedra de escândalo."

Santo Deus ! Oh ! que motivo para deportar sacerdotes católicos !

Os Jesuitas foram expulsos de Pernambuco, e do território brasileiro, porque alcançaram **Cartas Pontificias louvando aos redatores da União**, periódico religioso, estreuo defensor dos direitos da Igreja !

Tal jamais acreditaremos, se o não vissemos exarado em uma peça oficial, que certamente há de passar à posteridade.

Julgai, amados Filhos no Senhor !, julgai se obter do Santíssimo Padre uma palavra de animação para um jornal católico, que por amor da causa católica já sofreu **um auto de fé**, em 14 de Maio, pôde ser **crime** merecedor da pena de banimento !

4.^a RAZÃO

"Considerando que **está mais que provada a sua interferência na atual questão religiosa, na qual têm tomado parte ativa**, como se de-

E a 27 de Abril reúne-se em As.. ger.. do Pov.. maç.. o Or.. Ben.., na qual dão-se os seguintes fatos:

1.^o O G.. M.. S. M. pronuncia uma virulenta alocução (*sic*) na qual é profligado o ato episcopal:

2.^o Aprova-se unanimemente, sem discussão, um *Manifesto*, protestando contra o mesmo ato;

3.^o Sauda-se a maç.. UNIDA com vivas e aplausos.

Em seguida a êsses sucessos:

4.^o Dirigiram os Ben.. uma pranch.. aos do Lav.. aderindo à UNIAO DOS DOUS CORP.. para desafronta da maç..

5.^o Endereçaram circulares aos II.. de sua obediência, convidando-os a reagir pela imprensa;

6.^o Abriram-se por todas as Loj.. Maç.. subscrições para isso;

7.^o *Deliberaram enfim, marchar de harmonia nisto com o Lav..* (Bols. do Lav.. 1.^o ano pg. 202 e 204).

Eis como procederam os II.. de ambos os cir.. na questão A. M. (Anais da Aug.. e Resp.. Loj.. Firmeza e União 2.^a instalada no Maranhão, etc., pag. 222, 223 e 224).

preende dos documentos citados e confessa um déles no interrogatório a que ultimamente respondeu (embora houvessem negado a principio, quando tiveram lugar os acontecimentos de 14 de Maio do ano próximo passado) levando o seu desrespeito ao ponto de declarar ao Dr. chefe de policia, em audiência, que com cinco tostões haviam conseguido mais, quanto à questão religiosa, do que o governo imperial, enviando plenipotenciários e despendendo centenas de contos de réis."

Os Jesuitas foram deportados, segundo esta razão do documento **oficial**, por haverem **tomado parte na questão religiosa**. Tomai nota d'êste **considerando**.

Pois bem ! Indaguemos qual é a **atual questão religiosa** e vejamos se os Jesuitas, com intervirem nela, cometeram algum crime ou cumpriram um rigoroso dever de consciência.

Eis a luta que se acha empenhada :

— De um lado está a Maçonaria, afirmando que é sociedade meramente beneficente, filantrópica, humanitária, e que se pôde ser mação e católico a um tempo.

Do outro está a Santa Igreja, não só ensinando o contrário, como até fulminando com pena de excomunhão maior **latæ sententiæ** reservada ao Súmo Pontífice, tanto **aos que se alistam na seita maçônica**, como **aos que a favorecem de qualquer modo que seja**. (193)

— De um lado está a Maçonaria, afirmando que, apesar das excomunhões Pontificias, é católica e há de continuar no seio das Irmandades.

Do outro está a Santa Igreja, ensinando que todo o excomungado se acha cortado de tôda a comunhão católica, e, por conseguinte, não pode estar unido à uma parte desta comunhão; o que seria **simul esse et non esse**.

— De um lado está a Maçonaria, afirmando que o **poder eclesiástico não pôde exercer a sua autoridade sem licença e consentimento do governo civil**.

Do outro está a Santa Igreja, ensinando que isto é erro grave e como tal condenado por *ela*. (194)

— De um lado está a Maçonaria, afirmando que **não é lícito aos Bispos, sem licença do governo, publicar nem as próprias Letras Apostólicas**.

Do outro está a Santa Igreja, ensinando que isto é erro intolerável e como tal por *ela* condenado. (195)

(193) Constit. *Apostolicæ Sedis moderationi*, de 12 de Outubro de 1869.

(194) Syllabus. Prop. 2).

(195) Idem. Prop. 28.

De um lado está a Maçonaria, afirmando **ao poder civil pertence não só o direito que se chama de exequatur, mas ainda o de apelação, que se chama ab abusu.**

Do outro está a Santa Igreja, ensinando que isto é êrro insustentável e como tal por ela condenado. (196)

— De um lado está a Maçonaria, afirmando que **a autoridade civil pôde envolver-se nas cousas relativas à Religião, aos costumes e ao govêrno espiritual.**

Do outro está a Santa Igreja, ensinando que isto é êrro insuportável e como tal por ela condenado. (197)

— De um lado está a Maçonaria, afirmando **que em caso de conflito entre os dous poderes deve prevalecer o poder civil.**

Do outro está a Santa Igreja ensinando que isto é êrro insofrível e como tal por ela condenado. (198)

— De um lado está a Maçonaria, que **arranca Bispos de suas dioceses, encarcera-os e retem-nos.**

Do outro está a Santa Igreja, não só protestando contra estes atentados, mas também cominando pena de excomunhão **latæ sententiæ** reservada de um modo especial ao Romano Pontífice, **contra aqueles que tal praticam**, e contra **os que para êste fim mandam, aprovam ou prestam auxílio, conselho ou favor.** (199)

— De um lado está a Maçonaria, que **direta ou indiretamente força juizes leigos a arrastarem à barra dos tribunais os Bispos e seus Governadores**, contra as disposições dos Sagrados Cânones.

Do outro está a Santa Igreja que não só protesta contra tais violencias, como até fulmina a mesma pena de excomunhão **contra quem assim procede e contra os que promulgam leis e decretos ofensivos da sua liberdade e direitos inalienáveis.** (200)

Eis aí brevemente resumida tôda a questão religiosa do Brasil, e bem discriminados não só os trabalhos e pretensões da Maçonaria, como também as doutrinas e sofrimentos da Igreja.

De um lado estão as teorias meçônicas, do outro os princípios católicos.

(196) Idem. Prop. 41.

(197) Idem. Prop. 44.

(198) Idem. Prop. 42.

(199) Constit. *Apostolicæ Sedis moderationi*, de 12 de Outubro de 1869.

(200) *Ibidem*.

A questão, pois, que se agita entre nós, é toda de princípios. E por isso é que, ainda hoje, continua ela de pé, tão temerosa, tão insolúvel, como no primeiro dia.

Se não fôra questão de princípios, mas sim unicamente de pessoa, já de há muito que o vosso humilde Pastor houvera sido sacrificado, teria sucumbido, não podendo arcar sósinho com o monstro colossal da Maçonaria.

Mas, como a questão não é com um simples religioso obscuro, porém com Bispos, e êsses não podem ser sacrificados, sem que o sejam igualmente princípios fixos da Igreja católica, eis aí porque continua a luta entre a Maçonaria e a Igreja, entre a êrro e a verdade. Aquela não quer recuar, esta não pôde ceder, porquanto, nunca ! nunca ! a verdade deve ceder ao êrro.

Quanto a Nós, prometemo-vos, Irmãos e Filhos caríssimos, que, auxiliado pela graça divina, jámais sacrificaremos os princípios da Igreja, jámais aviltaremos o nosso Ministério sacrosanto !

Sacrifique-se muito embora a pessoa, quando fôr possível separá-la da questão de princípios; mantenha-se, porém, ilesa, intemerata, a Autoridade Episcopal que nos foi confiada e que havemos de legar intacta aos nossos sucessores !

A questão pois, como acabais de vêr, diletos Filhos, é toda de princípios.

Ora, dissei-nos, que deveriam fazer os Padres Jesuitas em tais collições ?

Ficarem mudos, quedos, de braços cruzados ? Conservarem-se neutrais ?

Ah ! em Pernambuco no começo da questão, quando ela limitava-se à desobediência de Irmandades recalcitrantes às paternas admoestações de seu Prelado, até 14 de Maio, e mesmo até 10 ou 11 de Junho de 1873, ainda se poderia relevar semelhante proceder.

Mas, depois que os Sagrados Cânones foram conculcados, depois que todos os direitos da Igreja foram espesinhados, depois que as suas divinas prerrogativas foram obliteradas, depois, em suma, que a questão, transpondo as fronteiras da Diocese, entrou nos domínios da Igreja universal . . . não ! Já não era mais possível essa abstenção !

Urgia então decidir-se ou pelas doutrinas da Maçonaria ou pelos princípios da Igreja; ou pelos êrros maçônicos ou pela verdade católica; ou por Barrabás ou por Cristo.

Aqui não há meio termo. De duas uma: ou favorecer a obra da Maçonaria, senão positiva e diretamente, ao menos indiretamente pelo silêncio, mudez, inação e abstenção; ou auxiliar a causa dos princípios ca-

tólicos e da Igreja, apoiando-a, orando, falando, escrevendo, empregando, em uma palavra, todos os meios licitos e permitidos.

Por maior equilibrista que se seja, ninguém jamais poderá sustentar-se em tao diticil posição, sem deixar de pender ou bem para a direita, ou bem para a esquerda:

De um lado está cavado o abismo insondável do erro, que leva insensivelmente ao chisma, a heresia, a apostasia, e so tinda na eterna perdição; do outro está a estrada firme da verdade, da fé, da Igreja, e da salvação.

Ora, respondi, amados Filhos no Senhor !, para que lado pender? Por quem decidir-se? Pela Maçonaria ou pela Igreja?

Não há vacilar: pela Igreja!... porque disse o divino Salvador: **Qui non est mecum, contra me est: et qui non congregat mecum, spargit.** (201)

Logo, cumpria em consciência aos Padres Jesuitas esposar a causa dos Bispos perseguidis; e assim o fizeram, por dever, não só os Jesuitas de Pernambuco, mas ainda os de todo o Brasil e do mundo inteiro; e bem assim todos os Lazaristas, todos os Beneditinos, todos os Capuchinhos, todos os Franciscânos, todos os Carmelistas, todos os eclesiásticos, todos os leigos, todos aqueles, em suma, que se honram e se gloriam do titulo de católicos; porquanto a questão não é pessoal, senão de principios da Igreja Católica.

Logo, nenhum crime cometeram os Jesuitas, antes cumpriram o seu dever, intervindo na questão religiosa em favor dos Bispos da Igreja Católica contra a Maçonaria; e, portanto, não podiam ser banidos por tal motivo, que lhes é sobremodo honroso.

Que punição terão os demais sacerdotes e seculares, Deputados e Senadores que têm tomado parte tão ativa nessa mesma questão?

Não fecharemos esta análise sem primeiro tornar bem patente um embuste da seita ardilosa.

Tem-se querido especular com a mui respeitável Ordem a que temos a glória de pertencer. Tem-se dito e até escrito (202) que os nossos veneráveis Irmãos de hábito não nos acompanham na questão vertente.

Como filho estremecido, se bem que indigno, da preclara Ordem dos Padres Capuchinhos, que nos amamentou com o puro leite do ensino católico; que nos creou e nutriu com o pão da sã doutrina; que nos robusteceu na fé católica; em cujo seio bebemos o mais ardente amor e

(201) Math. 12. 30.

(202) Vide *Nação*, de 3 de Dezembro de 1874.

inteira dedicação à Santa Madre Igreja; e em cujo regaço aprendemos a amar, venerar e acatar o Romano Pontífice, Vigário de Jesus Cristo sobre a terra, não podemos passar em silêncio, deixar sem protesto tão maliciosa insinuação.

Como Capuchinho, somos em extremo cioso da glória de nosso santo hábito, zelamos a reputação daquela que nos servio de mãe carinhosa, e não nos podemos resignar a vê-la ultrajada sem defendê-la, nem tão pouco podemos ser insensível ao bem ou mal que dela digam; por isso que sobre os filhos recai a honra ou deshonra dos pais: **Dedecus filii pater sine honore.** (203) **Gloria filiorum patres eorum.** (204)

Os nossos veneráveis Irmãos de hábito, a despeito do que se tem feito acreditar, estão e não podem deixar de estar ao lado dos Bispos perseguidos; por isso que a questão, como demonstramos, é tôda de princípios, dos quais a ninguém é lícito aberrar sem precipitar-se nos pavorosos abismos do êrro.

Estamos profundamente convencidos de que, entre êles, nenhum há que censure os nossos atos Episcopais; mas, se porventura algum houvera, o que muito longe estamos de supor, lhe perguntaríamos: Como ousas reprovar o que o Vigário de Jesus Cristo aprovou sem restrição?

Se entre êles algum houvera, que tivesse a desdita de afastar-se dos princípios católicos acima enunciados e de abraçar algum dos contrários condenados pela Igreja, ah! neste caso, com lágrimas nos olhos, com o coração partido de dor, lhe clamariamos: És infiel a teus votos, à regra que juraste observar, e cujo primeiro capítulo prescreve obediência ao Súmo Pontífice e à Igreja Romana! (205)

Ainda quando tal viesse a acontecer, o que de modo algum podemos admitir, a infidelidade de um Religioso não poderia, sem flagrante injustiça, ser atribuída a todos os outros.

Aí! uma pedra teria, nêsse caso, rolado da abóbada do Santuário, uma estrela se houvera precipitado do firmamento da Igreja; mas a Ordem, esta, chorando a desventura do filho desgarrado, continuaria sempre formosa, resplandecente, intimamente unida à Santa Sé Apostólica; e nunca poder-se-ia inquirir com o Profeta: "Como se escureceu êste ouro fino? Como se lhe mudou o brilho de sua linda côr? Como estão espalhadas as

(203) Eccle. 3. 13.

(204) Prov. 17. 6.

(205) Frater... promittit obedientiam, et reverentiam Domino Papae Honori et successoribus suis canonicè electis et Ecclesiae Romanae. (Regula S. Patris Francisci).

pedras dêste magnífico Santuário por tôdos os cantos das ruas? Como os ínclitos filhos de Sião, cobertos do mais puro ouro, agora se contam por vasos de argila, obra da mão do oleiro?" (206)

Não ! não ! jamais tal havemos de indagar !

Não passam de alicântinas da Maçonaria o que se tem dito e escrito a êste respeito. E' um ardil de que se serve a seita hipócrita não só para tornar impopular e odioso o vosso humilde Pastor, fazendo acreditar que nem sequer os seus virtuosos Irmãos de hábito lhe aprovam os atos, senão também para desprestigiar a êsses respeitáveis sacerdotes no seio das populações religiosas dos sertões, onde gozam de grande ascendente, e exercem suma influência.

Infelizmente a calúnia já produziu parte de seus danados frutos. Não foi sem dor, e dor bem funda, que vimos um dêsses fervorosos operários da Vinha do Senhor desatendido por aqueles mesmos povos que anos há à voz de outro virtuoso Capuchinho, depuzeram a seus pés as armas insurgidas.

Que mudança !

Estejam todos de sôbre-aviso ! Acautelem-se todos com o que diz e faz a seita enganadora !

Prossigamos na nossa análise.

5.^a RAZÃO

"Considerando que êles padres jesuitas **não se têm limitado a aconselhar e animar o atual Bispo em sua rebeldia aos poderes da nação**, mas, ao contrário, têm levado a sua intervenção na referida questão, **ao ponto de enviar emissários a Roma, que não conseguiram ilaquear a bôa fé do venerando Pontífice**, adulterando os fatos e apresentando o chefe do Estado e seus ministros como mações e inimigos da religião católica, ao passo que o Bispo é por êles julgado um mártir da fé, um campeão denodado da Igreja e um ótimo pastor."

Esta razão alegada, caros Filhos, é dupla: 1.^o Os Padres Jesuitas **aconselharam e animaram o Bispo na sua rebeldia aos poderes da Nação**; 2.^o **enviaram emissários a Roma, que não conseguiram ilaquear a bôa fé do venerando Pontífice.**

(206) Quomodo obscuratum est aurum, mutatus est color optimus. dispersi sunt lapides sanctuarii in capite omnium platearum. Filii Sion incliti et amici auro primo, quomodo reputati sunt in vasa testea, opus manuum figuli? (Thren. 4. 1. 2.)

1.º Diz a peça **oficial** que os Jesuitas nos aconselharam e animaram. Mas, onde estão as provas?

Pasma a facilidade com que se afirmam tais proposições!

Este trecho é apenas um fio das urdiduras maçônicas, é o eco dos rumores espalhados pela Maçonaria, que, para tirar-nos o prestígio necessário à autoridade e para tornar aqueles Padres responsáveis pelos nossos atos, sempre se empenhou em fazer-nos passar por influenciado, inspirado, dirigido pelos Jesuitas.

Isto é tática antiga e mui sedição. A mesma acusação tem sido e é feita pelos inimigos da Igreja aos Sumos Pontífices. Há quatro anos o SS. Padre Pio IX julgou conveniente protestar contra esta aleivosa impugnação, com que tentavam empanar o deslumbrante esplendor do seu longo Pontificado.

Ouvi o que disse o Imortal Pontífice:

"A Igreja de Deus, à maneira de Rainha cercada de variedade, assim como foi aformoseada pelo nobre adorno das diversas Ordens Religiosas, assim empregou sempre os desvelados trabalhos dessas Ordens na propagação das glórias do Nome do Senhor, na expedição dos negócios da sociedade cristã, e em introduzir e promover entre os povos, por meio da instrução e da caridade, a cultura da vida civil.

"Por isso todos os inimigos da Igreja, quantos existiram em qualquer tempo, perseguiram especialmente as Ordens Regulares, e entre essas costumaram dedicar o seu principal ódio à Companhia de Jesus, por ser a que julgaram mais ativa, e por consequência mais nociva aos seus intentos. E' isto mesmo o que cheios de dôr estamos vendo fazer de novo neste momento, em que os invasores dos Nossos Estados, anciosos pela prêsã, sempre fatal aos roubadores, dão mostras de querer principiar a supressão de tôdas as Ordens Religiosas pelos Padres da Companhia de Jesus.

"Para aplanarem pois o caminho a esta iniquidade, esforçam-se por atihar contra êles as iras populares, e os accusam de inimigos do atual govêrno, e sobretudo dão o poder e valimento de que gozam junto de Nós, como causa de sermos ainda mais adversos ao mesmo regimen, e como tendo tanta fôrça sôbre Nós, para que **tudo aquilo que fazemos não seja senão pelos seus conselhos.**

"Esta estulta calúnia, se tende a cobrir-Nos com o mais profundo desprezo, julgando-Nos totalmente embotados e incapazes de tomar por Nós mesmos qualquer resolução, inteiramente se convence de absurda, sabendo todos que o Romano Pontífice, depois de implorar as luzes e o auxílio divino, faz e ordena aquilo que julga reto e útil para a Igreja, e que nas cousas mais graves costuma prevalecer-se do concurso daqueles,

a quem por mais versados na matéria de que se trata, qualquer que seja enfim o seu gráo e a sua condição, ou a Ordem Religiosa a que pertencam, julga que possam dar o seu parecer com maior sabedoria e prudência.

"E de certo não raras vezes Nos servimos também dos Padres da Companhia de Jesus, e lhes confiamos vários encargos, e principalmente o do sagrado ministério, no desempenho dos quais sempre êles nos dão maiores provas daquela dedicação e zêlo que lhes grangearam frequentes e amplísimos louvores dos Nossos Predecessores.

"Porém êste Nosso justíssimo afeto e estimação pela Companhia, sempre altamente benemérito da Igreja de Cristo, desta Santa Sé e do povo cristão, está bem longe dêsse obséquio servil que escogitam os seus detratores, cuja calúnia com indignação repelimos de Nós e da submissa dedicação daqueles ótimos Padres".

"Julgamos comtudo dever fazer-vos estas declarações, Venerável Irmão Nosso, não só para que sejam manifestas as insídias tecidas contra a Companhia, mas também para que o Nosso Juízo, torpe e loucamente contorcido e desfigurado apareça qual é, e fique consignado um novo testemunho da Nossa grandíssima afeição à mesma ínclita Companhia." (207)

Não podemos melhor responder à insidiosa imputação que se nos faz e aos preclaros Padres Jesuitas, do que fazendo nossas, **mutatis mutandis**, as palavras do grande Papa, as quais admiravelmente traduzem os nossos sentimentos a respeito da ilustre Companhia, e no todo se aplicam às nossas circunstâncias.

Mas, admitamos, por um momento, que seja perfeitamente fundada a acusação da peça **oficial**. Será, porém, crime, e crime de ser punido com pena de banimento, dar e pedir conselhos?

Em que código, em que legislação, em que país do mundo civilizado ou bárbaro nunca tal se vio?

Há aí, Irmãos e Filhos caríssimos, uma proposição sobremodo ofensiva do nosso caráter Episcopal, que não podemos deixar passar sem reparo.

Diz o documento **oficial** que os Jesuitas aconselharam e animaram o **atual Bispo em sua rebeldia aos poderes da nação**.

Não! não somos rebelde aos altos poderes do Estado!... antes nos ufanamos de lhes ser muito submisso, e com a mesma fidelidade com que nos esforçamos por observar as veneráveis disposições da

(207) Breve de 2 de Março de 1871, ao Erm. Cardeal Vigário.

Igreja, alegre e pressuroso cumpriremos sempre as prescrições e decretos do poder civil, tôdas as vezes que êstes não ultrapassem os limites de sua alçada. Enquanto damos a Deus o que é de Deus, jamais deixaremos de dar a Cesar o que é de Cesar.

E como poderíamos nós ser fiel ao que devemos a Cesar, se fomos infiel ao que a Deus devemos?

Há leis do Estado que são manifestamente contrárias à vontade de Deus, ofensivas da Fé católica, invasoras dos direitos e prerrogativas da Igreja; e as há que são conformes à vontade divina, justas e retas: quem desobedecer àquelas, diz a Mestra infalível da verdade, pelo órgão do grande luminar de Hipona, cumpre o seu dever e torna-se credor de grande prêmio; quem negar obediência a estas, comete culpa grave e se constitue merecedor de grande castigo: **Quicumque legibus imperatorum quae contra Dei voluntatem feruntur obtemperare non vult, acquirit grande premium; quicumque autem legibus imperatorum quae pro Dei voluntate feruntur, obtemperare non vult, acquirit grande supplicium.** (208)

Esta é justamente a triste e dolorosa colisão em que nos achamos: ou tornarmó-nos digno de merecimento, não abraçando os princípios condenados pela Igreja e não obtemperando a prescrições injustas; ou constituirmo-nos réo de enorme delito, e incorreremos nas iras celestes, adotando como verdades a erros fulminados pelo Vigário de Jesus Cristo, obedecendo a mandamentos contrários à vontade divina.

Preferimos então desagradar aos homens para não desagradar a Deus. E assim praticando, cumprimos a nossa estrita obrigação: desobedecemos a Cesar, para não desobedecer a Deus.

Ah! lembrem-se os que nos condenam por haver assim procedido, nunca esqueçam os que governam que não será jamais fiel ao rei quem não o é primeiro a Deus!!!

2.º Os Jesuítas enviaram emissários a Roma.

Foi o vosso humilde Pastor, diletos Filhos em Jesus Cristo, como bem se depreende do documento 7.º quem enviou alguém a Roma e mandou ao Padre Sottovia enviasse de novo outra pessoa.

Ora, sendo os Padres Jesuítas sacerdotes católicos, auxiliares dos Bispos, e estando, além disto, debaixo da sua jurisdição, que lhes cumpria fazer, senão obedecer?

E será crime, crime merecedor de banimento, ir ou mandar a Roma, tratar com o Pai comum dos fieis?

(208) S. August Epist. ad Bonif. De correct. Donat.

Pois, aos inimigos da Igreja, à ímpia Maçonaria é permitido mandar, um, dous, três e mais emissários a Roma para contorcer os fatos, obscurecer a verdade dos acontecimentos, e só a um Bispo católico não é ilícito lá mandar alguém para defender-se com documentos autênticos e desmanchar a teia delgada e sútil da aranha maçônica?

Que lógica! que direito!

O que se deu tanto de uma como de outra parte não é novo, antes muito antigo na história da Igreja.

Em todos os tempos, os inimigos da Igreja caluniaram os Bispos zelosos; e os herejes, indo ou mandando a Roma, com a mais refinada hipocrisia, tentaram, sem que jámais o conseguissem, surpreender a boa fé do Sumo Pontífice: junto a Cadeira de Pedro nunca teve acesso a perfídia: **Ad quam perfidia habere non potesd accessum.** (209)

Em tais emergências Bispos, como Santo Atanázio, S. João Crisóstomo, Santo Agostinho, nunca deixaram de enviar alguém a Roma, nem cartas aos Papas S. Júlio e Santo Inocência, repondo a verdade adulterada pelos Arianos, Pelagianos e demais herejes. E não consta dos anais eclesiásticas que fossem os enviados deportados nem sofressem outra qualquer pena.

Diz a peça **oficial** que os Padres Jesuitas **hão conseguido ilaquear a boa fé do Venerando Pontífice.**

Vai nesta pequena frase grande ultrage feito não só ao caráter dos Padres Jesuitas, como e principalmente à augusta pessoa do Vigário de Jesus Cristo.

Protestamos contra tamanha injúria e passamô-la em silêncio...

Diz mais o documento **oficial** que tal conseguiram os Jesuitas, **adulterando os fatos e apresentando os ministros como mações e inimigos da Religião Católica.**

Sempre acusações sem provas!

Donde se infere tão grave imputação?

A outrem que não aos Padres Jesuitas referem-se as seguintes palavras do Santíssimo Padre: "De muito boamente tomamos conhecimento de cada uma das circunstâncias dos fatos relativos a todo o conflito do Episcopado brasileiro contra o maçonismo, **fatos não levemente obscurecidos por aquele que a Nós viera tratar dêste negócio,**

e cuja sinceridade os acontecimentos posteriores vieram ainda mais claramente manifestar." (210)

Não nos provaram que os Jesuitas houvessem apresentado os ministros, todos ou em parte, como maçons; nem nós tão pouco o sabemos. Qual, porém, seja a verdade acêrca do maçonismo de alguns Exms. ministros, vós bem a conheceis, Irmãos e Filhos muito amados.

A dupla razão alegada neste **considerando**, que acabamos de analisar, é, como vistes, Filhos caríssimos, fútil a mais não ser e nunca poderia servir de fundamento para a deportação dos Padres Jesuitas, nem mesmo quando exatas fossem as acusações articuladas contr'êles.

6.^a RAZÃO

"Considerando que **tais conceitos têm sido**, por mais de uma vez, **manifestados do púlpito a pessoas simples e ignorantes, expondo destarte os agentes do govêrno ao ódio e à execração das turbas fanáticas."**

Mas, quando, em que parte do Bispado de Pernambuco, em que cidade, em que igreja, em que púlpito se deu êste fato?

Que é das provas? Onde estão as testemunhas? onde os documentos?

Que os Padres Jesuitas tenham falado contra a Maçonaria, assim como tem falado e escrito o vosso humilde Pastor, e em Deus espera continuar para premunir as suas queridas ovelhas, não duvidamos; que hajam elogiado o procedimento dos Bispos perseguidos, também acreditamos. O que, porém, não podemos admitir e até cremos ser vergonhosa calúnia, enquanto não nos exhibirem provas irrefragáveis, é que tenham êles prégado contra os agentes do govêrno (a menos que estes agentes sejam as Lojas Maçônicas) **expondo-os destarte ao ódio e à execração das turbas fanáticas.**

A razão alegada neste **considerando** basea-se numa imputação inteiramente gratuita, e não fundamentada; portanto, enquanto não nos provarem o contrário, não poderá ela justificar a violenta expulsão dos Jesuitas.

(210) Perlibenter didicimus singula factorum adjuncta. quae de toto Brasiliensis Episcopatus conflictu adversus massonismum non leviter obscurata fuerant ab illo, qui hac de re acturus ad Nos venerat et cujus fidem posteriora facta clarius etiam ostenderunt. (Lêtr. Apostol. de Maio de 1874).

7.^a RAZÃO

-Considerando que os sobreditos padres jesuitas **se hão constituido**, nesta diocese, o centro de todo o poder eclesiástico, a ponto de manterem frequente correspondência com grande número de párocos e clérigos **que lhes prestam cega obediência**, e de serem encarregados pelo próprio Bispo de aconselhar e animar os governadores e autoridades aclesiásticas na luta que, diz êle, vai recrudescer."

Que estupenda acusação !

Os Jesuitas **se hão constituido**, na Diocese de Pernambuco, **centro de todo o poder eclesiástico ! Os Párocos e os demais clérigos lhes prestam cega obediência !**

Mas, ainda uma vez perguntamos, onde estão as provas disto ?

Admira, pasma, causa assombro a facilidade e calma com que se fazem imputações tão graves, se acumulam acusações, cada qual a mais pesada, em um documento público, **oficial**, e nem sequer **UMA SÓ PROVA** se declina !

Quem é o centro da Autoridade eclesiástica na Diocese de Olinda ?

Não será aquele que deixamos em nosso lugar ?

Quem dá dispensas matrimoniais ? quem despacha outras dispensas e licenças ? quem nomeia ou demite os Párocos e Coadjuutores ? quem lhes confere ou tira as faculdades, a êles e aos demais sacerdotes ?

Não é o Governador do Bispado, delegado nosso ?

Como então se ousa afirmar **oficialmente** o contrário ?

Nunca nos constou que os Padres Jesuitas houvessem exercido semelhantes poderes. Se, porém, tal fizeram, o que é inverosímil, desde já declaramos nulas, irritas, de nenhum efeito, tôdas as dispensas, tôdas as nomeações, tôdas as demissões, tôdas as faculdades por êles conferidas.

Mas, pedimos, instantemente que se nos cite um só dêesses atos praticados pelos Padres Jesuitas !

Dizer que êles **se hão constituido o centro de todo o poder eclesiástico** e que **os Párocos e demais clérigos lhes prestam cega obediência** é caluniar escandalosamente a uns e outros !

Desafiamos a quem quer que seja a provar-nos o contrário !

Um dos crimes dos Jesuitas é terem correspondência com os Párocos !

Ora, sendo missionários êsses venerandos sacerdotes, recebendo convites dos Párocos para irem pregar em suas respectivas freguezias, devendo responder-lhes — sim ou não —, que admira tal correspondência ?

E desde quando no Brasil, ou em parte alguma do mundo, receber cartas e responder é crime, e crime de banimento?

Com efeito! E' incrível!!!

Outro delito dos Jesuitas é o lhes havermos pedido aconselhassem os Governadores, e orassem por êles, **na luta que ia recrudescer**.

Já mostramos que dar e receber conselhos nunca foi crime de ser punido com pena de deportação.

Além disto, aquele mesmo pedido fizemos a vários outros sacerdotes brasileiros da nossa Diocese que mais se nos recomendam pelas suas luzes, prudência, experiência e pureza de costumes.

E seria preciso ser águia para conhecer que a **luta ia recrudescer**?

Se muito antes, quando se propalava que a questão religiosa ia afinal ter paradeiro, que o govêrno ia volver ao bom caminho, visto como mandava pagar os atrasados vencimentos dos Párocos e dos Lentes do Seminário, nunca tal acreditamos, e sempre avaliamos isto tática semelhante à da serpente que simula recuar, e se enrosca, para melhor atirar o bote fatal; com maioria de razão assim pensavamos, depois do dia 6 de Novembro do ano passado, quando os jornais anunciaram que os Governadores do Pará e Olinda iam ser intimados para levantarem os interditos.

Nada mais natural que desde então previssemos processos, condenações, deportações e outras arbitrariedades com que sóe impôr-se o direito da fôrça; e assim anunciassemos que a **luta ia recrudescer**, quando ela já estava recrudescente.

A razão, Irmãos e Filhos diletísimos, consignada nêste **considerando**, estriba-se pois sôbre o fundamento inconsistente de uma calúnia revoltante, que nem ao menos visos de verosimilhança apresenta.

Decidi se pôde ela autorisar a deportação de Padres, além de inocentes, recomendáveis a todos os títulos.

8.^a RAZÃO

"Considerando que é público e notório, e depreende-se da leitura dos documentos citados sob os ns. 8 a 11, que os mencionados padres Jesuitas **conceberam o plano de um movimento sedicioso, que devia ser dirigido pelo padre Ibiapina**, a quem se insinuou que, sob o pretexto de vir buscar uma imagem em S. Lourenço da Mata, **devia arrastar após si o povo do sertão**, o que não se levou a efeito, ou porque o padre Ibiapina não se quizesse prestar a isso, ou porque, como mandou dizer o Jesuita padre Onorati, aquele sacerdote, com os seus 70 anos e enfer-

midades era agora mais próprio para cuidar do govêrno de suas vinte casas do que de outras missões."

Esta razão é gravíssima !

1.º Os Padres Jesuítas conceberam o plano de um movimento sedicioso, que devia ser dirigido pelo Padre Ibiapina.

2.º Êste Padre, a pretexto de ir buscar uma imagem em S. Lourenço da Mata, devia arrastar após si o povo do sertão.

3.º Isto é público e notório e depreende-se da leitura dos documentos ns. 8, 9, 10 e 11.

Tal é o que diz a peça **oficial** !

De nossa parte garantimos que para nós tais cousas nunca foram **públicas e notórias**; porquanto delas só tivemos notícia, quando lemos a Portaria de 21 de Dezembro do ano próximo passado.

Vejamos porém se isto se **depreende** dos quatro documentos mencionados.

O 8.º documento a que se alude a êste respeito diz o seguinte:

"Quanto ao pedido que V. Revm. me inculcou tão repetidas vezes, que eu faça àquele santo varão, padre Ibiapina, se êle vier cá não o deixarei; porém duvidô muito que êle venha, por várias razões que êle nêstes últimos dias deu, em resposta a uma minha que lhe escrevi solicitando a sua vinda. Parece-me que, **cansado por seus grandes trabalhos na vida de missionário**, com sua idade de 70 anos, queira mais cuidar do govêrno de suas vinte casas, que de outras missões."

A palavra **missão**, é verdade, pode ter dous sentidos: ou o sentido de encargo, incumbência, etc., ou o de práticas, pregações de Missionário.

Ora, mete-se pelos olhos aos mais míopes que a palavra **missões**, aqui empregada no plural, depois de se haver falado em **santo varão cansado por seus grandes trabalhos na vida de MISSIONÁRIO**, só pôde ser tomada na segunda acepção; e que a ida do Missionário padre Ibiapina à Baixa Verde e a S. Lourenço tinha por fim **pregar missões**.

Êste é que é o sentido óbvio e verdadeiro da palavra **missões** empregada pelo padre Onorati; e por mais que se esforcem por contorcê-lo e envenená-lo, cada vez mais patente se torna êle do contexto dos três seguintes documentos.

Agora, dissei, Filhos diletísimos, **depreende-se** dêste primeiro documento que os Padres Jesuítas houvessem **concebido o plano de um movimento sedicioso, que devia ser dirigido pelo padre Ibiapina** ?

Depreende-se daí que o Padre Ibiapina, **sob pretexto de ir buscar uma imagem em S. Lourenço da Mata, devia arrastar após si o povo do sertão** ?

De certo que não !

Vejamos se tal se **depreende** do 9.º documento.

Êi-lo:

"Será amanhã, porque há portador, que hei de escrever ao Ibiapina, o qual acha-se em missão para as partes de Garabira. Soube ontem que êle me escreveu; mas até esta hora ainda não recebi essa carta, por estar o portador demorado em Gravatá de Jaburú. Não me esqueço da pretensão do meu amigo e nêste sentido instarei com êle afim de ver o meu amigo satisfeito; mas desde já lhe advirto que faz-se necessário a ida do dito padre à Baixa-Verde primeiro do qua aí em S. Lourenço. Convém irmo-nos firmando acolá, de maneira que possamos (embora a operação seja de tempo), atingir o desideratum que almejamos. Em conclusão, declaro a V. Revma. que vou empenhar-me com Ibiapina para êste ir a S. Lourenço, apenas acabar a **santa missão** de Baixa-Verde."

Êste trecho, como estais vendo, caros Filhos, esclarece ainda melhor o sentido já por demais óbvio do antecedente; mas nem de leve se pôde dêle **depreender** nenhuma das pesadíssimas acusações formuladas no documento **oficial**.

Já lá vão dois documentos invocados de falso.

Examinemos o 10.º documento.

"Uma carta do bacharel Souza Rangel, de 10 de Junho ao padre Sottovia, na qual se encontra o tópico seguinte: "Se já tiver notícia **da missão da Baixa-Verde** não deixe V. Revma. de comunicar-me."

Que prova êste documento ?

Êste documento nada, absolutamente nada, prova contra os Padres Jesuitas; prova, antes, e confirma o verdadeiro sentido da palavra **missão**, pregação de Missionário.

Depreende-se dêle o que pretende a peça **oficial** ?

Não ! E nem tão pouco do 11.º documento.

"Acabo de redigir, em nome da União Católica, um requerimento à Assembléa desta província, pedindo que mande pôr à disposição de D. Vital o produto dos dízimos. Não espero resultado, e até receio que se abafe o requerimento, mas desejo levar ao seio dessa corporação algum estimulante e não me ocorre outro."

"Em outras cartas posteriores do referido bacharel, lê-se o que se segue: "Padre Negri me disse: "Cumpre sair, só ficaríamos, se tivéssemos famílias que nos recebessem nas condições que nos convem." Não disse e nem posso saber quais as condições a que se referiu o amável padre Negri. Quaisquer que elas sejam eu as aceito, porque o jugo de Jesus é suave e o pêso leve. Comecei a novena de S. João, e é propósito meu

fazer aparecer o retrato de D. Vital sob docel, e muito sinto não ter o do Bispo do Pará e o do Santíssimo Papa, para os fazer também aparecer."

E' incrível ! Parece que se mofa do bom senso público e do critério de uma Nação católica !

Ora, digei, Irmãos e Filhos da minha alma, poder-se-á jámais inferir d'êste documento: 1.º que **os Padres Jesuitas conceberam o plano de um movimento sedicioso**; 2.º que o **Missionário Padre Ibiapina, a pretexto de ir buscar uma imagem em S. Lourenço da Mata, devia arrastar após si o povo do sertão ?**

Entretanto que o afirma o documento **oficial** !

O' tempora ! O' mores !

Todo êste **considerando**, que temos analisado, é por mais uma cá-lúnia, que de modo algum pôde servir de razão para deportar sacerdotes inocentes.

Investiguemos a última razão, que sem dúvida há de ser a mais valiosa e melhor fundamentada; talvez que no último **considerando** encontremos a prova cabal, irrecusável, esmagadora, de tôdas as acusações que foram articuladas pela peça **oficial** e até aqui ainda não provadas.

Desenganar-nos-emos bem depressa.

9.ª RAZÃO

"Considerando, finalmente, que a permanência dos padres Jesuitas nesta província é **perigosa ao socêgo e à tranquilidade pública, e prejudicial aos interesses católicos.**"

A digna peça **oficial** quiz acabar como havia principiado — sempre acusando e nunca provando !

Que deplorável sistema !

Porque ao menos se não provaram estas últimas acusações ?

... Se são os Padres Jesuitas perigosos à tranquilidade pública, se fazem revoluções, oh ! porque não foram responsabilizados ? porque não foram julgados ? porque não foram convencidos do crime de sedição ? porque não foram confundidos com provas peremptórias, esmagadoras ?

Ah ! não o foram porque não podiam sê-lo !

Os Jesuitas **são prejudiciais aos interesses católicos !**

Só por escárneo isto se poderá escrever !

Em todo o caso mais juizes são neste ponto os Pastores das almas, do que leigos, e leigos mações, os quais, ao passo que se arvoram em zeladores, defensores, tutores dos interesses católicos, processam, con-

denam, encarceram os Bispos católicos e seus delegados, incorrendo destarte em pena de excomunhão **latæ sententiæ**.

A verdade, porém, é o contrário do alegado neste último **considerando**.

Os Padres Jesuitas, pregando aos povos paz e concórdia entre si, respeito e fidelidade aos poderes legitimamente constituídos, submissão e obediência às leis do país, amor e observância dos mandamentos da lei de Deus e de sua Igreja Santa; aconselhando no sagrado tribunal da Penitência a prática das virtudes cívicas e religiosas a velhos e mancebos, a grandes e pequenos, a ricos e pobres, a sábios e insipientes; educando cristãmente a nossa infância e juventude, gravando-lhes bem-fundo no ânimo os princípios de ordem, paz, justiça e dever; ateando-lhes no peito o sáculo fogo do pátrio e divino amor, só podiam ser úteis, e até necessários, ao socêgo e tranquilidade pública e aos interesses católicos.

Mas, é que se tem mêdo do ensino católico, ao qual se acoima de **ultramontanismo, jesuitismo, romanismo**, etc.

Tarde, porém, compreender-se-á, talvez, o êrro gravíssimo que se cometeu, ainda politicamente falando. O exemplo não é para animar a emigração de colonos católicos, ou de qualquer estrangeiro, de que em alto gráo há mister a pátria querida.

Em conclusão, esta última razão que deveria ser a chave de ouro da argumentação **oficial**, não só não justifica de modo algum a deportação dos Padres Jesuitas, mas até condena-a como anti-religiosa e anti-social.

Aí estão, Irmãos e Filhos diletíssimos, os autos do corpo de delicto dos ínclitos Padres Jesuitas. Examinamos uma por uma tôdas as razões do banimento dêsses venerandos Sacerdotes, e qual delas achamos fundamentada?

Amontoaram-se acusações sôbre acusações, cada qual mais pesada; fizeram-se imputações as mais graves, recriminações caluniosas a inocentes sacerdotes estrangeiros, e nem sequer o menor vislumbre de prova se apresentou!

E' o caso de repetirmos dolorosamente com o Profeta: **Advenam, opprimebant calunnia, absque judicio!** (211)

Assim se procedeu em negócio de tanta magnitude e transcendência ! Isto praticou-se em um país católico, contra sacerdotes católicos, e por motivo da Religião católica, Religião do Estado !

Sim ! por motivo da Religião católica foram expulsos de Pernambuco os Padres Jesuitas ! E' o que se conclue da peça **oficial**; é o que daí se torna patente, manifesto, claro, como a luz do sol em pleno dia !

Incontestavelmente a única razão da violenta expulsão daqueles preclaros ministros do Senhor, que não dobraram o joelho ante o grande ídolo da hodierna apostasia, — **qui non curvaverunt genua ante Baal** (212) — foi terem êles preferido acompanhar, ajudar, prestar o seu concurso aos Bispos perseguidos no desempenho do Munus Pastoral, do que favorecer pela inação, silêncio, abstenção, a obra iníqua da sacrílega Maçonaria; foi antes haverem querido permanecer fieis aos princípios católicos, consagrados no **Syllabus**, do que abraçar, **saltem tacite** as subversivas e ímpias teorias maçônicas, que importam vergonhosa apostasia dos arraiais da Igreja de Jesus Cristo.

Ora, sendo assim, poderíamos, guiado pela bússola da lógica, chegar desde já à seguinte ilação: a potente Maçonaria, que, segundo disse um chefe da Maçonaria Brasileira, governou, governa e há de governar no Brasil, (213) cedo ou tarde, infligirá igual castigo aos demais Jesuitas do Império, pois todos, sem excepção de um só, tem por divisa: — **Potius mori quam fœdari**; e bem assim a todos os demais sacerdotes estrangeiros, seculares ou regulares, que se conservarem fieis aos seus deveres de católicos.

Nutrimos, porém, Irmãos e Filhos muito amados, a lisonjeira esperança de que tal nunca chegará a acontecer.

Primeiro que tudo temos a firme confiança de que Aquele que trouxe invioláveis limites ao mar, opoz-lhe dique insuperável, dizendo-lhe: — Até aqui chegarás, não passarás além e aqui virão arrebentar-se as tuas vagas entumecidas; — outro tanto fará com as ondas da impiedade; e, quando, nos inextrutáveis arcanos de sua Sabedoria infinita, julgar oportuno, com voz imperiosa, irresistível, bradará também à Maçonaria: **Detem-te ! Usque huc venies et non procedes amplius, et hic confringes tumentes fluctus tuos !** (214)

(212) Ad. Rom. 11, 4.

(213) Saldanha Marinho. Discurso proferido na Assembléa Maçonica de 27 de Abril de 1872, pag. 18.

(214) Job. 38. 11.

Confiamos, além disso, e conosco todos os católicos brasileiros, que Aquele, em cujas mãos imperiais repousam os destinos da cara pátria, jámais consentirá em tamanha iniquidade, nem permitirá que imensa maioria de seus súditos mass fieis e dedicados seja privada dos auxílios espirituais desses zelosos e santos ministros de Jesus Cristo.

Alimentamos a doce esperança de que, apenas o nosso Augusto Monarca chegue a convencer-se de que a Maçonaria brasileira é tão infensa ao altar e ao trono, como a de todo o mundo, fechando-lhe incontinente as avenidas do Poder, não só inibirá de que se realise a ousada ameaça do chefe maçônico acima mencionado, senão também impedirá que se efetuem os tenebrosos planos da seita anti-católica.

Serão frustradas as nossas esperanças?

IX

Tiremos agora, Irmãos e Filhos diletísimos, algumas conclusões práticas; fixemos particularmente as nossas vistas sôbre tres pontos capitais:

1.^o **A Maçonaria.** — Conheceis o fim da seita manhosa; conheceis-lhe os sacrílegos intentos; conheceis as ciladas que ela não cessa de armar aos incautos. Pois bem ! evitai-as com o maior cuidado.

A todos ora nos dirigimos, mas com especialidade a vós, ó homens iludidos, que julgais que a Maçonaria só consiste em beneficências e banquetes; a vós, ó mações, de grãos inferiores, que, ignorando os segredos da seita, supondes que ela não é hostil à Igreja, nem ao Estado.

Meditai bem, meditai profundamente, ó homens de boa fé, nas seguintes palavras de um grande mação:

"No alto da Ordem estão os homens perversos que não desejam senão riquezas, dominação e gôzo, e para os quais todos os meios são bons, com tanto que sirvam para conseguir o fim. Mais abaixo estão aqueles que julgam ter alcançado o último grão, **enquanto que nem sequer tem subido o primeiro degrão do templo que lhes é desconhecido.**

"Em primeiro lugar estão os **entusiastas** que querem propagar o reinado da razão, custe o que custar; segue-se depois os **limitados** que se contentam em contribuir com a bolsa para a obra comum. Cada uma destas categorias julga benêvolamente que é a chave da abóbada de tôda a Ordem; um Venerável dos **limitados** não ficaria pouco surpreendido, sabendo que acima dêle estão os **entusiastas**, e estes vos trata-

riam de impostor se pretendesais que eles mesmos não são mais que um juguete dos intrigantes." (215)

Ainda uma vez vos recomendamos, meditaí muito nestas palavras, escritas não por algum **profano**, ignaro dos arcanos da Maçonaria, senão por um mação de alto grão.

Se tendes, ó Filhos da minha alma, a ventura de não ser filiados à seita impia, continuaí a tugi-la, como do maior inimigo da Religião e do Estado. Se, porém, tendes a desdita de lhe estar ligados, ah ! rompeí sem perda de tempo as vossas ignominiosas cadeias ! espedagai, quanto antes, os aviltantes grilhões que a ela vos prendem ! não deis mais um só passo avante ! arrepiai carreira !

Ouvi com atenção o sensato conselho que vos dá o mui abalísado irmão **Philon** (o Barão de Kinigg) o mais famoso, mais instruído e mais ativo chefe do Iluminismo no século passado:

"Ocupei-me, diz este alto personagem maçônico, por tanto tempo destes objetos que ousou invocar a minha experiência, e posso, com conhecimento de causa, aconselhar a todo o joven ativo e laborioso, **que não se agregue a nenhuma sociedade secreta, qualquer que seja o nome com que se adorne.**

"Na verdade, elas não são tôdas repreensíveis no mesmo grão, mas são tôdas, sem distinção, **inúteis ou perigosas.**

"São **inúteis**; porque, na época em que vivemos, não há necessidade de esconder debaixo do véo do mistério qualquer doutrina. . .

"São **perigosas e funestas**; porque todo o ato misterioso provoca suspeitas legítimas;

"Porque aqueles que têm a missão de velar pelo bem da sociedade civil, estão por isso mesmo encarregados de indagar o fim de tôda e qualquer sociedade; sem o que, debaixo do véo das trévas, se poderiam ocultar planos perigosos e doutrinas funestas, da mesma sorte que ali se poderia mirar a fins vantajosos;

-Porque **os membros iniciados nem todos estão ao fato das intenções perversas que muitas vezes se têm o cuidado de dissimular debaixo das mais belas aparências;**

"Porque só os espíritos mediocres se deixam encerrar neste círculo, ao passo que os homens superiores ou recuam depressa, ou se abismam e degeneram, ou seguem uma direção oblíqua, ou finalmente se apoderam do domínio à custa dos outros;

"Porque, as mais das vezes, **chefes desconhecidos** se conservam por detraz da cortina, e é indigno de um homem de inteligência e de coragem trabalhar na execução de um plano que ignora, cuja bondade e importância não lhe são afiançadas senão por homens que não conhece, com os quais contrai compromissos sem reciprocidade, sem saber de quem se deve queixar, pois que não há ninguém que se apresente como fiador;

"Porque intrigantes e vadios exploram estas sociedades, impõe-se-lhes e levam-nas a partilhar suas idéias pessoais;

"Porque cada homem tem paixões que leva consigo para a associação, onde à sombra e debaixo do véo do segredo, elas têm campo mais livre que à luz do dia;

"Porque estas sociedades degeneram pouco a pouco, em consequência da escolha que fazem dos seus membros;

"Porque custam dinheiro e tempo;

"Porque desviam dos negócios sérios da vida civil, para instigarem à preguiça ou à ocupação sem fim;

"Porque se tornam em breve um lugar de reunião para todos os aventureiros e mandriões;

"Porque protegem tôda a espécie de fanatismo político, religioso e filosófico;

"Porque geram um perigoso espírito de associação e lançam as sementes dos maiores males;

"Porque, finalmente, **são ocasião das conspirações, das dissensões, das perseguições da intolerância e da injustiça**, não só para com os irmãos associados, como também para com bons maçons que não são membros da nossa Ordem, ou que não são partidários do mesmo sistema.

"E' esta a minha profissão de fé a respeito das sociedades secretas. E haverá alguma delas a que se não possam fazer algumas destas acusações?" (216)

Eis aí bem poderosos motivos para que ninguém seja maçã !

A estas razões puramente naturais e humanas, alegadas por um dos chefes da Maçonaria, acrescentai agora, Filhos diletísimos, as de ordem sobrenatural, a pena de excomunhão, por exemplo, fulminada pelos Romanos Pontífices contra as sociedades maçônicas.

À vista de tudo isto cumpre-nos não só fugir da Maçonaria, senão também esforçar-nos por neutralizar-lhe a ação dissolvente, opor uma

remora, por todos os meios lícitos e permitidos, ao curso impetuoso do espírito maçônico que tudo invade e tudo ameaça destruir. Êle já penetrou nas escolas de instrução primária, nos colégios, nas academias, na magistratura, nos tribunais, nos parlamentos e até nos governos.

Não é isto o que ora estamos vendo no mundo inteiro?

Por tôda a parte o ar está como impregnado dêste tóxico letal; de sorte que a pouco e pouco, insensivelmente, vamos bebendo com o ambiente que se respira a sútil peçonha dos princípios maçônicos, elemento de desorganização, que produz inevitavelmente a morte e a decomposição do corpo social.

O pátrio amor impõe-nos a todos nós Brasileiros o dever imprescindível de empenharmo-nos em preservar a nossa cara pátria do influxo deletério da Maçonaria e de seus princípios corruptores; porque ai do país onde êles dominam!

Coitado! "Aí a autoridade cae em aviltamento, a magestade do trono é calçada aos pés, o crime fica impune, a propriedade invadida, a fôrça pública sem ação, a inocência oprimida, a justiça sem vigor, todos os vícios acatados; as leis só são promulgadas para terror dos que as respeitam.

Aí a intriga, o orgulho, o interêsse abrem caminho aos primeiros lugares do Estado, nêles se sustentam pelo crime e injustiça, abusam da autoridade de que estão revestidos, para desgraça de todos quantos a ela recorrem.

"Apoderam-se dos capitais públicos, dissipam-nos em assalariar facções, declamam contra vícios, para desviar as vistas dos ináuditos flagícios que cometem; cercam-se de todos os homens gastos pela crápula e pela devassidão, de todos os bandidos afeitos a grandes crimes e para quem nada há sagrado; parece que punem com exagerada severidade as faltas leves contra a ordem pública, e nem ao menos quererão examinar os crimes que solapam as bases do Estado.

"Afugentam o crédito, a fortuna pública, os melhores cidadãos, os mais hábeis artistas; privam o Estado de todos os socorros e dizem que está regenerado, que goza de liberdade e que todos são felizes.

"Os princípios de moral são combatidos, a verdadeira Religião é proscrita para dar lugar ao êrro e a todas as heresias; os costumes se corrompem, o vício frue das honras devidas à virtude, e dizem que a verdade voltou ao mundo, que a tocha da filosofia iluminou os homens, e que os filósofos devem ser honrados como deuses, em consequência dos bens com que locupletaram o gênero humano.

"Os templos, dedicados à divindade, mudam de destino e são consagrados à filosofia para servir de panteon, onde os filósofos recebem as homenagens que lhes tributa a **pátria reconhecida**.

"Exigem juramentos, perseguem desapiedadamente aos que têm a delicadeza de não querer prestá-los, ao passo que infringem-nos por brincedo ou desprezam-nos. Bem alto exalçam o nome de probidade e virtude, mas não têm boa fé nem justiça. Tudo prometem e nada cumprem; julgam-se obrigados por dever a esmagar as almas virtuosas e favorecer, honrar os corações mirrados pelo hábito do crime, cuja existência é carga para o Estado e objeto de execração para os cidadãos dedicados à felicidade da pátria.

"Afeta-se destruir tudo o que pertence ao antigo regimen, para substituir-lhe novas instituições, infinitamente mais dispendiosas ao Estado; diz-se que só se deseja governar com as leis, e se infringem tôdas elas abertamente, ou se permite sejam violadas para oprimir aqueles cuja virtude é censura que confunde os ímpios.

"Discursa-se de modo o mais capaz de iludir o povo e encadear-lhe a fôrça, ou obra-se em sêgrêdo, de maneira a fazê-la sucumbir sob a opressão do vício; porquanto do que não é êle susceptível desde que não há mais barreiras que o contenham ?

"Parece que S. Pedro previu as insídias e seduções de tais homens, quando disse: "Entre vós haverá falsos doutores, que encobertamente introduzirão seitas perversas e negarão a Jesus Cristo que os remio, atãrindo sôbre si repentina perdição. Muitos seguirão as impurezas dêles, aprovarão as blasfêmias que vomitarem contra o caminho da verdade; vos embairão com palavras falazes e por dinheiro obterão o vosso consentimento." **In vobis erunt magistri mendaces, qui introducent sectas perditionis, et eum qui emit eos Dominum negant, superducentes sibi celerem perditionem. Et multi sequentur eorum luxurias, per quos via veritatis blasphemabitur. Et in avaritia fictis verbis de vobis negotiabuntur.**" (2. Epist. 2. 1-3). (217)

Eis aí o estado mísero, deplorável, consternador, a que fico reduzido o país onde domina a Maçonaria !

Bem diz o Espírito Santo que a justiça exalta as nações, ao passo que o pecado torna os povos desgraçados ! (218)

Caro Brasil ! ó pátria estremeçada ! livre-te Deus de tão lástimoso estado !

(217) Lefranc. Conjuración contre la Religion et les souverains. Chap. IX.

(218) Justitia elevat gentes; populos autem miseros facit peccatum. Prov. 14. 34.

2.º **Os Jesuítas.** — Em sua guerra encarniçada a tôdas as Ordens religiosas, a seita perversa distingue sempre a ínclita Companhia de Jesus por ser a que maior dano lhe causa, e maiores empecilhos lhe põe à realisação de seus negregados intentos.

Para destruir êste forte baluarte da Igreja Católica a Maçonaria não poupa esforços, não recua ante medida alguma, não escolhe meios: todos são bons ! A mentira e a calúnia, a aleivosia e a infâmia, o ferro e o fogo, tudo, tudo lhe serve para debelar o formidável inimigo !

Estejamos, portanto, de sôbre aviso, Irmãos e Filhos caríssimos; não nos deixemos surpreender em nossa bôa fé pelas falaciosas asserções e pérfidas cantilenas da seita ardilosa; não sejamos tão fáceis em acreditar acusações sem provas, calúnias revoltantes, de que todos os dias estão sendo vítimas inocentes os ilustres Padres Jesuítas.

Com a história na mão, com testemunhos insuspeitos, com a confissão dos próprios inimigos e com a lógica demonstramos à sociedade que êsses venerandos Sacerdotes têm sido sempre perseguidos por amor da Religião e pela defeza dos direitos da Igreja; o que cada vez mais aumenta-lhes o tesouro de merecimentos, realça-lhes o esplendor das virtudes, aprimora a corôa de glória que nos Céus lhes depora Aquele que na terra lhes disse de modo todo especial, na pessoa de seus Apóstolos e Discípulos: **"Beati estis cum maledixerint vobis et persecuti vos fuerint, et dixerint omne malum adversum vos mentientes, propter me. (219)**

Vós os vistes e conhecestes bem de perto; comvosco moraram muitos anos; pois bem, dizei, de que crime algum dia os achastes culpados ?

De nossa parte outra cousa não podemos fazer, senão confirmar o que, no século passado, dizia a respeito dêsses conspícuos sacerdotes o grande Bispo de Santa Ágata.

"Sinto-me penetrado, escrevia Santo Afonso de Liguori ao Santíssimo Padre Clemente XIII, da maior estima e consideração para com a Companhia de Jesus, em virtude do sumo bem que fazem êsses santos religiosos, pelos seus bons exemplos e contínuos trabalhos, nos lugares onde se acham, nas escolas, nas igrejas, nas capelas de tantas congregações que dirigem, não só pelas confissões, sermões e exercícios espirituais que pregam, senão também pelas fadigas a que se sacrificam para santificar as prisões e galés: eu mesmo posso dar testemunho do zêlo dêles, pois tive ocasião de admirá-lo." (220)

(219) Math. 5. 11.

(220) Carta de 19 de Junho de 1765.

Eis o que não podemos de modo algum calar; eis os sentimentos que não nos é possível abafar por mais tempo no íntimo do coração; eis o solene testemunho que o amor da verdade e o imperioso dever de Pastor sumamente reconhecido e eternamente grato nos impelem a dar aos virtuosos padres Jesuitas de Pernambuco, tão vergonhosamente caluniados e perseguidos: **Qui digni habiti sunt pro nomine Jesu contumeliam pati.** (221)

Enquanto não nos declinarem provas incontestáveis, o qu'ejamais poderão fazer, das gravíssimas acusações que tão levemente articularam contra a egrégia Sociedade de Jesus, continuemos, Irmãos e Filhos muito amados, continuemos a cercá-la de toda a nossa estima e respeito, de todo o nosso amor e veneração; e estejamos sempre acautelados contra os ardís, insídias e alicantinas da seita maçônica, inimiga tradicional dos Jesuitas.

3.º A Santa Sé Apostólica. — À medida que cerra os seus numerosos esquadrões e assalto a um só tempo a Igreja por todos os lados, com uma uniformidade de ação admirável, a Maçonaria envida todos os esforços para estabelecer a desunião e discórdia nos arraiaes católicos, fomenta desavenças entre os leigos, entre os eclesiásticos, e tenta introduzi-las até ao seio do Episcopado, e assim dividindo, procura enfraquecer para vencer.

Cumpre-nos, pois, diletos Filhos em Jesus Cristo, cerrar também as nossas fileiras, evitar qualquer desmembramento, para assim melhor resistirmos aos impetuosos ataques das hostes adversas. Conserve-se os leigos bem ligados aos ecclesiásticos, as ovelhas aos pastores, os fjeis aos párcos, estes ao seu Bispo, e todos nós perfeitamente unidos de coração e de espírito, de palavra e de obras ao augusto Vigário de Jesus Cristo, **príncipe do côro Apostólico, bôca dos discipulos, coluna da Igreja, firmeza da fé, fundamento da Religião.** (222)

Unidos a Pedró, que ora vive, fala e nos rege na pessoa de Pio, seremos, qual formidável exército, bem aguerrido, invencível, o espanto e terror dos nossos inimigos, a quem sempre opoemos um peito de bronze: **Terribilis ut castrorum ecies ordinata** (223): ao passo que dêle separados, seremos exército sem chefe, cujas falanges são fâcilmente desbaratadas; seremos navio sem piloto, que torna-se o juguete das ondas encapeladas; seremos corpo sem cabeça, que não pode subsistir.

(221) Act. 5. 41.

(222) S. João Chrysost. Homil. de decem mill. talent.

(223) Cant. 6. 3.

Acerquemo-nos, todos nós da sagrada Cadeira de S. Pedro que é, na elegante linguagem do grande luminar da Igreja de Cartago, o foco da luz da fé, que se irradia por todo o orbe; o tronco da árvore frondosa da vida, cujos ramos estendem-se até os mais longínquos limites da terra; a fonte cristalina donde deflue o rio caudal da graça, cujas águas salutíferas banham tôdas as regiões do globo. (224)

Sim! estreitemo-nos mais e mais à Santa Sé, não só para sustentá-la, defendê-la dos assaltos e golpes sacrílegos do camartelo maçônico, senão também, e principalmente, no próprio interesse. Ah! se perdessemos de vista um instante aquele fanal divino, andariamos tateando na temerosa escuridão do erro; se nos desligássemos daquele tronco celeste, mirar-se-nos-ia a alma, perdendo a seiva de sua vida; se nos separássemos daquela fonte perene, imortal, estancando-se-nos de súbito os regatos da graça, finar-nos-íamos à míngua **dessas águas vivas que brotam para a vida eterna.** (225)

Ah! Quem da Igreja de Roma se desprende, vos dizemos com o mesmo santo Doutor, para unir-se à adúltera, separa-se das divinas promessas feitas à verdadeira Igreja, não conseguirá jamais as celestiais recompensas; porque torna-se estranho e inimigó. (226). Quem come o Cordeiro pascal fora desta casa é profano, diz S. Jerônimo; quem não estiver nesta arca de Noé há de infalivelmente perecer nas águas do dilúvio: **Quicumque extra hanc domum agnum comederit, profanus est. Siquis in Noe arca non fuerit, peribit regnante diluvio.** (227)

Quem de Roma se separa e se diz Católico Apostólico não romano, é simplesmente chismático. Poderá ser protestante, mação, hereje, mas católico, nunca! porquanto não há nem se pode comprehendêr Catolicismo sem Papa: não tem a Jesus Cristo por pai quem não presta obediência ao seu Vigário na terra, nem reconhece a sua Igreja por mãe:

(224) Quomodo solis multi radii, sed lumen unum; et rami arboris multi, sed robur unum tenace radice fundatum; et quum de fonte eno rivi plurimi defluunt, numerositas licet diffusa videatur exundantis copiae largitate, unitas tamen servatur in origine. Avelle radium solis a corpore, divisionem lucis unitas non capit... Sic et Ecclesia Domini luce perfusa, per orbem totum radios suos porrigit... Ramos suos in universam terram copia uberantis extendit, profluentes largiter rivos latius expandit. (S. Cyprían. de Unitate Eccles.)

(225) Joan. 4. 14.

(226) Quisquis ab Ecclesia segregatus adulterae jungitur, a promissis Ecclesiae separatur, nec pervenerit ad Christi proemia... Alienus est, profanus est, hostis est. (S. Cyprían. de Unitate Eccles.)

(227) Epist. XV ad Damasum.

Habere jam non potest Deum patrem, qui Ecclesiam non habet matrem. (228)

Eis, pois ! "Quem não quizer ser hereje, nem por tal passar, apresse-se, quanto antes, em dar plena satisfação à Santa Sé de Roma; cumprido êste dever, todos o reconhecerão por tôda a parte como fiel e orthodoxo. Perde o tempo em vãs palavras aquele que esta obrigação não desempenha e se não dirige ao bemaventurado Papa da Santíssima Igreja de Roma; isto é, à Sé Apostólica, que recebeu da pessoa mesma do Verbo incarnado, como proclamam todos os Concílios, o império, autoridade e poder de ligar e desligar tudo e por tôda a parte, sem restrição alguma, e que assim domina as veneráveis Igrejas disseminadas por todo o orbe." (229)

Por conseguinte, Irmãos e Filhos da minha alma ! tudo soframos calmos e resignados; porém não nos separemos jamais, nem sequer um só momento, de Roma, centró da unidade. Deixemos muito embora que nos caluniem, deixemos que nos processem, deixemos que nos arrastem à barra dos tribunais deixemos que nos condenem injustamente, deixemos que nos amontoem nas enxovias, deixemos que nos levem para o destêrro, tudo soframos alegres e de semblante risonho por amôr da Santa Igreja de Roma; mas, nunca nos desliguemos dela, a única verdadeira !

Seremos invencíveis enquanto só empregarmos esta resistência passiva !

Se acaso pedirem-nos o sacrificio da própria vida, pelo nosso apego à Santa Sé Apostólica, pela nossa fidelidade ao Viaário de Jesus Cristo, pela nossa constância na Religião Sacrosanta que sugamos com o leite materno, façamo-lo ! sim, façamo-lo generosamente !

Subamos jubilosos, com passo firme e resolutivo, os degraus do cadafalso; de joelhos, com os braços cruzados, mas com a fé viva, pura, intemerata, no sacrário do peito, estendamos plácidamente o pescoço ao ferro do algóz; nunca, porém, consintamos em ser arrancados dos braços

(228) S. Cyprian. de Unit. Eccles.

(229) Si vult haereticus non esse, nec audire... festinet prae omnibus Sedem Romanam satisfacere: hac enim satisfacta, communiter ubique omnes pium hunc et orthodoxum praedicabunt. Nam frustra solummodo loquitur qui... non satisfacit, et implorat sanctissimae Romanorum Ecclesiae beatissimum Papam, id est Apostolicam Sedem, quae ab ipso incarnato Dei Verbo, sed et omnibus sanctis synodis secundum sacros canones et terminos, universarum quae in toto terrarum orbe sunt, sanctarum Dei Ecclesiarum in omnibus et per omnia percepit et habet imperium, auctoritatem et potestatem ligandi et solvendi. (S. Maximo de Constantinopla *Epistolae fragmentum*).

amorosos de nossa Mãe estremecida e desvelada, a santa Igreja de Roma!

Oh! por amor dela abandonemos o corpo àqueles que só podem dar a morte ao corpo e nenhum poder exercem sobre a alma; mas, conservemo-nos fieis a Aquele que pode a um tempo matar corpo e alma! **Nolite timere eos qui occidunt corpus, animam autem non possunt occidere; sed potius timeate eum qui potest et animam et corpus perdere in gehennam!** (230)

Eis o que nos cumpre fazer, Irmãos e Filhos diletísimos.

Agora diremos, com S. João Crisóstomo, a cada um dos inimigos da Igreja: "E tú, ó homem, desengana-te, convence-te, nada é mais forte que a Igreja de Jesus Cristo: **Christi Ecclesia nihil fortius**. Faze paz com ela, não declara guerra ao Céu. Se pelejasses contra outro homem, igual probabilidade terias de vencer ou ser vencido; mas combatendo contra a Igreja jamais serás vencedor; porquanto Deus é mais forte que tôdas as creaturas juntas.

"Queremos nós rivalisar com o Senhor? Em que lhe somos superior? Quem tentará abalar o que êle estabeleceu e firmou? **Êle polha para a terra, e o seu olhar fá-la tremer.** Ordena, e consolida-se o que estava vacilando. Não foi êle quem disse: "Tu és Pedro e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja e as portas do inferno não prevalecerão contra ela?"

"Vê, quantos tiranos já tentaram oprimi-la! quantos combates, quantas fogueiras, quantas feras, quantas espadas agudas, quantas torturas! Entretanto nada conseguiram! **Nihil agete potuerunt!**

"Onde estão êsses inimigos tão numerosos e cheios de poder? Estão para sempre sepultados no pó do esquecimento! E a Igreja?... Essa resplandece mais que o sol no seu zenite. (231)

"Os Imperadores pagãos Augusto, Tibério, Cáio, Nero, Vespasiano, Tito e os demais até o bemaventurado Imperador Constantino, todos, com exceção perseguiram a Igreja, uns com mais outros com menos veemência... mas tôdas as suas ciladas e ataques dissiparam-se com mais facilidade do que teias de aranha: **Facilius quam araneæ telæ dissipati sunt.**

"Ao passo que a Igreja ainda perdura, porque aquilo que Jesus Cristo edificou ninguém pode destruir e o que êle destroe ninguém poderá edificar. Edificou a sua Igreja de modo que pessoa alguma jamais

(230) Math. 10. 28.

(231) Homil. ante exilium.

poderá destruí-la: **Edificavit Ecclesiam ut nemo eam destruere possit.**" (232)

Revelamos, diletos Irmãos e Filhos em Jesus Cristo, os planos e insídias, as tricas e alicantinas da Maçonaria, aterrámos a calúnia impudente e fizemos brilhar a inocência dos preclaros Padres Jesuítas injustamente perseguidos. Resta-nos o grande consôlo, temos a mais íntima satisfação de haver cumprido o nosso dever de Pastor e de Pai estre-mecido !

Faça-se agora a vontade de Deus!

Dada e passada em nossa prisão, na Fortaleza de S. João, sob o sinal e sêlo de Nossas armas, aos 29 de Março de 1875, festa da RESSUREIÇÃO DE NOSSO SENHOR JESUS CRISTO.

Lugar + do sêlo.



FREI VITAL

Bispo de Olinda.